URBANO TAVARES RODRIGUES: «UMA CIDADE CHAMADA TEIXEIRA-GOMES» (PÁG. 3)

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

TERÇA-FEIRA, 13 DE JANEIRO DE 1970 N.º 16 905 ANO 49.º PREÇO 1$50

luz verde nos caminhos da FORTUNA

1 X 2

TOTOBOLA

Refúgio na Europa para Ojukwu

admite-se em Lusaka

LUSAKA (Zâmbia), 13 — (F. P.) — O general Odumegwu Ojukwu, ex-chefe de Estado biafrense, que é esperado hoje em Lusaka poderia procurar um refúgio permanente na Europa, depois de uma breve estadia na Zâmbia onde o Governo lhe concede temporàriamente o direito de asilo, anunciaram aqui de fonte oficiosa.

RUMO A LONDRES?

LIBREVILLE (Gabão), 13 — (F. P.) — O general Ojukwu, «leader» de Biafra, estaria a caminho da Europa e provàvelmente iria a Londres a fim de procurar, como anunciou ao deixar o país, um fim honroso para o conflito nigero-biafrense.

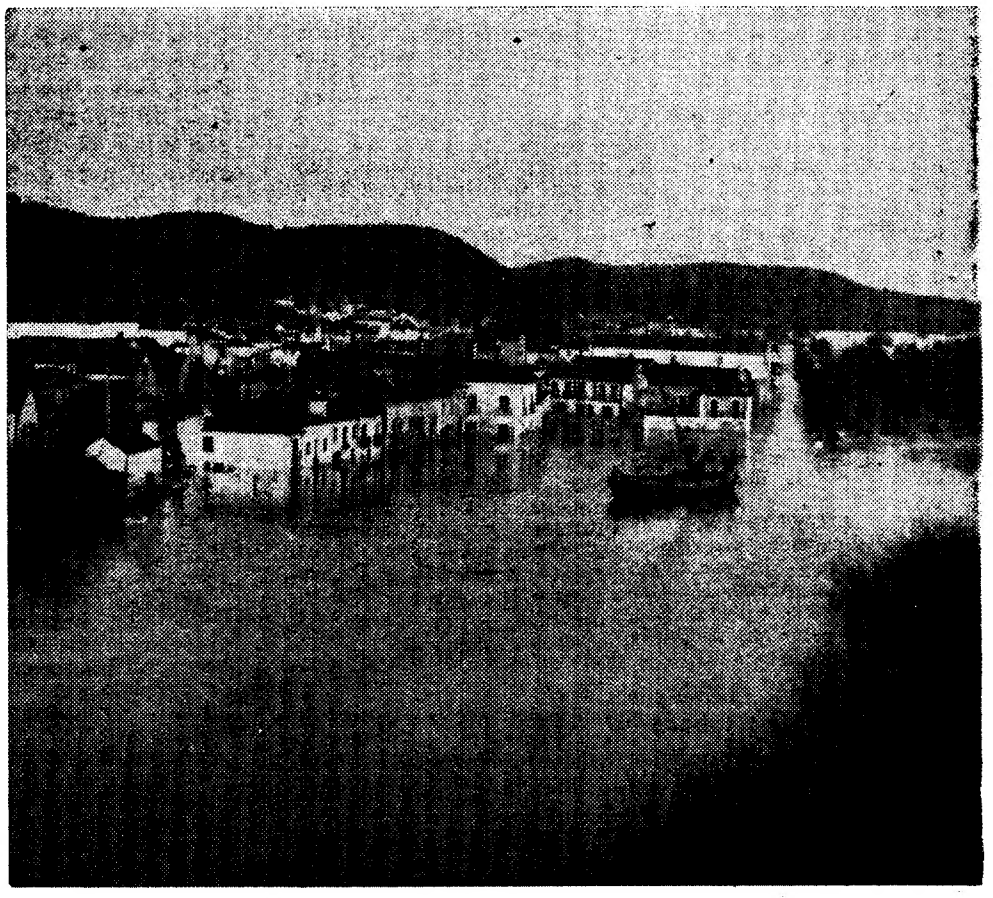
Esta declaração foi feita ontem á agência France Presse, pelo ministro da Agricultura de Biafra, Ndem, que se encontrava na companhia do representante de Biafra no Gabão. No entanto, recusou-se a indicar onde se encontrava presentemente o «leader» biafrense.

Ndem partiu de Biafra na quarta-feira passada, antes do desabar da resistência biafrense, a fim de efectuar uma visita a diversas capitais africanas. Esta noite seguiu viagem para Lusaka, onde garantiu que Ojukwu não se encontrava.

O destino do general Ojukwu continua assim a ser o mistério numero um.

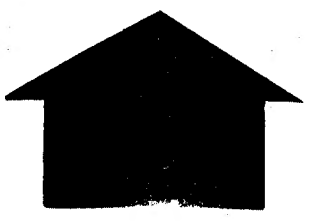
Muitos jornalistas franceses e americanos chega-

(Continua na ultima página)



O Tejo está a descer, embora o alívio se meça ainda por dezenas de centímetros. Em grande parte da lezíria o panorama é este: campos submersos com raras árvores fora de água e sementeiras que se perdem ou não se fazem. Há nada menos de catorze estradas cortadas, entre as quais a ligação normal Santarém-Lisboa, agora desviada pelo Entroncamento Espanhol; a vila de Almeirim comunica apenas com Alpiarça; Reguengo do Alviela entrou na segunda semana de abastecimento por barco. Para milhares de braços a vida parou.

(Ler na página central)



Marta e Adelaide: uma delas será a «Núbia», em «A Relíquia», cuja adaptação teatral vai em breve ser representada no Maria Matos. Elas (e mais seis raparigas de cor) estiveram ontem no palco daquele teatro a candidatar-se para o desempenho do pequeno papel. (LER REPORTAGEM NA PAGINA CENTRAL)

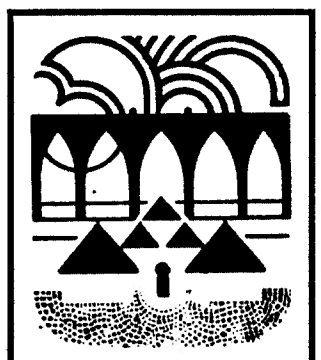
HOJE 28 PAGINAS
VISADO
PELA CENSURA

ALBUM DE LISBOA

ENTUSIASMO ENTRE OS CONCORRENTES PELA REPETIÇÃO DAS GRAVURAS

É EVIDENTE o entusiasmo dos nossos leitores pelo «Album de Lisboa», o que determinou a repetição das gravuras que estamos promovendo, dando, assim, possibilidade a muitos outros concorrentes de participar na nossa iniciativa e abrindo possibilidade a que se habilitem aos valiosos prémios instituídos.

(Continua na página seguinte)



REPETIMOS NA 2.ª PÁGINA AS GRAVURAS 5 e 6 DO NOSSO CONCURSO

INAUGURADO HOJE O SEMINÁRIO SOBRE PLANIFICAÇÃO DE MÃO-DE-OBRA PROMOVIDO PELA O. C. D. E.

(Ler na última página)

COMO VAI A INDÚSTRIA NACIONAL

A FABRICAR MALHAS MAIS DE 24 MIL PESSOAS PRODUZIRAM NUM ANO DOIS MILHÕES DE CONTOS

«Folhas resumo» de alguns sectores de actividade industrial, para distribuição (gratuita) aos industriais, acabam de ser publicadas pelo Instituto Nacional de Estatística, no intuito de dinamizar a colaboração dos seus informadores. Cada uma das folhas refere-se a um ramo de actividade (reportando-se todas as agora distribuídas á última semana de Dezembro).

Assim, no que respeita á fabricação de margarinas, havia quatro estabelecimentos em laboração, com 692 pessoas em actividade (386 operários). Quanto á fabricação de bolachas e biscoitos, mobilizava (para 23 estabelecimentos em actividade) 1576 individuos, dos quais 1360 operários — com uma produção no valor de 169 156 contos.

Bebidas, frutos, etc.

No que se refere á fabricação de malte e cerveja, cinco estabelecimentos ocupavam 1672 pessoas (1255 operários), com um valor de produção de 614 963 contos; a produção de licores e outros espirituosos contava com 77 estabelecimentos e 666 indivíduos (394 deles operários), produzindo 65 883 contos. Por sua vez, a conservação de frutos e produtos hortícolas mobilizava 5381 indivíduos (dos quais 4710 operários) em 96 estabelecimentos, valendo a produção 1 133 469 contos.

Os alimentos preparados para animais ocupavam, em 69 estabelecimentos, 1703 indivíduos (1310 operários), com um valor de produção de 1 956 201 contos.

Mais de mil indivíduos ocupam-se no tabaco

A industria do tabaco mobilizava 1 303 pessoas (951 operários) em dois estabelecimentos; a produção valeu 1 400 343 contos. Por outro lado, a fabricação de malhas (451 estabelecimentos em actividade) ocupava 24 432 indivíduos, dos quais 22 455 eram operários; a produção ascendeu a 2 180 733 contos.

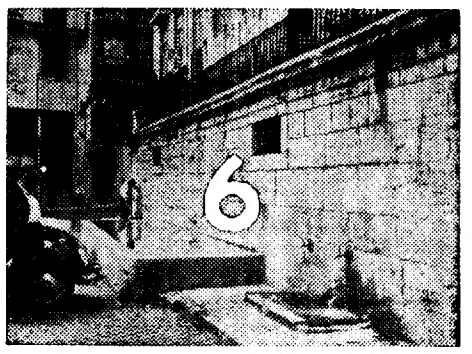
A fabricação de redes (9 estabelecimentos) dava trabalho a 542 indivíduos (483 operários), produzindo 46 407 contos. No que se refere á fabricação de materiais de barro para construção, verifica-se que existiam 237 estabelecimentos em actividade com 11 539 indivíduos ocupados, sendo 10 529 deles operários, com uma produção de 560 973 contos.

Por outro lado, a fabricação de aglomerados de partículas e de fibras de madeira ocupava, em seis estabelecimentos (que tantos eram os que havia em actividade), 1009 pessoas, das quais 906 operários, com uma produção no valor de 191 776 contos A fabricação de folheados e contraplacados (quatro estabelecimentos em actividade) mobilizava 693 indivíduos (605 operários), com um valor de produção de 162 240 contos.

Por sua vez, as passamanarias ocupavam na sua fabricação (55 estabelecimentos) 2 777 pessoas, das quais 2454 eram operários, com um valor de produção de 163 644 contos. A fabricação de tintas preparadas, vernizes e lacas (50 estabelecimentos) mobilizava 2 480 indivíduos — dos quais 1369 operários, com uma produção no valor de 713 381 contos.

Finalmente, a fabricação de explosivos e pirotecnia ocupava 68 estabelecimentos, com 1324 pessoas, das quais 1 058 operários. O valor da produção ascendeu a 101 607 contos.

Album de Lisboa



Recorte e cole as gravuras no espaço marcado na caderneta

Todos os assuntos referentes ao Concurso deverão ser tratados na RUA CASTILHO, 185-1.º — Telefs.: 65 45 33/65 45 34

instantâneos de LISBOA

CRÓNICA DE POBRES AMANTES

O BARCO está prestes a partir. A moça, debruçada sobre a amurada, deixa cair os olhos na superfície do rio. O sol de fim de tarde põe uma cor vermelha no horizonte, lá para as bandas de Belém. No cais, o jovem olha a moça. É um rapaz magro, olhos grandes, cabelo sobre a testa, desalinhado. O corpo baloiça-lhe dentro do fato-macaco.

A moça continua com os olhos tristes fixados no rio. Uma ligeira brisa sacode-lhe os cabelos escorridos, baços. O barco vai partir. Os marítimos começam a soltar as amarras.

«Apareces amanhã?» — pergunta ela, sem sequer levantar os olhos, como se falasse com as águas.

«Claro» — diz ele. — «Apareço, claro que apareço».

«À mesma hora?»

«Pois, à mesma hora.»

Ele olha, impaciente, à sua volta. Percebe-se que deseja ver partir o barco ràpidamente. A moça não tira os olhos da superfície do rio.

«Bem, então adeus» — diz o rapaz.

«Adeus».

«Amanhã lá estarei.»

«Chau.»

Mas ele fica pregado no cais. Não tem coragem para partir? O barco começa a mover-se. Vai libertá-lo. E lá vai a rapariga triste, com os olhos rasos de lágrimas, arrastada por esse invólucro de centenas de pessoas, alheia talvez à beleza do rio, à brisa quente da tarde, ao horizonte incandescido.

O jovem fica apenas uns momentos a acenar-lhe um adeus pouco convicto. Não espera pela resposta para se pôr a andar, numa passo ansioso, quase eufórico.

O eléctrico apanha-o em corrida. «Um para o Poço do Bispo» — pede, automáttico, ao condutor, enquanto arruma num canto da plataforma a mala com as marmitas e a ferramenta. Quando sai do eléctrico, fica uns momentos imobilizado na paragem. Os olhos percorrem toda a área. Sùbitamente, move-se. Atravessa a rua, vai de encontro a outro jovem, que o espera numa esplanada.

«Então, pá, largaste a gaja?»

«Ahn...» — sacode os ombros. Muda de expressão: «Então vamos lá hoje?»

«Vamos, pois.»

«São as tais tipas?»

«São. Só te digo que são umas brasas...»

E lá vão os dois, passo apressado, a caminho de um jantar pobre, que será engolido à pressa, para que a noite seja mais comprida, para que a festa projectada dure mais tempo. A cidade espera-os. Lisboa, com as suas luzes atraentes, suas ofertas fáceis. Na manhã seguinte voltará a pegar na sacola, voltará a enfiar o fato «macacão», voltará a apanhar o eléctrico operário e voltará a mascarar-se na oficina. Ao almoço contará as aventuras da noite, com todo o exagero de que a sua imaginação é capaz. E ao fim do dia irá esperar a moça feia, para garantir um amor desiludido, que virá um dia a preencher-lhe toda a vida.

JOAQUIM BENITE

Este é o «stand» Gazcidla do Largo Mendonça e Costa, 9-C. Se é consumidor Gazcidla e mora em Arroios visite o seu «stand», onde encontrará todas as boas soluções Gazcidla com a maior eficiência e rapidez

Entusiasmo entre os concorrentes

(Continuação da pág. anterior)

Insistimos que qualquer concorrente pode tomar parte no «Album de Lisboa» com quantos exemplares quiser, bastando, para isso, adquirir o número correspondente de jornais.

A RECEPÇÃO DE CADERNETAS

Nos nossos serviços da Rua Castilho, 185 - 1.º começaram já a receber-se cadernetas. Recordamos que, oportunamente, indicaremos os dias em que a recepção de cadernetas se verificará nos «stands» Gazcidla de Lisboa, Porto e Coimbra. Os concorrentes de outras localidades podem, no entanto, a partir desta data, enviar as suas cadernetas completas, destacadas do «Album» pelo picotado, para os nossos serviços. Os que pretenderem a devolução do respectivo boletim de identificação, devidamente numerado, devem juntar um selo de 1$00 para portes de correio.

PEDIDOS DE ALBUNS

Como temos referido, novas remessas de exemplares do «Album de Lisboa» foram já enviadas para todo o País, atendendo inúmeras solicitações feitas nesse sentido Se porém, não encontrar o «Album de Lisboa», na localidade onde reside, basta pedi-lo directamente aos nossos serviços da Rua Castilho, 185-1.º, com a certeza de ser prontamente atendido.

Cofres de aluguer
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

Um simples lápis pode provar que:
POLI-GRIP - creme fixativo - consegue fixar a sua dentadura melhor do que qualquer pó!

Pegue num lápis, humedeça-o e espalhe por cima um pó fixativo. Com um dedo exerça pressão sobre o lápis. Agitando a mão, verificará que o dedo se desprende do lápis. Esta é uma das maneiras de comparar e provar como alguns fixativos o podem desiludir, porque não aderem completamente.

Faça o mesmo com Poli-Grip. O lápis não se desprenderá do dedo. Não acontece com o lápis e não acontecerá com a sua dentadura. Poli-Grip é três vezes melhor do que qualquer pó, porque é um creme homogéneo que adere na totalidade - é confortável e macio. Poli-Grip conserva fixa a sua dentadura.

POLI-GRIP

3 vezes melhor do que qualquer pó.

UMA CIDADE CHAMADA TEIXEIRA GOMES

Por URBANO TAVARES RODRIGUES

IA EU ANDANDO por uma imensa planície convulsiva e branca, que deveria ser radiosa, dada a luz que a inundava, não nos fugisse tão estranhamente o solo sob os pés, abrindo-se em pequenas poças de um rosa muito frágil e ameaçador. Não sei como, reconheci o país onde me achava, que era a Holanda, não aquela que há anos visitei, pois essa tinha sido uma Holanda estival de noites claras, com uns intermináveis e suaves crepúsculos cheios de trajes folclóricos e torres de pedra arrendada, mas uma outra Holanda nevada e esquiva, onde eu e os meus companheiros sem face, por igual cansados, perdíamos, sempre por um triz, sucessivos comboios, tendo de prosseguir a viagem a butes por aqueles caminhos alvíssimos e gelados, sem alegria, com figuras do velho Breughel, em tremulina, vagamente encostadas cada árvore de Natal.

Assim chegámos a uma estação de caminho-de-ferro onde, finalmente, iamos subir para uma carruagem vazia, quando deparei, na tabuleta pendente da gare, com o nome da cidade: «Teixeira-Gomes».

Acordei nesse momento, com uma forte enxaqueca e, achando o meu sonho perfeitamente disparatado, tratei de averiguar de que esconso da memória poderia ele ter surdido. Para além das reminiscências de um cenário de «Novelas Eróticas», não atinei nem com a origem nem com as razões ocultas, próximas ou longínquas, de semelhante achado.

Em compensação, empreendi na ideia de se criar em Portugal, onde teria, decerto, mor cabimento, uma autêntica cidade de Teixeira-Gomes. E, lògicamente, foi no Algarve, que tão grato era ao criador dos Agostos azuis, natural moldura da sua existência estética de sensual visualista, que pensei desde logo em situar o burgo digno do seu nome. Mas os topónimos algarvios são já de si tão belos, cheiram tanto a alfarroba, a amêndoa, a figo, evocam tão vivamente o mítico jardim agareno, que nem Manuel Teixeira-Gomes, sensível como se mostrava a essas álacres vogais, consonâncias e ditongos, ou sons velares, Algezur, Boliqueime, Bensafrim, gostaria de ver deslocado, mesmo em proveito da sua memória, qualquer nome já rico de passado, de pitoresco ou de simples qualidade fónica expressiva. Lembrei-me, então, de uma terra em pleno florescimento e de rótulo anódino, entre Lagoa e o Algar Seco. Porque não Praia de Teixeira-Gomes?

Toda a manhã, este sonho me encheu de azul as horas. Sim, é na margem helénica do Algarve, onde houver leixões doirados, furnas, areias ruivas, que algum povoado terá de perpetuar o nome de Teixeira-Gomes. E crescer, depois, até se tornar em cidade, com casas bem modernas, mas de pátio interior, com paredes sigilosas e com açoteias, com fontes e chaminés lavradas. Sim: um simples burgo que possa vir a ser a futura cidade de Teixeira-Gomes.

RECTÂNGULOS DA VIDA

A PONTE DE MANCHESTER

Perto de Manchester apareceu há 86 anos, durante umas escavações feitas pelo caçador de fósseis Charles March e pela sua equipa, o enorme esqueleto de um dinossáurio raríssimo, o prosaurópode. Todos trabalharam com entusiasmo para retirar da terra o precioso despojo. O entusiasmo foi mesmo tão grande que só bastante mais tarde, ao tentarem reconstituir o esqueleto, verificaram que este estava incompleto e lhe faltava toda a parte posterior. Ei-los de novo no local, mas, como havia ali por perto uma pedreira e a ponte de Manchester estava a ser construída, já nada restava do fabuloso réptil, que, cuidadosamente partido aos pedacinhos, se encontrava agora, aqui e além, incorporado na ponte. Porque na natureza nada se perde, nada se cria, e a expressão «fazer tijolo» tem, como vemos, certa verdade. Tijolo ou pedra, enfim, conforme os casos.

Os paleontologistas ficaram desolados. Porque mesmo em Inglaterra — em 1884 ou em 1970 — uma ponte é muito mais importante do que um esqueleto, mesmo de prosaurópode, mesmo com a bonita e ultravenerável idade de duzentos milhões de anos

Por MARIA JUDITE DE CARVALHO

(mais milhão menos milhão, está bem de ver), e não caberia em nenhuma cabeça equilibrada desmanchar o que já estava feito. E a equipa e o seu chefe regressaram cabisbaixos para junto do esqueleto para todo o sempre incompleto.

Para todo o sempre?

Qual! As pontes são, pelos vistos, muito mais frágeis e ameaçadoras do que os dinossáurios, e aquela, a de Manchester, só durou 86 anos. Talvez fosse estreita para o trânsito actual, talvez não ficasse bem ali, talvez as pontes — algumas, pelo menos — passem de moda como tantas outras coisas. A verdade é que a de Manchester foi demolida. E eis outra geração de caçadores de fósseis, escolhendo ossos por entre as pedras, observando-as aos Raios X para terem a certeza da sua autenticidade, trabalhando com entusiasmo para restituir o-corpo-que-foi-ponte ao réptil incompleto, há 86 anos no museu à espera. Mas o que é isso para quem esperou duzentos milhões de anos?

Nota do dia

SENTIDO E MEDIDA DE RESPONSABILIDADES

FICOU UMA PALAVRA POR DIZER sobre a nomeação do novo director do Teatro de São Carlos. E não seria justo que a omissão se deixasse perdurar, porque a palavra devida é de aplauso e de felicitações. Felicitações, porém, desde já se diga, não ao nomeado mas ao ministro que o escolheu e de pronto o nomeou. Foi simultâneamente um acto de ponderação, de lucidez e até de coragem. Foi um acto político, pois como tal se devem entender todas as decisões do Poder, que envolve naturalmente o seu significado. E é esse cujo sentido merece ser analisado.

A abertura da vaga na posição talvez não pudesse fazer aparecer uma grande galeria de candidatos válidos. Mas haveria de fazer aparecer uma talvez vasta galeria de pretendentes, cada um trazendo debaixo do braço o que pudesse exibir-se como título de convicção. Mas olhando à volta, com o conhecimento que se tenha do meio, onde estava quem pudesse pôr-se em autoridade à frente de João de Freitas Branco? Não vemos onde nem quem. O ministro também não viu e por isso não hesitou mais na decisão pela qual lhe são devidas felicitações.

O significado político desta nomeação é que ela não foi em si uma nomeação política. Não foram considerações de ordem política as que impulsionaram ou travaram o sentido de uma decisão, mas as qualidades próprias para a função de quem para ela ia ser escolhido. De que é que se tratava? De encontrar uma pessoa sabendo o seu bocado daquilo de que se ia ocupar? Parece que este essencial a maior parte das vezes é o que fica ausente. Desta vez, porém, não esteve. O essencial foi efectivamente a essência da decisão. Parabéns a quem decidiu.

Seria bom que isto tivesse um significado diferente daquele que serão capazes de lhe querer atribuir alguns daqueles que ainda pensam que as coisas têm algum significado. Pela nossa parte gostaríamos que isto tivesse principalmente alguma coisa com o sentido da responsabilidade, que é uma palavra de que pouca gente se lembra, quanto mais da ideia que dentro dela possa caber. Responsabilidade, isso mesmo. Pelo que se diz, pelo que se faz, pelo que se decide. Responsabilidade? Sim, pela ideia também que possa ir três metros adiante de nós.

Era preciso acabar com o improviso e os improvisadores, de que estamos fartos a todos os níveis, na medida em que envenenam e debilitam todo o sentido de decisão que cada vez mais se reclama pronto e esclarecido. O improvisador, o habilidoso «à portuguesa», risonho e até de boa vontade, por aqui me sirvo, que sacode as mãos como um prestidigitador, não queremos mais isso nos nossos horizontes nem nos nossos costumes. Precisamos de quem mostre a cara, saiba o que faz e preste contas.

Parece-nos de entender a escolha do dr. João de Freitas Branco para a direcção do Teatro de São Carlos como o exemplo e o modelo do que se requer como norma de critério para a selecção de responsáveis a quem o Estado possa confiar tranquilamente sucessivas parcelas de responsabilidade. É o princípio e a regra da delegação. «O trabalho é este. Sabe fazer? Pois então faça e ande para a frente sem se esquecer de que terá de prestar contas quando lhas pedirem». E que o pedir contas não seja entendido como acto de desconfiança, que ofenda quem as tiver pedidas. Ofensa seria julgar que contas não terão que ser prestadas mesmo quando ninguém as peça. Queremos responsáveis que saibam o que é responsabilidade.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

PAQUETE «AMÉLIA DE MELLO»

A Sociedade Geral de Comércio, Indústria e Transportes lamenta informar os Ex.mos Srs. Passageiros e carregadores de que, por motivo de força maior, viu-se obrigada a adiar a partida de Lisboa, do seu paquete «Amélia de Mello», para o próximo dia 16, às 16 horas, da Gare Marítima de Alcântara.

Dentes postiços

DENTOFIX dá-lhes firmeza

DENTOFIX forma uma almofada confortável; mantém as placas tão firmes e justas que permite comer e falar com maior conforto e segurança em muitos casos quase tão bem como com dentes naturais. DENTOFIX diminui o receio constante de que caia, mova ou abane a placa. Peça hoje Dentofix em qualquer farmácia, drogaria ou perfumaria.

Por 20$00 leia
A Brasileira
TINTIM POR TINTIM
Um humor diferente!

TERRENO EM SESIMBRA

NO MELHOR LOCAL DA VILA COM FRENTE PARA A PRAIA E EM CONDIÇÕES DE INICIAR CONSTRUÇÃO DE HOTEL, BLOCOS DE APARTAMENTOS OU MORADIAS. VENDE-SE NAS MELHORES CONDIÇÕES E COM FACILIDADES DE PAGAMENTO.

Resposta a este jornal ao n.º 406 ou ao Telefone 40922

ADEUS AOS ANOS SESSENTA (Conclusão)

UM MUNDO SEMELHANTE

Ao esboçar um balanço da década 1960-1969, André Fontaine evocou, no número anterior, as transformações ocorridas: o fim da guerra fria, o cisma sino-soviético, a descolonização, o concílio, a revolução dos costumes. Num segundo e último artigo A. F. mostra até que ponto o Mundo, no entanto, pouco mudou, incapaz que é de vencer as suas divisões e as suas contradições essenciais.

Por ANDRÉ FONTAINE

(Exclusivo «Le Monde»-«D. L.»)

A guerra fria está talvez terminada, melhor diríamos terminou. Mas a divisão vertical que introduziu entre o Leste e o Ocidente permanece. A descolonização acabou práticamente, mas o abismo que separa o mundo desenvolvido do mundo subdesenvolvido não se reduziu, antes pelo contrário.

Fala-se demais no desaparecimento da cortina de ferro. É certo que não há barreira tão alta que impeça os costumes e gostos do mundo capitalista de irem penetrando, pouco a pouco, nas mentalidades das populações do Leste europeu. É verdade também que todos os anos centenas de milhares de turistas ocidentais podem ir visitar o museu Ermitage de Leninegrado ou passar o Verão nos Palaces das costas romenas ou búlgaras. Mas, por falta de vistos ou de divisas, o movimento em sentido inverso é, singularmente, mais limitado. E, sobretudo, não é pensável (como o Kremlin incansávelmente repete) deixar que a coexistência se estenda ao domínio ideológico, ou, dito por outras palavras, permitir que os habitantes dos países socialistas tenham acesso á liberdade política e inteleetual. Por terem julgado o contrário, os checoslovacos conhecem hoje, depois da breve Primavera do ano passado, um dos mais rudes Invernos da sua história.

O muro

No entanto, grandes esforços se tentaram para pôr termo á divisão da Europa. Do lado soviético, Krushtchef tentou, até 1962, alternando a ameaça e a sedução, fazer saltar a vanguarda ocidental de Berlim, sabendo bem que, se tivesse conseguido os seus fins, seria toda a coesão do campo atlântico que teria sido posta em causa. Mas falhou na tentativa e tudo quanto resta dessa crise interminável é o muro que separa as duas metades do antigo «Reich», simbolizando melhor do que tudo quanto a Alemanha está separada do mundo e do continente.

Passado o alerta, o desanuviamento permitiu outra tentativa, cujo campeão (convicto e perservante) foi o general de Gaulle. Fazendo sair a França da N. A. T. O., desenvolvendo a cooperação com os países socialistas, o general transformou o clima das relações Leste-Oeste e encorajou os E. U. A. e a U. R. S. S., a diminuir progressivamente o seu domínio sobre as respectivas esferas de influência. Esta política, que, a longo prazo, visava unir a Europa «do Atlantico aos Urais» e a atribuir-lhe um papel á altura da sua história permitiu que o seu promotor fizesse viagens triunfais pela U. R. S. S., Polónia e Roménia. Mas o balanço concreto não afinava pelo diapasão das aclamações. Os dirigentes soviéticos esperavam que o general, depois desses gestos de «realismo», «a sua oposição ao armamento atómico da Republica Federal e a aceitação da fronteira Oder-Neisse», reconhecesse a República Democrática Alemã, o que, aos olhos do Kremlin, era o complemento lógico daquele realismo. Mas, se o fizesse, de Gaulle teria consagrado precisamente o *Statu quo* que tentava precisamente pôr em causa. Mesmo antes da revolta de 1968, e era esta a causa do impasse em que a política do general se encontrava.

O Maio de Paris e a Primavera de Praga foram também uma recusa á imoral partilha do Mundo. Os que neles tomaram parte sabiam bem que soviéticos e americanos se tinham encontrado, em 1945, numa certa linha, mas isso não lhes parecia razão suficiente para privar uns de liberdade nem para obrigar os outros a contentarem-se com as prosaicas ambições da sociedade de consumo. Nunca se devem levar as paralelas longe de mais e seria indecente comparar o sobressalto patriótico e conservador de 30 de Maio de 1968, na França, com a violação da Checoslováquia por uma potência que se dizia sua amiga. É significativo, contudo, que o partido comunista francês tenha optado sem equívoco pela legalidade contra a aventura preconizada pelos esquerdistas e que *o incidente de Praga* só muito provisóriamente tenha afectado as relações da U. R. S. S. com o mundo capitalista.

Malogros inevitáveis

O malogro destas duas revoluções de um novo género era, indubitávelmente, inevitável, pois o êxito de uma e de outra teria sacudido até aos alicerces o equilíbrio que funciona como paz para as grandes potências. Em todo o caso, consagrou, talvez por muito tempo, a divisão da Europa. Mas, arruinando a base material da estratégia gaullista, a invasão da Checoslováquia (que fechou brutalmente a porta á «Europa do Atlantico aos Urais») tornava, a longo prazo inevitável, a queda do único homem da Europa, que podia permitir-se contestar publicamente a partilha do continente. Pompidou, por mais fiel que seja ao pensamento do seu mestre, não pode retomar por sua conta e risco, o desafio que o general lançava á «dupla hegemonia».

Também os esforços para modificar o *Statu Quo* foram ficando para trás, em benefício de outros, que, procurando torná-lo menos insuportável e menos perigoso, poderiam levar, no fim de contas, á sua consolidação. Assim acontece com o tratado de não proliferação, com as negociações estratégicas de Helsínquia, com o diálogo entabulado pelo novo Governo alemão com Varsóvia e Berlim-Leste e com a conferência sobre a segurança europeia proposta pelos países socialistas. A França não reintegrou a NATO e a Roménia pode esperar que a sua originalidade, com o tempo, se venha a tornar, tal como a neutralidade da Jugoslávia, um elemento do *Statuo Quo*. Salvo um salto imprevisível, a Europa da próxima década tem todas as possibilidades de se assemelhar á das duas precedentes. E se podemos agora esperar razoàvelmente que o Mercado Comum dê um lugar á Grã-Bretanha e aos outros países candidatos, sem o contributo dos quais é vão esperar a rivalidade com os gigantes dos tempos modernos, nada permite humanamente pensar que o seu reforço e o seu alargamento possam fazer recuar a cortina de ferro.

Ricos mais ricos pobres mais pobres

A década agora terminada foi colocada pela O. N. U. sob o signo do desenvolvimento. Nos grandes vencidos da última guerra, e sem que a O. N. U., tenha para aí metido prego nem estopa, o desenvolvimento foi espectacular. Os países do Leste mais pobres, graças á disciplina férrea do comunismo, lançaram as bases de uma indústria pesada, cujos frutos começam precisamente agora a consumir. A maioria das nações dos dois blocos, a começar pela França, registaram também consideráveis progressos, ainda que os benefícios tenham sido repartidos muito desigualmente. Com notáveis excepções, geralmente ligadas ao petróleo, como a do Irão — talvez a mais notória — o desenvolvimento foi menos rápido, precisamente nos países onde teria sido mais necessário. Na maioria dos casos, nem sequer houve desenvolvimento, e a alegria do dia em que conseguem ou conquistam a independência, depressa se transforma em amargura perante a perpetuação da miséria.

Tudo concorreu para isso. O egoísmo das grandes potências, cujos governos, levados pela opinião, reduzem incessantemente o seu auxílio. A recusa dos anglo-saxões em consentir na estabilização dos preços correntes das matérias-primas, sem as quais os países que vivem, acima de tudo, da sua exportação, não podem pensar em qualquer previsão económica séria. Os cuidados dos investidores, que, ás contigências das colocações tropicais preferem geralmente os terrenos seguros ás rentabilidades elevadas. A demografia galopante dos países pobres, que leva os governos a endividarem-se para comprarem os géneros alimentícios de base, reduzindo, assim, as suas possibilidades de autofinanciamento.

A imperícia de equipas mais bem preparadas para a luta armada que para a administração em tempo de paz e mais tentadas por empreendimentos de prestígio que pela procura paciente dos meios de se bastarem a si próprias. A ambição ou o medo, finalmente, que fazem com que as obras de guerra absorvam grande parte dos recursos, que seriam necessários para equilibrar a nação e dar-lhe os meios necessários ao seu crescimento material e intelectual.

Guerras sino-indiana e indo-paquistanesa, confronto entre a Indonésia e a Malásia, guerra do Iémen, guerra entre o Salvador e as Honduras, guerra civil do Congo, guerra do Biafra, todas estas guerras fratricidas, todas estas guerras de pobres que compram as suas armas aos ricos terminaram agora, infelizmente com excepção da ultima, que é também a mais sangrenta. Que trouxeram elas a quem as desencadeou? Permitiram a deslocação de uma só fronteira que fosse? Deram a felicidade a um único homem, ao menos? E que diremos desses golpes de Estado em cadeia, que, nestes últimos dez anos, não pouparam quase nenhum dos estados do «Terceiro Mundo?» Na sua maioria, em que mudaram eles?

Mais lamentáveis ainda, talvez, são essas guerras que opõem povos separados por uma fantástica desigualdade de nível de vida, impedindo cada um de compreender as motivações profundas e as esperanças do outro: a guerra do Vietnam, que, sem o bom senso demasiado tardio do presidente Johnson, teria, sem dúvida, acabado por implicar a China, e cuja conclusão, apesar da desescalada encetada pelo sucessor daquele, continua ainda longe da vista; o conflito do Próximo Oriente, que a guerra dos Seis Dias, longe de resolver apenas veio exacerbar, sem que um só dos seus protagonistas, de um lado ou do outro, duvide um instante do seu total direito.

As equipas no poder, na maioria dos países, reflectem bem a desilusão geral perante tanta imobilidade, tanta incapacidade para vencer contradições e antagonismos. Que é dos de Gaulle, dos Kennedy, dos Krushtchef, dos Adenauer, de todos esses homens, cujos feitos e gestos suscitavam a admiração ou a cólera, nunca a indiferença? Um Mao, um Tito, um Franco continuam ainda no seu lugar, mas é por demais evidente que as suas carreiras estão a chegar ao fim. Por toda a parte ou por quase toda a parte, a audácia (sejam quais forem os seus anteparos ideológicos) fez-se conservadorismo, defesa de interesses a prazo mais ou menos curto, estratégia eleitoral. O *me puls ultra* da política parece ser o de nada arriscar, e de nada deixar, o de desconfiar de todos e de cada um.

Os jovens, em todos os países, e esses, que, sendo menos jovens, recusam a comodidade do cepticismo, não podem conceber que a roda da história possa ser bloqueada e que nesta terra já não haja lugar para maior generosidade, audácia e abertura. Têm razão. Nada é definitivo, em ocasião nenhuma, e as sociedades, que em si mesmas não encontram meios de renovação, raramente duram muito.

VIDA MUSICAL

Obras de Fernando Lopes Graça na Academia de Amadores de Música

Amanhã, ás 21 e 30, na Academia dos Amadores de Musica, decorre um serão musical com obras de Fernando Lopes Graça.

O programa inclui, além da actuação do coro da Academia de Amadores de Música, sob a direcção daquele regente, a primeira audição integral do «Álbum do jovem pianista», recentemente editado pela casa inglesa Novello & Company, que será interpretado pelo próprio autor.

Esta colectanea de peças para piano, escritas no período de 1953 e 1964, representam na obra do compositor mais uma faceta da sua actividade pedagógica e do seu amor pela juventude.

Concerto de musisa sacra

O «DIXIT DOMINUS» para solistas, coro e orquestra, obra recentemente descoberta de um autor anónimo português, será executado em primeira audição moderna, integrado no concerto a realizar no domingo, dia 18 de Janeiro pelas 21 e 30 h., na Igreja de São Roque. Este concerto, organizado pela Igreja Evangélica Alemã em colaboração com a Emissora Nacional e a Santa Casa da Misericórdia, tem a colaboração de Elsa Saque, soprano; Rosanne Creffield, contralto; Jens-Uwe Eggers, tenor; José Lopes, baixo; Coro Bach; Academia dos Instrumentistas da Emissora Nacional sob a direcção de Pierre Salzmann. No programa ainda obras de J. S. Bach Lalande e Stravinsky. Marcação de lugares na Agência de Viagens Marcus & Harting, Lda., Rossio, 50, na Secretaria da Igreja Evangélica Alemã, Av. Columbano B. Pinheiro, 48, (das 10 ás 12 e 15 ás 18 horas) ou á entrada antes do concerto.

Concerto no Porto para estudantes universitários

PORTO, 13 — Depois de amanhã, ás 21 e 45, no salão nobre da Faculdade de Ciências e por iniciativa do Centro Universitário do Porto, decorre um concerto para estudantes universitários pela pianista Sequeira Costa.

DE ONTEM PARA HOJE

DIAMANTES DE ANGOLA

No Ministério do Ultramar foi assinada a escritura de contrato entre o Estado e a Diamul, ou Companhia Ultramarina de Diamantes. Em nome do Estado, o prof. Silva Cunha; em nome da empresa os srs. Fred Weil e Henrique Fernandes de Aguiar. Fica a empresa com o direito exclusivo de pesquisas pelo espaço de três anos, prorrogáveis por mais dois. Nesse período inicial é obrigada a investir na execução dos planos de trabalhos de pesquisas os seguintes montantes mínimos: no 1.º ano, 4 000 000$; no 2.º, 3 000 000$00, e no 3.º, também 3 000 000$00. A partir do termo do segundo ano, contado da data da assinatura do contrato, a empresa pagará á província de Angola, como renda de superfície, a quantia anual de 100$00/km2 da área que conserve. Em relação ás áreas que venha a demarcar, aquela renda de superfície anual será de 2500$00/km2. A concessionária fica sujeita ao pagamento de direitos no montante de 12,5% do valor da renda ou de «stock» de todas as pedras preciosas que produza, importância esta que dará entrada nos cofres da Fazenda da província, durante o período de 30 dias subsequentes á data de cada venda. Obriga-se ainda a dotar o Fundo de Fomento Mineiro Ultramarino, a partir do termo do segundo ano da vigência do contrato, com a importância de um milhão de escudos anuais a pagar adiantadamente durante os primeiros três meses de cada ano contratual. A dotação respeitante ao primeiro ano contratual será de 350 000$00 e a relativa ao segundo ano de 700 000$00, importâncias que deverão ser liquidadas até 90 dias de assinatura do contrato. O direito de exploração é concedido por um período de 20 anos, podendo ser prorrogado por igual período de tempo. A província de Angola terá direito a receber 50% dos lucros líquidos da empresa, que darão entrada nos cofres da Fazenda durante os seis primeiros meses do ano seguinte áquele a que respeitar.

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da Republica recebeu, no Palácio Nacional de Belém, uma delegação da Associação dos Avicultores de Portugal, que o foi convidar a presidir á inauguração das Jornadas Avícolas de 1970 e á abertura da Exposição Mundial Avícola. Recebeu também a direcção da Philips Portuguesa, que o convidou a presidir á inauguração do novo edifício, no próximo dia 12 de Março.

PLACA QUE ABATE

Está a ser demolido o edifício da antiga fábrica de cerveja Estrela, á Av. Sacadura Cabral. No topo de uma parede-mestra trabalhava o sr. Manuel Jacquim, de 45 anos. A placa abateu e ele foi esmagado. O «115» e os bombeiros chegaram, mas estava morto o operário...

MOCIDADE PORTUGUESA

O tenente-coronel Gomes Bessa, que deixa o cargo de comissário nacional da Mocidade Portuguesa, foi ontem homenageado com um jantar por um grupo de amigos. Aos brindes usaram da palavra o eng.º Lourenço Antunes, dr. Elmano Alves e o homenageado.

«FANDO E LIS» DE ARRABAL NO «TEATRO VILLARET»

«Não tenho nenhuma teoria sobre o teatro. Escrever é para mim como uma aventura, não o fruto do saber e da experiência».

ARRABAL

Creio, com Jean Douchet, que «a crítica é a arte de amar».

Penso, por outro lado, que o crítico de teatro é a memória do teatro.

Mas, atenção!, só se ama aquilo que é (nos parece) digno de ser amado; só se tenta guardar na memória o que da lembrança vale o esforço.

*

O que me fascina neste espectáculo da «Casa da Comédia», agora transferido só por três dias para o «Villaret», é a unidade que o caracteriza, unidade que anda geralmente afastada dos nossos espectáculos de teatro. Esteja-se ou não de acordo com a linha de encenação (veremos já o que tem de discutível), não se pode negar que o texto de Arrabal foi submetido a um esforço inteligente de interpretação; não se pode deixar de concordar que o encenador conseguiu aglutinar de tal modo os elementos do espectáculo — do cenário á luz, da temática musical á interpretação, da marcação ao ritmo — que aquele não podia deixar de resultar no todo em que forma e conteúdo se objectivam numa linguagem que é ao mesmo tempo significado e significante. Bem sei que o trabalho dos actores não é isento de deficiências; insisto, contudo, em ver neste espectáculo uma tentativa lograda de ultrapassar essas deficiências pela referida conjugação dos elementos em que se expressa o texto, o belo texto de Arrabal.

Talvez por pertencer á primeira fase da sua já longa obra, é possível detectar nesta peça do dramaturgo espanhol algumas presenças de certo modo obsidiantes: Strindberg, Kafka, Beckett, Ionesco. No entanto, há já neste texto algumas das constantes mais pessoais do teatro de Arrabal. Observe-se, por exemplo, o infantilismo do comportamento das personagens principais, infantilismo que se resolve numa equação dos problemas levantados pela convivência homem-mulher (a peça sublinha exactamente um dos mais crueis desses problemas: o da solidão). As relações entre Fando e Lis expressam (de forma caricatural, se se quiser) as dificuldades que a realidade do amor concretiza (e é aqui que nos parece existir a sombra de Strindberg). Por sua vez, o comportamento dos três viajantes, pontuado por constantes discussões esterilizantes, caricatura de forma, aliás, pouco convincente, a dialéctica da acção, tal como a veria o suspeito Ionesco. Estas personagens encontram-se na sua caminhada para Tar onde é possível chegar mas onde nunca ninguém chegou. Estamos aqui ao mesmo tempo com Kafka e com Beckett.

Estas aproximações têm apenas como objectivo situar o texto de Arrabal nos seus justos limites: será a partir da libertação dos seus «mestres» que Arrabal construirá

(Continua na página seguinte)

FERNANDO ARRABAL (36 anos), dramaturgo espanhol residindo em Paris e escrevendo em francês. Escreveu e viu representadas vinte peças e tem outras tantas inéditas. Entre outras: «Oração», «Os dois verdugos», «Fando e Lis», «Le cimetière de voitures», «Guarnica», «Le labyrinthe», «Pique-nique en campagne», «Le grand cérimonial» «Cérimonie pour un noir assassiné», «Le Jardin des Délices». Três romances: «Baal Babylone», «L'Enterrement de la sardine» e «Fêtes et rites de la confusion». Dirige os cadernos «Théâtre». Interessa-se por matemática. Fundou com outros artistas (entre eles Toper e Sternberg) o movimento «Panico», de deus Pan (o «panico» é, pois, «pânico» e festa).

VASCO MORGADO APRESENTA SÓ PARA ADULTOS

HOJE, 2 SESSÕES às 21 h. e às 23 h.

AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortável de lisboa

A COMÉDIA MAIS
Bzernhavondosa
DOS ÚLTIMOS TEMPOS

O VISON VOADOR

COM
RAUL SOLNADO

Io Apoloni ● Artur Semedo ● Fernanda Borsatti ● Vasco de Lima Couto ● Yola ● David Silva ● Georgina Cordeiro ● Rolando Alves ● Maria e a colaboração de Maria Paula

SÓ HOJE e AMANHÃ, às 6.30 horas (M. de 17 anos)
Apresentado e realizado por NORBERTO BARROCA
Teatro de choque de ARRABAL
«FANDO E LIS»
A peça que a crítica assinalou como um dos melhores espectáculos do passado ano, quando da sua estreia na Casa da Comédia ● 50% de desconto aos estudantes
OS POUCOS BILHETES QUE RESTAM PODEM SER MARCADOS PELO TELEF. 53 85 86

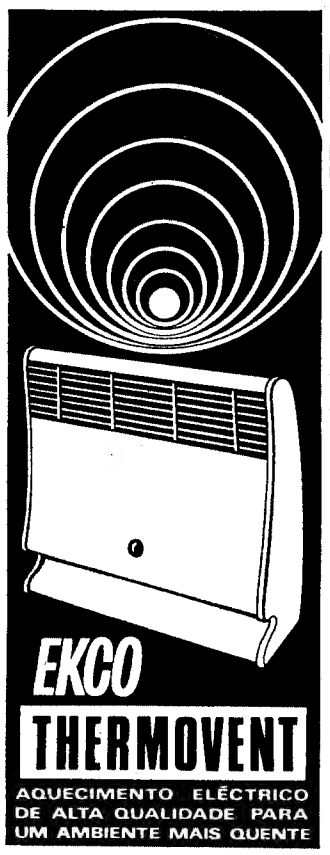
Recintos de diversões

* O antigo restaurante típico «A Toca» vai reabrir com outro nome e nova gerência. Do elenco faz parte Fernando Maurício.

* Estreou-se, com êxito, no «Fragata Real» a cantadeira Celeste Rodrigues.

* A artista Ana Hortense estará presente no próximo «serão para trabalhadores» da E. N. Será acompanhada por António Luís Gomes e Raul Silva.

* César Morgado é o actual gerente artístico do Solar da Madragoa.



EKCO
THERMOVENT
AQUECIMENTO ELÉCTRICO DE ALTA QUALIDADE PARA UM AMBIENTE MAIS QUENTE

Distrib. Gerais: Monteiros & Reynolds, Lda. Rua Alexandre Herculano, 1, 2.º - Esq. Lisboa

Distrib. no Norte do País: J. J. Gonçalves — Sucrs. Comércio e Indústria S. A. R. L. - R. do Freixo, 1273/81 Porto

Peça catálogos no seu fornecedor.

À venda nas boas casas da especialidade

AGUARDENTE VELHA
Nicepoort
a prova está na prova

TEATRO VARIEDADES

HOJE ÀS 20.45 E 23 HORAS

A REVISTA POPULAR DE GRANDE ESPECTÁCULO!

RIA COM:
AIDA ● C. COELHO
ELOÍNA ● SPINA
MAX ● ANITA ESPADINHA
M. FRANCO
e a grande atracção nacional ANTÓNIO CALVÁRIO
à frente de um grande elenco

Um sensacional «BALLET» internacional

AMANHÃ NÃO HÁ ESPECTÁCULO, DESCANSO DA COMPANHIA

UM ÊXITO EM 2.º MÊS

Peço a Palavra!

Uma produção de Giuseppe Bastos e Vasco Morgado

GRAÇA!
CRÍTICA!
MONTAGEM DESLUMBRANTE
LINDAS MULHERES

ADULTOS

Teatro Maria Matos

AV. FREI MIGUEL CONTREIRAS (à av. ROMA) TELEF. 717017

(Maiores de 17 anos)

HOJE ÀS 21.45

SÓ ATÉ DOMINGO a preços baixíssimos
Balcão: 10$ e 25$
Plateia: 30$, 40$ e 50$

a peça de AQUILINO RIBEIRO

TOMBO NO INFERNO

Dirigida por IGREJAS CAEIRO

BREVEMENTE
em teatralização de Sttau Monteiro e Artur Ramos

«A RELÍQUIA»
de EÇA DE QUEIROZ
(Adultos)
Bilhetes à venda

NOVO CASINO ESTORIL

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS DAS 15 ÀS 3 HORAS
"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE MAIORES DE 21 ANOS

Annie Bright
VEDETA INGLESA DA CANÇÃO

The Kims
ORIGINAIS FANTASISTAS

LIDIA RIBEIRO

STARLIGHT SHOW
COM ANGELIKA

PRODUÇÃO DE GEORGE ANTHONY

CONJUNTO
JUAN DE AIZA
com TITICA

FILARMÓNICA FRAUDE
FERRER TRINDADE e sua orquestra
no grande salão restaurante às 23.30h m/17 anos no wonder bar à 1.00h m/21 anos

NO CINEMA, às 17 e 21.30
A PRIMAVERA EM ROMA DE MRS. STANE
M/ 17 anos

HOTEL DOM CARLOS

Mercê do nível da nossa cozinha internacional e da seleccionada cozinha PORTUGUESA, o nosso Restaurante passou a ser ponto de encontro dos bons «GOURMETS».

ALMOÇO DE AMANHÃ:
CALDEIRADA DE CABRITO

AV. DUQUE DE LOULÉ, 121 — TEL. 53 90 71 — LISBOA

«FANDO E LIS»

(Continuação da pág. anterior)

uma obra verdadeiramente original e, com certeza, altamente discutível.

Porém, o que interessa em «Fando e Lis» é a maneira como Arrabal traça a passagem, tão breve e tão rica, entre a ternura e a crueldade e entre esta e aquela; a síntese é um sidomasquismo onde paira ainda uma asa lírica.

Lirismo, crueldade — falta citar o terceiro vértice do triangulo em que assenta o texto de Arrabal: o burlesco. Como da primeira vez em que vi este espectáculo, volto a encontrar um certo desequilíbrio entre os valores em que se joga «Fando e Lis». Minimizando os aspectos burlescos do texto, Norberto Barroca de certo modo alterou os dados propostos pelo dramaturgo: na minha opinião, tal facto significa um empobrecimento do espectáculo.

Como disse, todos os elementos daquele estão organizados de forma a poderem participar na leitura do texto. Não é possível distinguir o jogo de luzes (Rafael Pereira) que planifica certas cenas, de jogo sonoro (Silva Alves) que as sublinha: o exemplo mais conseguido é o da subida da rampa em que Norberto Barroca empurra o carro com Manuela de Freitas de perfil com o ciclorama que vai escurecendo. Trata-se de uma das mais belas imagens do nosso teatro dos ultimos tempos mas a sua qualidade estética integra-se perfeitamente no todo — e é aí que vejo o êxito do espectáculo.

Norberto Barroca, a quem principalmente se deve esse êxito já que o encenou e dirigiu, fez um Fando tal como o imagino — não seria fácil ultrapassar o misto de crueldade, de lirismo, de qualidade vocal e de expressão corporal conseguido por Norberto Barroca, Manuela de Freitas redime uma ou outra inexpressividade da voz com a beleza da sua composição de Lis, com o modo como assume uma personagem sacrificada e sacrificadora, personagem em que o silêncio é uma terrível forma de crueldade e a ternura uma passagem para o exotismo. José Raimond, Jorge Vale e Fernando Saraiva compõem o trio dos viajantes com guarda-chuva. Algumas fraquezas das suas interpretações são sobejamente compensadas pela sinceridade e pela inteligência de que se revestem.

O cenário (Costa Reis) resultava melhor no palco intimo da Casa da Comédia, mas traduz a ambiência requerida pelo texto.

Espero ter traduzido com suficiente clareza o entusiasmo que uma vez mais este espectáculo me deixou. Pelo menos com a clareza suficiente para convencer os leitores a não desperdiçarem o admirável espectáculo presente no Villaret apenas hoje e amanhã. Ora, espectáculos admiráveis é coisa que não abunda por aí.

CARLOS PORTO

WALTER GORL

WALTER GORE E PAULA HINTON DEIXARAM O GRUPO GULBENKIAN

Pediu a demissão do cargo de director artístico do Grupo Gulbenkian de Bailado, que vinha ocupando desde Outubro de 1965, o artista Walter Gore.

Igualmente a bailarina Paula Hinton deixou de fazer parte daquele agrupamento, de que era artista residente convidada.

Entretanto, o Grupo continua a preparar activamente a nova temporada, que se iniciará no dia 14 de Fevereiro, no Grande Auditório da Fundação.

TEATRO INFANTIL

PELO GRUPO DA FIMA-LEVER

O Grupo de Teatro de Ensaio da Fima-Lever, que há nove anos vem desenvolvendo esforçada actividade em prol do teatro e da cultura na empresa, apresentou no teatro ABC um espectáculo infantil destinado a crianças pobres da capital e incluido numa série de representações dadas dentro do mesmo meritório espírito.

A peça apresentada, original de Stlio Gil, com música do maestro Artur Rebocho, é uma versão alegre, colorida e bem construída da velha «Gata Borralheira». Rego da Silva, o encenador do grupo, soube dar vivacidade e cor á peça, que possui alguns momentos assinaláveis, tais como o fim do primeiro acto, com o cenário móvel adaptado á cena da partida para o baile.

Se o teatro amador poucas vezes se debruça sobre as necessidades infantis, bastaria este facto para envolver a iniciativa do Grupo da Fima-Lever nos maiores elogios. Para lá da sua atitude exemplar, porém, há que salientar que o espectáculo atingiu um nível muito aceitável, que nada fica a dever á maioria dos espectáculos que se fazem em Portugal para crianças. Um dos melhores factores desse êxito foi a música composta por Artur Rebocho, alegre, com muito ritmo, que foi quase sempre acompanhada com palmas pela assistência.

Homenagem póstuma a um amador teatral

PALMELA, 12 — O grupo de teatro da Sociedade Filarmónica Humanitária de Palmela promove, amanhã, ás 21 e 45, no Cine-Teatro Luísa Todi, um espectáculo de teatro, em homenagem á memória de Carlos Ferreira, há pouco falecido em Setubal, com a representação de «Gota de Mel», de Leon Chancerell, «Eh, lá fora», de William Saroyan, e «Suplica de Cananeia», de Gil Vicente.

Carlos Ferreira, a quem o teatro amador muito ficou a dever foi, além de actor-amador de muito mérito, encenador e crítico de teatro muito competente, pelo que a sua morte deixou no teatro amador uma lacuna difícil de preencher.

«ANTEPASSADOS VENDEM-SE» PELO EXPERIMENTAL DE CASCAIS

No Teatro Gil Vicente, prosseguem os ensaios da peça «Antepassados, vendem-se». Peça com grande número de personagens —vinte e uma no total—, nela participam, sob a direcção de Carlos Avilez, pràticamente todos os elementos do T.E.C. e outros convidados para o efeito: Vítor Ribeiro, Fernanda Coimbra, Zita Duarte, Carlos Paulo, João Vasco, Santos Manuel, Luís Lello, Constança Navarro, António Anjos, Elisa Lisboa, Ana Leiria, Mário Viegas, Guilherme Antunes, Luís Cerqueira, António Marques, Vicente Batalha e Vítor de Sousa.

A estreia deste espectáculo, que conta com realização plástica de Artur Buaf, está prevista para as 22 horas do próximo dia 16.

«Esperteza Saloia» em 4.° mês no Maria Vitória

Todas as noites, ás 20 e 45 e ás 23 horas, os empresários Giuseppe Bastos e Vasco Morgado apresentam, em quarto mês de representações a já famosa revista «Esperteza Saloia», raro exemplo de graça, crítica, linda música, deslumbrante montagem e belo guarda-roupa e, acima de tudo, de uma excepcional interpretação, a cargo dos melhores artistas do nosso teatro ligeiro.

Á frente da companhia do Maria Vitória, estão os populares artistas Salvador, José Viana, Mariema, Barroso Lopes e Dora Leal, com as atracções Helena Tavares e «The Melodies», os artistas Vítor Mendes, Dina Maria e Cristina Cassola, um gentil grupo de jovens actrizes e um escultural e alegre «ballet» internacional.

Entre os muitos momentos que o público aplaude com entusiasmo destacam-se, além do hilariante «compére» «Zé Saloio», por Eugénio Salvador, os numeros «O sinaleiro da Liberdade», «Marchante da Mouraria», «Homem das palavras inúteis» e «A voz da guitarra», por José Viana; «A fadista russa», «Marchante da Madragoa» e «Maria Rambóia», por Mariema; «O Condutor do domingo» e «Admirador da Natureza», por Barroso Lopes; «Condutora de domingo», «Filarmónico» e «Menina do coro», por Dora Leal, e «O banheiro salva-vidas», por Vítor Mendes, além do fado «Quando a noite vem...», por Helena Tavares e de canções do «duo» filipino «The Melodies». Hoje, mais duas sessões. No domingo «matinée» ás 16 horas.

SESSÃO CLÁSSICA NO IMPÉRIO

Em mais uma sessão clássica, será exibido, amanhã, ás 18 e 30, no Cinema Império, o filme «Laços Eternos», de André Delvaux, com Anouk Aimée e Yves Montand. Em complemento, será projectado o documentário «Colecção Calouste Gulbenkian», de Francisco Saafeld.

CINECLUBE DO BARREIRO

Na próxima sexta-feira, ás 21 horas, reune-se em sessão extraordinária a assembleia geral do Cineclube do Barreiro a fim de serem debatidos aspectos importantes da vida daquela agremiação cultural.

A reunião decorrerá na sede do clube.

AMANHÃ, NO ODEON
A 1.ª ESTREIA ESPECIAL, DE 1970
SILVIA PINAL
UM VENDAVAL DE PAIXÕES GERADAS PELA CONDENAÇÃO DE UM GRANDE AMOR
NUMA CRIAÇÃO ADMIRÁVEL com JOSÉ SUAREZ • NORMA LAZARENO • IRMA LOZANO • TITO JUNCO (Col.)
A ODISSEIA DE UMA JOVEM PRESA AO PECADO DE UMA AMIGA...
...FAZ A FELICIDADE DE OUTRAS VIDAS... ...MAS NUNCA PENSOU NA SUA...
MARIA ISABEL

MAIORES 12 ANOS
Excl. da IMPERIAL FILMES
BRILHANTE REALIZAÇÃO DE FEDERICO CURIEL
UM NOVO ESTILO DE LINGUAGEM QUE REVELA COMO UMA MULHER CONFESSA, SEM PALAVRAS, QUE AMA EM SEGREDO!

COLISEU
SEXTA-FEIRA, 16
Às 21.30 (Maiores 12 anos)
ESTREIA
GRANDE COMPANHIA INTERNACIONAL DE CIRCO DE 1970
O CIRCO DO ANO NOVO AS MAIORES ATRACÇÕES

Teatro Capitólio
QUINTA-FEIRA (DIA 15)
UM ACONTECIMENTO DO TEATRO PORTUGUÊS
ESTREIA DA SENSACIONAL PEÇA DE ROMEU CORREIA
«O CRAVO ESPANHOL»
Encenação de Pedro Lemos
Cenário de Luís Soares
M/ 17 ANOS
TEL 32 03 79

HOJE, ÀS 20.45 E 23 H.

DORA LEAL no «Filarmónico»
• A JÁ FAMOSA REVISTA MARIA VITÓRIA
ESPERTEZA SALOIA • ADULTOS
O triunfo de um óptimo elenco, com:
• SALVADOR • JOSÉ VIANA
• MARIEMA • BARROSO LOPES
• DORA LEAL
E AS ATRACÇÕES
• HELENA TAVARES
• «THE MELODIES»
Um espectáculo de GIUSEPPE BASTOS e VASCO MORGADO

13-1-70
pelaria pampas
R. Conceição
ao passar o 34.° ANIVERSÁRIO cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos.

AVISO
FRAMAR
Os nossos telefones mudam a partir de 14 do corrente para
32 80 53-4-5

FERNANDA DE CASTRO

— MEIO SÉCULO DE POESIA

É preciso ver os autores à luz das motivações que rodearam a criação das respectivas obras. Será porventura o mínimo de justiça que se vede a todos nós. O tempo, que dá às coisas os seus lugares, toma a seu cargo fazer e desfazer glórias — e reduzir os homens e os acontecimentos às devidas proporções

Alexandre Ribeirinho leu dezenas de telegramas de felicitações enviados à autora de «África Raiz» e Maria Germana Tânger disse alguns poemas.

Numeroso grupo de destacadas figuras das letras reuniu-se, ontem, à noite, no restaurante «A Quinta» (ao Largo do Carmo), para homenagear alguém que acaba de completar meio século de constante actividade, publicando poesia, romance, literatura infantil e teatro. Trata-se de Fernanda de Castro escritora que apareceu precisamente em 1919, com um voluminho de poemas. Intitulava-se ele «Ante-Manhã». Outros livros viriam com o rodar dos anos: em poesia, «Cidade em flor», «Jardim», «Daquém e dalém alma», «39 Poemas», «Exílio», «Asa no Espaço», «A Ilha da grande solidão» e «África Raiz»; em romance «O veneno do sol», «Maria da Lua» «Sorte» e «Raiz Funda»; em literatura infantil, «Varinha de condão», «O tesouro da casa amarela», «Mariazinha em África» (que vai na 11.ª edição), «As aventuras de Mariazinha», «A princesa dos Sete Castelos» e «Fim de semana na Gorongosa»; e, em teatro, «A Pedra no Lago» e «A Espada de Cristal».

Da sua poesia, editou Fernanda de Castro, agora, uma antologia em dois volumes. Pela sua leitura, poderemos ajuizar, desapaixonadamente, da qualidade da criação literária de uma autora a quem o tempo se encarregará também de fazer justiça.

Durante o jantar (mais de 100 pessoas), falaram: os profs. Hernâni Cidade e Vitorino Nemésio; David Mourão-Ferreira, Luís de Oliveira Guimarães e Domingos Monteiro; Natália Correia e José Carlos Ary dos Santos, que representava a voz dos novos. Fernanda de Castro agradeceu.

Em três linhas

A partir do dia 31 de Março de 1970 foi proibida a comercialização e utilização de produtos fitofarmacêuticos que contenham D. D. T. para aplicar na batata, feijão, cereal e outros produtos armazenados, utilizados no consumo humano ou animal.

///

Está aberto concurso para o provimento do cargo de chefe da secretaria da câmara municipal de Terras do Bouro.

///

O dr. José da Costa Miranda, professor do Liceu de Camões, em Lisboa, foi nomeado secretário do Instituto para a Alta Cultura.

///

O ministro plenipotenciário de 1.ª classe dr. Emílio Patrício foi colocado na situação de aguardando aposentação.

ENCONTRO DE EDUCADORAS DA INFÂNCIA

No secretariado que para esse efeito tem a sua sede na Rua das Trinas, 20, estão a efectuar-se as últimas inscrições para o I Encontro Nacional de Educadoras da Infância, que se vai realizar nos dias 17 e 18, no Colégio do Sagrado Coração de Maria na Avenida Manuel da Maia, 2, e que tem por fim sublinhar o valor da infância, a importância da educação pré-escolar e criar mentalidade para uma pedagogia nova, permitindo a afirmação actualizada do trabalho profissional das educadoras da infância.

O prof. Van Niele vem de Paris expressamente para participar nesta reunião. Para a sessão de encerramento, que decorrerá no dia 18, às 21 e 30, foram convidadas diversas individualidades de relevo.

EM QUESTÕES DE DINHEIRO...

o nosso objectivo é

DINAMISMO
EFICIÊNCIA
SEGURANÇA

BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

onde cada um conta mais do que a sua conta

Manhã na praça

NEM DURANTE O NATAL

— Queria ameijoa!

— De qual: desta ou daquela? — perguntou a peixeira.

A mulherzinha, que não lembrava em nada a vulgar empregada doméstica, olhou interdita para as duas qualidades que lhe indicavam.

— Esta é ameijoa verdadeira e aquela é berbigão! — prosseguiu a vendedeira.

Os olhos da mulherzinha continuaram brancos de indecisão.

— A senhora disse que queria boa... Como é o preço?

— A 5$50 o berbigão e a 30$00 e a 40$00 a ameijoa!

A mulherzinha escolheu da mais cara. A peixeira pesou. A compradora só pedia boa, «a senhora queria

O chicharro é o peixe que ainda continua acessível á bolsa do pobre

boa» e não referiu o preço. Mas algo queimava a peixeira. Quando entregou a ameijoa, queixou-se:

— Nem no Natal a vendi a este preço!...

São as próprias peixeiras que se queixam da careza do peixe. Não lucram, parece, com a subida de preços. Vendem menos, muito menos. As suas bancas estão pior recheadas. As donas de casa andam às voltas e não sabem que comprar. Ainda hoje ouvimos, à guisa de desabafo, no Mercado de Alvalade, o «slogan» que ùltimamente se tornou habitual nos mercados:

— Que miséria de peixe!

PREÇO DOS PRODUTOS

Vimos o quilo da ervilha de grão, a 11$00; da cenoura, a 3$50 e 4$00; da abóbora, a 2$50; das cebolas, a 4$50; da batata, a 2$60; do tremoço, a 4$00; da azeitona, a 7$40; 7$80 e 10$40; da castanha, a 5$00; e da fava, a 10$00.

O alho francês vendia-se, cada, a 2$00 e 2$50; a couve-flor, a 4$00 e 5$00; o nabo, a $50 e 1$00; a couve portuguesa, a 1$50 e 2$50; a alface, a 1$50 e 2$50; e a lombarda, a 3$00 e 6$00.

O molho de agriões custava 1$00; dos grelos, 5$00 e 6$00; dos bróculos, 10$00; da beterraba, 6$00; das nabiças, 5$00; dos espinafres, 7$00 e 8$00; e dos rabanetes, 3$00.

PEIXE

O quilo da marmota negra estava, a 21$00, 21$60 e 23$00; dos rabos de dourada, a 14$90; do cachucho, a 15$00 e 17$90; do polvo, a 15$00 e 16$00; das lulas, a 37$00; do besugo, a 17$80; da caldeirada, a 12$00; da pescada congelada, a 16$50; da pescada branca, a 60$00; do linguado, a 78$00; do robalinho, a 42$00; do goraz, a 34$00; do pargo legítimo, a 44$00; dos chocos, a 16$50 e 20$00; do chicharro, a 9$90; da sardinha, a 15$00; dos rabos de pescada, a 21$00; do carapau, a 12$60 e 11$40; dos rabos de nero, a 17$80; da tainha, a 15$00; da palma, a 14$90 e 18$90; do berbigão, a 5$50; da ameijoa, a 36$00 e 40$00; do safio limpo, a 26$00; do camarão, a 50$00; da faneca, a 14$90; da azevia, a 28$00; e da garoupa, a 43$60.

FRUTA

Vimos o quilo da laranja a, 6$00 e 8$00; das tangerinas, a 7$00 e 9$00; da maçã reineta, a 10$00; das pêras, a 12$00 e 13$00; do pêro bravo de esmolife, a 10$40; dos limões, a 6$50; das romãs, a 6$50; do pêro «golden», a 13$00; das bananas, a 11$70; e do ananás, a 25$00.

CRIAÇÃO E OVOS

A dúzia dos ovos apresentava as tabelas, segundo o tamanho, de 16$00, 16$20 e 16$90.

O quilo do frango e da galinha limpa estava a 25$00. O único coelho bravo que havia no Mercado de Alvalade custava 33$00.

DONA DE CASA

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

A Sociedade Estoril vai fazer uma consulta aos assinantes

• «Prefere o horário anterior ou o actual com rectificações?»

«A Sociedade Estoril encara a hipótese de fazer no fim do mês, junto dos assinantes, uma consulta sobre o problema dos horários», disse-nos o dr. António de Figueiredo, administrador da empresa, que confirmou também as recentes declarações do eng.º Carlos Brasão segundo as quais serão revistos por todo o mês de Janeiro os horários actualmente em vigor.

A pergunta a fazer aos assinantes seria básicamente esta: prefere o horário anterior ou o actual com rectificações? Entretanto a empresa trata de ajustar o essencial das rectificações em estudo ao essencial das críticas que podem ser de momento satisfeitas.

— *Vamos atender várias reclamações* — precisou o dr. António de Figueiredo.

Um exemplo: o horário em vigor será modificado de molde a servir melhor as necessidades dos alunos do Liceu de Cascais (que se utilizam da estação de S. João do Estoril). Outro ainda: será revisto o problema das paragens em Santos, já que o esquema actual não contempla — pormenor entre outros — a aspiração de muitos moradores do bairro ou das imediações em ir almoçar a casa.

Aliás, este problema das paragens em Santos não é visto uniformemente na empresa. Há divergências de opinião ao nível de administradores e técnicos. No dizer do eng.º Duarte Belo, pensou-se fundamentalmente que a *não paragem* encurtava de um minuto (pelo menos) as viagens, permitindo assim «fazer mais comboios», e que o excesso de paragens prejudicava de modo notório o transito nas passagens de nível da Rocha e de D. Carlos. Vai procurar-se uma solução intermédia entre os dois pontos de vista extremos.

«O novo horário custa-nos caro»

O horário que recentemente entrou em vigor — e que a Sociedade Estoril classifica de provisório na medida em que o definitivo só mais para o meio do ano poderá ser estabelecido — traduziu-se — segundo a afirmação do administrador — num aumento de viagens que era, afinal, a intenção primeira da empresa. Feitas duas sondagens aos utentes, em Outubro de 1968 e Novembro de 1968, concluiu-se que a crítica mais frequente, ou uma das mais frequentes, se referia precisamente á relativa escassez de ligações a determinadas horas.

Para ir de encontro ao desejo dos utentes, afirmou-nos o dr. António de Figueiredo, a Sociedade Estoril pôs de parte qualquer egoísmo económico.

— *O novo horário custa-nos caro* — acrescentou o administrador.

Ele mesmo admite, entre várias consequências da alteração do horário, que os passageiros das estações intermediárias foram prejudicados. Mais: sê-lo-iam necessàriamente, pois «a nossa intenção é servir o grosso do público».

Quanto ao horário definitivo, espera-se a entrega da primeira parte de uma encomenda de 29 carruagens pela Sorefame para ajustá-lo. Essa entrega deverá ser uma realidade em finais do semestre e resultará, por exemplo, no aumento do número de carreiras de e para Cascais (as quais diminuiram por força do novo esquema).

«Nunca lutámos pelo monopólio»

É convicção de muita gente, na administração da Sociedade Estoril, que as reacções do público utente da «linha» se fixaram na alteração do horário, sim mas tiveram a sua verdadeira e natural origem no aumento das tarifas. Quando hoje se protesta contra os «novos horários» esqueceu-se já, ou faz-se por se esquecer, os «bilhetes mais caros», inevitáveis.

A subida tarifária resultou de um estudo do Ministério das Corporações face a novos encargos da Administração. Foi aprovado no ano de 1967 em função da referida encomenda de 29 carruagens, que aumentará de 50 % o material rolante da Sociedade Estoril e daria por si só — recordamos — matéria para algumas reflexões sobre o parque industrial português.

O montante conseguido com o aumento (23,5 %) veio repartir-se desigualmente pelos utentes. Há quem se queixe de uma subida de 81 % (caso de certos bilhetes de primeira classe em trajectos curtos) e quem tenha de desembolsar menos que os tais 23,5 % a mais. Segundo o dr. António de Figueiredo, a empresa escolheu essa repartição desigual para atender á situação dos moradores nos finais da «linha», que não deverão ser agravados tanto como os outros «porque já pagam em tempo».

— *No meio de tudo isto* — declarou ainda o administrador — *gostaríamos imenso que houvesse concorrência de outros meios de transporte em toda a linha e não só numa pequena parte. Nós nunca lutámos pelo monopólio. Aliás, se agora fosse autorizada, digamos, uma carreira de camionagem entre Lisboa e Cascais, ver-se-ia por comparação a que ponto as nossas tarifas são realmente baixas.*

*

Aqui fica, portanto, uma soma de informações e reflexões sobre a matéria de facto que é a actual situação dos transportes ferroviários suburbanos entre Lisboa e Cascais, de que a Sociedade Estoril deixará de ser concessionária em 1976. Julgámos útil contactar com a administração da empresa — e o leitor (sobretudo o leitor utente da «linha», directamente implicado) avaliará por si da mesma utilidade. Que o tema está na ordem do dia provam-no as inúmeras cartas que continuamos a receber.

A música em 1969

• Uma carta de Francine Benoit

Da sr.ª D. Francine Benoit, crítica musical, recebemos, com pedido de publicação, a carta que a seguir publicamos na íntegra:

«Em resposta á pergunta formulada no «Diário de Lisboa» de 31 de Dezembro p.p., — «*Quais os aspectos negativos de 1969?*» acabo de ler, a respeito de MUSICA, (que foi esquecida no cabeçalho, onde estão enunciados: ARTES PLASTICAS, CINEMA, BAILADO, DESPORTOS, ECONOMIA, LITERATURA, TEATRO), o texto de Manuel de Lima, ao qual venho levantar algumas objecções. Manuel de Lima escreve: «*Não há, a meu ver, que registar apenas um caso negativo (caso ou ponto?)... Em primeiro lugar, considero ponto negativo uma crítica pouco polémica e com tendências para a benevolência, para não falar na distracção, destituída, portanto, de sentido prático.*» E cita H. Kruger (omite dizer de que ensaio ou revista): «*O tipo de crítico profissional moderno, tal como o caracterizou a nossa época, só é possível, claro está, sob uma condição prévia elementar: pressupõe uma estrutura política da sociedade* (ou pressupõe conhecimento dessa estrutura?) *que está organizada de acordo com as regras fundamentais da democracia, uma sociedade, portanto, em que os valores não são ditados de cima, senão que está disposta a realizar, partindo de baixo, e em livre controvérsia de opiniões em comum, o acto de apurar a verdade*». Deixemos por esclarecer o que H. Kruger entende por «partir de baixo», e indaguemos: Como se pode «partir de baixo» e estabelecer uma livre controvérsia de opiniões em comum, se não estão criados os alicerces necessários para umas quantas opiniões válidas? Não terá sido levianamente que o próprio Manuel de Lima recorreu á citação de H. Kruger? Quando fala, a seguir, na «*falta de uma opinião pública mais activa, que advém da carência de informação que insufla os necessários estímulos para a actividade musical*», estamos de acordo quanto á necessidade de uma informação, o mais séria possível até; mas uma opinião publica (sobre assuntos musicais), orienta-se, desenvolve-se, não se cria só por acção das informações. Outra coisa, outras coisas, são indispensáveis!

Há um ponto que merecia largo desenvolvimento: «*...A arte sofreu no mundo moderno uma transformação de carácter social, a partir da qual deixou de ser ornamentação das classes privilegiadas para se tornar propriedade pública*». A arte, no nosso caso, a musica, tem diversos escalões. Foi sempre, não no seu «todo», mas em parte maior ou menor, propriedade publica. É escaldante, sem duvida, e muito difícil, analisar como se entende, e como se deve entender, a propriedade.

Retomando o fio dos desabafos de Manuel de Lima, não, não é por benevolência que se pode aplaudir a Missa Solene de Frederico de Freitas nos concertos do Tivoli, uma vez que se façam reservas e que se discutam critérios. E tenha paciência, Manuel de Lima, a obra não está escrita assim sem mais nem menos num estilo italiano do século passado. Mas não vale reeditar aqui o que publicámos n'*A Capital*, a 20 de Novembro de 1969.

Em ultimo parágrafo, Manuel de Lima escreve: «*A imposição, por princípio, de maestros estrangeiros com actividades permanentes, maestros titulares, tanto ás poucas orquestras de que dispomos, como ao próprio publico (caso Gianfranco Rivoli e Piero Bellugi), sem que essa determinação tenha sido resultado de um critério dependente da estrutura do grupo sócio-musical, acrescenta-se aos pontos negativos mais salientes*». Etc., etc., etc. A nós, que nos animamos a levantar estas quantas objecções, o que importa grandemente é que tenha sido preciso recorrer a maestros estrangeiros, não cremos que *por princípio*. Se não estamos só, tanto melhor. Será que o publico em geral ligue muito ao facto? E o que haveria a esperar de uma determinação resultante de um critério dependente da estrutura (?) do nosso grupo sócio-musical? E essa apetecida estrutura dependerá apenas do exercício da crítica?»

53.ª EXPOSIÇÃO CANINA INTERNACIONAL

Encerra-se no dia 20 o prazo para a entrega, no Clube Português de Canicultura, na Praça D. João da Câmara, 4, 3.º, em Lisboa, em qualquer dia util, das 16 ás 20 horas, dos boletins de inscrição de exemplares na 53.ª Exposição Canina Internacional, que decorre na Feira Internacional de Lisboa. Encontra-se aberta aos exemplares de todas as raças e variedades oficialmente reconhecidas, registadas em livros de organismos filiados na F. C. I. e com ascendência conhecida.

Simultâneamente com a exposição, promovem-se concursos e provas de obediência, abertas a cães registados de todas as raças.

CONTRA A ESPECULAÇÃO E A FALTA DE HIGIENE

MEIO MILHAR DE PROCESSOS

Durante a recente época de Natal, a Inspecção-Geral das Actividades Económicas desenvolveu ampla campanha de fiscalização de preços, a fim de garantir a respectiva estabilidade. Verificou-se que os preços dos principais produtos de alimentação (designadamente os ovos) foram iguais aos praticados em igual época do ano anterior.

Da acção fiscalizadora resultaram 534 processamentos, assim discriminados: *bacalhau* — três retalhistas por ocultação do produto e existência, para venda, de 58 quilos de bacalhau impróprio para consumo, que foi inutilizado após inspecção médico-sanitária; *batata* — oito retalhistas por especulação e comércio irregular; *carne* — trinta talhantes por especulação, matanças clandestinas e comércio irregular; *criação* — três grossistas e 54 retalhistas por especulação e comércio irregular; *drogaria* — dois retalhistas por comércio irregular e especulação.

Por *exportação ilícita* foram processados dois indivíduos (7 495 maços de cigarros, que foram apreendidos). Outros processos: *ferragens* dois retalhistas por especulação na venda de serrotes, cadeados e capachos de ferro; *frutas* — 2 grossistas e 55 retalhistas por comércio irregular e especulação; *indústria hoteleira e similares* — 15 industriais por comércio irregular, especulação na venda de comidas e bebidas.

A firma António Neves & C.ª Lda., da Rua dos Mártires da Liberdade, 217, no Porto, foi processada por existência, para confecção de artigos de pastelaria, de 517 quilos de frutas em calda e salmoura e 28 quilos de corintos impróprios para consumo, que foram inutilizados pela forma legal. Foi, ainda, processada por falta de higiene e intimada, pela respectiva autoridade sanitária, a proceder imediatamente a obras de saneamento, sob pena de lhe ser encerrado o estabelecimento. No armazém que servia para preparação de frutas a utilizar em doçarias, os recipientes que continham as caldas e salmouras estavam desprovidos de quaisquer resguardos, rodeados de detritos de toda a ordem, espalhados pelo chão, caixotes cheios de lixo e, até, um tambor repleto de excrementos humanos se encontrava encostado a dois tanques com abóbora e cascas de laranja já preparados para entrar na confecção do bolo-rei.

Mais processos: *inquilinato* — dois senhorios por especulação (recusa de passagem de recibos de rendas pagas); *leite* — dois produtores por especulação e comércio irregular; *malas* — um retalhista por especulação em malas para senhora; *mercearias* — 16 retalhistas por comércio irregular, especulação e existência, para venda, de 48 latas de conserva, 9 frascos de «picles», 23 bolos secos e três quilos de broas, impróprios para consumo, que foram inutilizados pela forma legal; *mobiliário* — dois retalhistas por especulação em mobiliário; *ovos* — cinco grossistas e 44 retalhistas por comércio irregular e especulação.

Foram apreendidos 1 044 ovos, os quais, depois de devidamente inspeccionados e calibrados, foram lançados no consumo público

Apreendidos mais de 23 mil pães

Trinta e cinco industriais e vendedores de pão foram processados por especulação, faltas de balanças e pesos, de higiene, de peso além da tolerância legal e de boletins de sanidade. Foram apreendidos 23 212 pães de diversos formatos e pesos, que foram entregues a casas de caridade, como a lei preceitua. Outros processos: *peixe* — dois grossistas e 37 retalhistas por comércio irregular, especulação e falta de boletins de sanidade; *produtos hortícolas* — um grossista e 37 retalhistas por especulação e comércio irregular; *vinhos* — dois armazenistas e um retalhista por comércio irregular e especulação.

Foram, ainda, processados 22 estabelecimentos por especulação em vestuário, sapataria, tecidos, panos para lençóis, artefactos de malha, confecções, camisas, lanifícios e guarda-chuvas.

Por falta de afixação dos preços nos artigos ou produtos expostos para venda ao público, foram processados 149 estabelecimentos diversos.

ABUNDÂNCIA DE PEIXE EM MATOSINHOS

MATOSINHOS, 13 — Dez arrastões, que, há dias, entraram no porto de Leixões, descarregaram esta manhã, na lota do arrasto, 1066 caixas de peixe, no total de 32 toneladas.

Preços de venda por quilo: chicharro, entre 7$00 e 7$40; carapau, 7$20 e 7$50; faneca pequena, 8$00

ora diga-nos...

— Conta por distracção?

«Todas as formas de distracção são aceitáveis». A generalização permite perguntar se, quando descontraído, na rua, você costuma contar os candeeiros, as montras, as pessoas?

● *Disse-nos o sr. Adílio José Véstias Chorrito, florista:*

—Ora aí está uma pergunta curiosa!

— Sim...?

— Sim. É que, muitas vezes, conto mesmo as portas, as montras, as esquinas. É um passatempo como outro qualquer...

● *Resposta do jovem Pedro Almeida Pereira, aluno da quarta classe:*

— — Faço isso muitas vezes. Então, quando vou de eléctrico, conto todas as paragens. E conto, sim, conto os automóveis, as portas, sei lá o que mais... Conto tudo o que me dá na real gana.

● *Por último, disse-nos José Manuel Ferreira Mendes, com uns livritos debaixo do braço:*

— Às vezes. Não tenho essa mania, não.

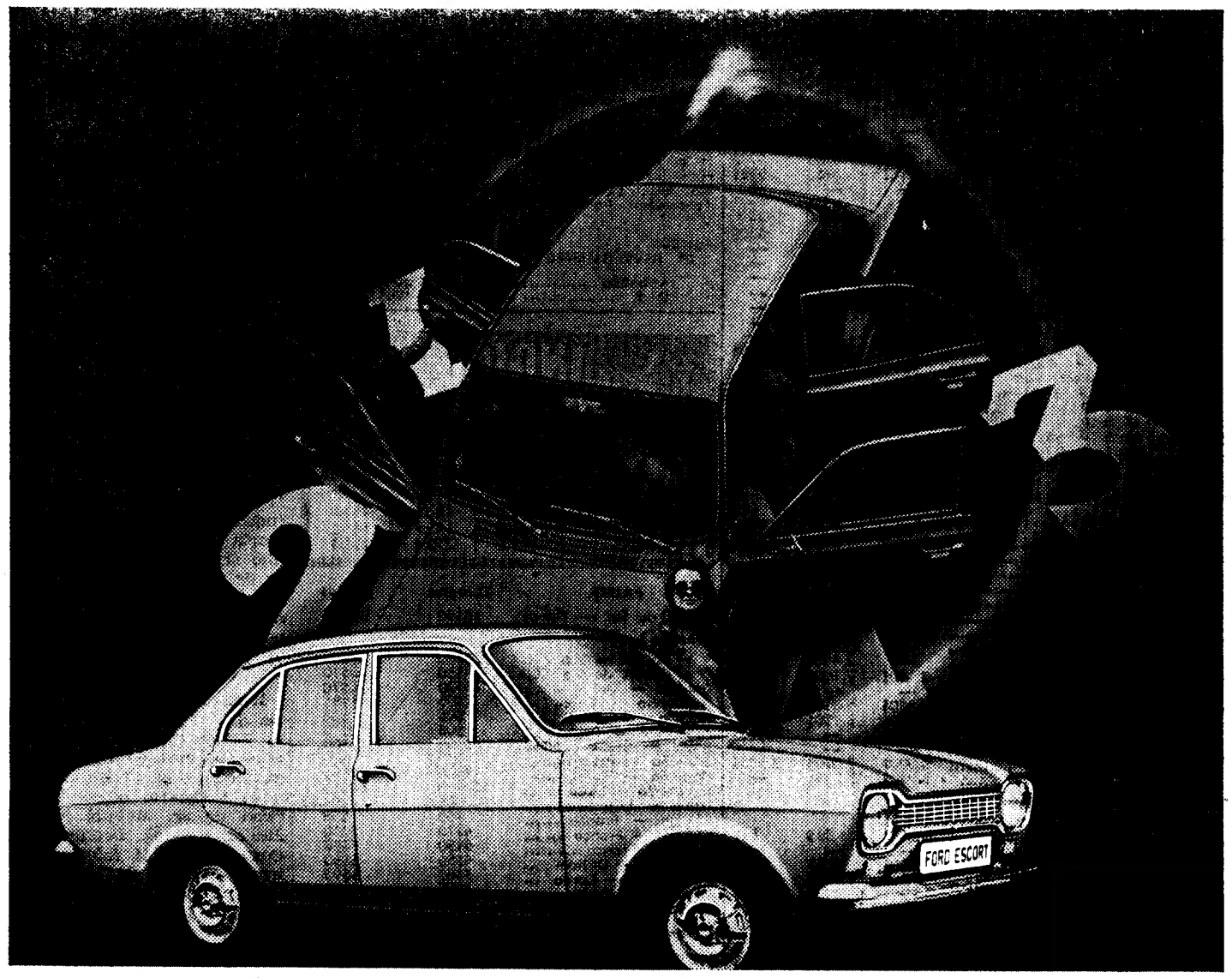
— Achas que é mania?

— Se não é mania, é falta de imaginação.

— Então, de vez em quando, não tens imaginação...?

— Pois não. Imaginar muito faz mal ao *tutano*.

Administração de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO



A FORD VENCEU O CAMPEONATO EUROPEU DE RALIS EM 1969 – CONSTRUTORES

Abra a porta, a porta, a porta, a porta para uma vida mais excitante

A Ford apresenta o Escort 4 portas

O Escort conquistou a Europa
e a simpatia dos Europeus.
Porque é uma raça diferente
de carro pequeno. Tem o espaço.
(cabem nele 4 a 5 pessoas
e ainda toda a bagagem)
e a performance de um carro grande.
Mas tem o preço de um carro pequeno.
O carro que tinha tudo excepto 4 portas,
agora tem mesmo tudo.
Demos-lhe, portanto, mais **duas razões**
para olhar o Escort com olhos de ver.
Repare nos motores: De 1100 e 1300 cc.
Ambos com cabeça do motor plana
e câmara de combustão na coroa dos pistões.
Uma concepção **avançada**
que reduz substancialmente o consumo.
Repare nos assentos. E nos acabamentos.
O Escort está ao nível
dos carros grandes e mais caros —
— tanto em conforto, como em estilo.
Ele significa uma vantagem para si!
Repare nos 4 modelos:
Escort, Escort DeLuxe,
Escort GT, Escort Estate Car.
Agora também com 4 portas
— ao Escort já não lhe falta nada.

Ford à frente

Ford

A SUA DISPOSIÇÃO NOS CONCESSIONÁRIOS FORD EM LISBOA
AUTO BOAVISTA, LDA. R. da Boavista, 81-B - Telef. 66 91 41 / J. MENDES COELHO, LDA. R. Alexandre Herculano, 6-A - Telef. 4 61 47 / AUTO RALI, S. A. R. L. Av. Almirante Reis, 130-A - Telef. 4 18 32 Av. Eng.º Frederico Ulrich - Telef. 28 05 37 - Cascais

6984-NEX-ANUT.-E-30

Diário do Porto

Empossados os dirigentes da Misericórdia de Gaia

Num dos salões da Misericórdia de Gaia, foi conferida posse aos dirigentes da benemérita instituição, para o triénio de 1970-72:

Assembleia Geral — Srs. Zeferino Pedrosa de Almeida, presidente; António José Correia de Carvalho Ferrão, Justino da Silva Gomes, dr. José Augusto Miranda Romariz, Julio Oliveira Meireles dos Santos e António Pedrosa de Almeida.

Definitório — Srs. eng.º Mário Rui Flores dos Santos, Clemente da Silva, eng.os Jorge Vieira de Araujo e Manuel João de Almeida Barros, rev. Vitorino José de Pinho, João Manuel da Silva Barro e Nuno Álvares Santos Rodrigues da Assunção.

Mesa Administrativa — Srs. Manuel Moreira de Barros, provedor; dr. João Alves Parreira, Guilherme Augusto Leal, Renato Vladimiro de Maia Moura Soeiro, Fiel Rodrigues, Narciso de Matos e Alberto Lucas da Cunha.

Pelouro das propriedades — Srs. Guilherme Augusto Leal, Fiel Rodrigues e Alfredo de Oliveira Meireles dos Santos.

Espectáculos para hoje

TEATROS

ANTÓNIO PEDRO — Às 21 e 45: «Auto da Alma» (12 anos).

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 21 e 30: «Isadora» (17 anos).
COLISEU — Às 21 e 30: «A Batalha de Inglaterra» (12 anos).
RIVOLI — Às 21 e 30: «Adeus, Mr. Chips» (12 anos).
TRINDADE — Às 21 e 30: «A Louca de Chaillot» (17 anos).
BATALHA — Às 21 e 30: «D. Quixote sem mancha» (12 anos).
ESTUDIO — Às 21 e 30: «Seduzida e abandonada» (17 anos).
OLIMPIA — Às 21 e 30: «Um perigo em cada curva» (17 anos).
CARLOS ALBERTO — Às 21: «Desapareceu um espião» e «Flecha dourada» (12 anos).
AGUIA D'OURO — Às 21 e 30: «O grande ajuste de contas» (17 anos).
VALE FORMOSO — Às 21 e 30: «O Diabo era outro!» (12 anos).
JULIO DINIS — Às 21 e 30: «Desejo perverso» (17 anos).

Amanhã à tarde

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 15 e 30: «Isadora» (17 anos)
COLISEU — Às 15 e 30: «A Batalha de Inglaterra» (12 anos).
RIVOLI — Às 15 e 30: «Adeus, Mr. Chips» (12 anos).
TRINDADE — Às 15 e 30: «A Louca de Chaillot» e «A revolta de um cobarde» (12 anos).
BATALHA—Às 15 e 30: «D. Quixote sem mancha» (12 anos).
ESTUDIO — Às 15 e 30: «Seduzida e abandonada» (17 anos).
OLIMPIA—Às 15 e 30: «Serafino — Amor livre na aldeia» (17 anos).
CARLOS ALBERTO — Às 15: «Viver para viver» e «Socorro!» (17 anos).
AGUIA D'OURO — Às 15 e 30: «O grande ajuste de contas» (17 anos).
VALE FORMOSO — Às 15 e 30: «O Diabo era outro!» (12 anos).
JULIO DINIS—Às 15 e 30: «Desejo perverso» (17 anos).

O centenário de Beethoven

Promovida pela Câmara Municipal, teremos, no Teatro Rivoli, a V Série Internacional de Concertos, dedicada a Beethoven, nas comemorações do centenário do seu nascimento. Será intérprete a Orquestra Sinfónica do Porto.

O primeiro desses concertos é amanhã; os outros estão marcados para os dias 28 do corrente; 4,11 e 25 de Fevereiro; 11 e 25 de Março e 1 de Abril, às 21 e 45, naquele teatro.

O drama da criança abandonada numa lixeira

Está internada na sala de partos do Hospital de Santo António, dado o seu estado de fraqueza, Irene Teixeira Conde, de 18 anos, cartonageira, moradora na Escarpa dos Guindais, no Bairro Olímpia, 13, casa 1. É a mãe do recém-nascido abandonado numa lixeira e que morreu naquele hospital.

Uma brigada da Polícia Judiciária que, conforme noticiámos, se deslocara àquele bairro, procurando uma rapariga grávida, conseguiu, por fim, localizá-la numa tipografia situada na Rua da Alegria, onde trabalha. Levada para a subdirectoria daquela Polícia e interrogada, confessou, imediatamente, o acto cometido. Vive com a avó e o tio, e procurou, esparilhando-se, que os familiares nada notassem. Acometida das dores do parto, anteontem, teve a sua hora no quarto de banho após o que saira e deitara a criança pela escarpa para a lixeira — ideia que lhe surgira na altura. Entrou, novamente, em casa, sem que seu tio e avó notassem. Depois, para não levantar suspeitas, fora trabalhar, não obstante o estado em que se encontrava.

O menino, entretanto, que ontem, de manhã — como dissemos — parecia livre de perigo, teve, á noite, uma recaída e faleceu pouco depois.

Durante todo o dia de ontem, foram recebidos no Hospital de Santo António pedidos de pessoas que desejavam adoptar a inditosa criança.

Farmácias de serviço esta noite (4.º turno)

ALIRIO DE BARROS, SUCRS., R. Costa Cabral, 240 (Tel. 40593) * BOAVISTA, Rua do Boavista, 501 (Tel 2-5443) * BOTELHO, Rua do Alegria, 853 (Telef. 4-0069 * CENTRAL, Rua de Santo António, 203 (Tel. 21684) * CONTUMIL, Rua do Contumil, 540 (Tel. 45755) * CORUJEIRA, Rua de S. R da Lameira, 1473 (Tel 5-1928) * GARANTIA, Rua Fernandes Tomás, 698 (T. 2-4645) * LEMOS & FILHOS, Pr. de Carlos Alberto, 31 (Tel. 2-1509) * MAIA, Rua do Campo Alegre, 92 (Tel 6-4450) * PENINSULAR, Rua Chã, 100-102 (Tel. 2-0707) * PINHEIRO MANSO, Rua de S. João de Brito, 25-29 (Tel. 6-0692) * SÁ, Rua Vale Formoso, 181 (Tel. 40427) * FOZ, Rua Senhora da Luz, 382 — Foz (Tel. 68-0127) * SERPA PINTO, Rua de Serpa Pinto, 645 (Tel 4-8697).

ESPECULAÇÃO DESENFREADA no preço do peixe e da hortaliça nos mercados de Olhão

OLHÃO, 13 — Custa a crer, mas verifica-se no mercado municipal uma desenfreada especulação, no preço do peixe.

Enquanto as donas de casa se lamentam, percorrendo as tampas de venda ao publico, onde praticam preços exorbitantes, por manobra dos oportunistas, na presença do próprio fiscal camarário, os pescadores vendem por grosso o peixe que para ali transportam, não obstante as indignadas reclamações.

As autoridades, por mais que sejam as reclamações, não tomaram ainda qualquer medida para acautelar o abastecimento do publico, permitindo que, na sua maioria, o peixe seja canalizado para hotéis, vendedores-ambulantes — a que se chamam arrieiros —, armazéns de exportação, etc. E o consumidor vê-se e deseja-se para obter o alimento básico.

Já era tempo da autoridade administrativa se preocupar com tão gravíssimo problema, mandando abastecer primeiro o publico, e só depois disso, permitir a exportação ou revenda do peixe.

Não sendo Olhão — embora isso espante — considerado centro turístico, nada justifica que seja o principal mercado fornecedor de peixe á custa de enormes sacrifícios da sua laboriosa população.

No mercado da verdura sente-se, também, o efeito da especulação nos preços exigidos pelos revendedores. Assim, impõe-se igualmente que a referida autoridade administrativa ou o Município estabeleça um centro regulador de preços.

Sabemos que muitos dos revendedores vão ao produtor e pedem que lhes facture os produtos hortícolas por preços muito superiores aos da compra, em muitos casos com preços a dobrar, aumentando depois eles no mercado á sua margem de lucro, já por si muito avantajada. Muitos dos agricultores satisfazem os pedidos porque de contrário perdem os clientes.

Durante a ultima guerra, o actual administrador do concelho, dadas as dificuldades do abastecimento do publico, remediou o assunto, fixando na lota comercial determinada quantidade de peixe destinado ao abastecimento publico, e só quando ele estava garantido permitia aos armazéns e revendedores ambulantes a sua aquisição. Porque não fazer agora o mesmo?

Bolsa de Lisboa

AS COTAÇÕES DO DIA ANTERIOR

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Venda
Consolidado 4 3/4%	—	—	518$
Consolidado 3%	530$	—	530$
Consolidado 3 1/2%	—	—	620$
Centenários 4%	1.480$	1.480$	1.495$
Obrigs Tesouro 5%	—	1.005$	1.007$
Externo 1.ª Série	—	600$	700$
Externo 1.ª Série c.	825$	820$	830$
Externo 3.ª Série	—	720$	—
Externo 3.ª Série c.	—	780$	820$
Cautelas 3.ª Série	—	—	160$
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 5%	—	—	—
A P T 5% 56	—	—	—
A P T 5% 58	—	—	—
C P 4 1/2% 65	—	890$	900$
C P 5 1/2% 67	—	990$	—
C U F 6%	1.000$	990$	—
C U F 6% 68	—	1.013$	—
Gás Elect 4% 48	—	780$	—
Gás Elect 4 1/2% 51	—	810$	—
Gás Elect 5% 52	—	890$	—
Gás Elect 5% 58	—	890$	—
Gás Elect 5% 59	—	890$	—
Gás Elect 5% 62	—	930$	—
Gás Elect 5% 63	—	910$	940$
Gás Elect 5% 65	—	—	—
Gás Elect 5% 67	995$	—	997$
H E A Alentejo 5%	—	800$	820$
H E Cávado 5%	—	—	825$
H E Cávado 6%	1.000$	997$	1.005$
H E Douro 5%	—	—	835$
H E Douro 6%	997$	—	—
H E Norte Port 5%	—	—	—
H E S. Estrela 6%	—	—	1.000$
H E Zêzere 5% 55	—	—	—
H E Zêzere 5% 57	—	—	—
Lisnave 6%	—	—	—
Metropolitano 4%	880$	875$	890$
Metropolitano 5 3/4%	996$	995$	998$
Moçambique 5%	—	—	—
Nac Electr. 5%	—	850$	—
Nitratos 5%	—	—	—
Nitratos 5% 60	—	—	820$
Petroquímica 5%	—	950$	—
Port Celul 5%	—	—	—
Sacor 5% 54	—	—	—
Sacor 5% 60	—	—	—
Siderurgia 5% 2.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	—
Sonefe 5%	840$	—	850$
T A P 4%	—	—	—
Termoelect Port 5%	—	—	810$
U E P 3 3/4%	—	84$	—
U E P 4%	—	84$	—
U E P 4 1/2%	—	—	—
U E P 5%	—	81$	83$
U E P 5% 60	—	—	—
U E P 5% 63	—	—	—
A C Ç Õ E S			
Bancos			
Agricultura	2.300$	2.290$	2.305$
Alentejo	1.100$	1.100$	1.104$
Angola	3.660$	3.660$	3.680$
Burnay	—	—	—
Créd Predial	—	5.650$	5.670$
E. Santo	—	18.600$	19.500$
E. Santo n.	—	—	—
Fonsecas S. p.	—	20.000$	25.000$
Fomento Nacional	—	2.400$	2.500$
L. G Açores p.	7.100$	7.100$	7.150$
L G Açores n.	—	—	—
P. Atlântico p.	5.860$	5.855$	5.870$
Portugal n.	3.290$	3.250$	3.300$
Portugal p.	—	—	4.400$
Totta Aliança	—	—	—
Ultramarino n.	3.590$	3.590$	3.595$
Ultramarino p.	3.940$	3.905$	—
Seguros			
Alentejo	84$	83$	85$
Douro	—	—	—
Mundial	900$	895$	900$
Sagres	—	1.050$	2.600$
Tranquilidade	—	60.000$	65.000$
Ultramarino	—	18.000$	30.000$
Ultramarinas			
Açúcar de Angola	895$	880$	900$
Ag Cosseguel	800$	800$	815$
Ag Incomati	—	—	—
Ag Neves	—	355$	—
Ag S Tomé e Príncipe	—	800$	1.000$
Boror	—	160$	190$
Buzi	—	85$	88$
Cabinda	240$	240$	241$

Ultramarinas	Efec.	Compra	Venda
Diamantes Angola	2.430$	2.428$	4 435$
H. E. Revué	660$	650$	670$
Ilha do Príncipe	—	800$	1.000$
Moçambique	180$	179$	182$
Sonefe n.	—	420$	430$
Sonefe p.	445$	440$	447$
Zambézia	—	83$	88$
Angolana	—	—	—
Diversas			
Cidla	—	7.800$	7.900$
Cim Leiria	—	4.500$	5.300$
Cim Tejo	—	—	7.000$
Col Navegação	1.485$	1.450$	1.500$
C U F	1.550$	1.540$	1.570$
Ind Aliança	—	—	—
Nac Navegação	—	3.800$	3.850$
Petroquímica	2.100$	2.090$	2.100$
Port e Colónias	—	1.400$	—
Port Celulose	—	4.300$	4.500$
Port Pesca	—	—	1.210$
Port Tabacos	787$	785$	787$
Sacor	—	4.730$	4.770$
Siderurgia Nac.	1.810$	1.800$	1.850$
Socel	—	3.430$	3.460$
Tabacos de Portugal	—	—	1.800$
Tabaqueira	—	7.300$	7.800$
U F Azoto	878$	875$	878$
Agua. Elect. e Gás			
Aguas Lisboa p	—	400$	—
Aguas Lisboa 34	—	420$	—
Aguas Lisboa 36	—	400$	—
Eléct Beiras	1.615$	—	—
Gás Electr	434$	434$	435$
H E Alto Alentejo	158$	157$5	160$
H E Cávado	1.272$	1.272$	1.274$
H E Douro	1.275$	1.275$	1.277$
H E Norte Portugal	324$	322$	325$
H E S Estrela	—	—	—
H E Zêzere	—	1.270$	—
Nac Electricidade	—	1.275$	—
Termoeléctr Port	1.272$	1.272$	1.275$
U E P	190$5	190$	191$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F Atlântico	—	204$7	210$8
F D E	—	1126$2	1180$

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65 100)

	2-1-70	9-1-70	12-1-70
GERAL	151,3	152,1	**152,6**
METRÓPOL.	143,5	143,9	**144,2**
ULTRAM.	208,6	212,6	**214,4**

PAISES	Compras	Vendas
África do Sul — Rands	36$50	38$50
América:		
— Dollars de 1 e 2	28$00	28$50
— Dollars de 5 a 1000	28$30	28$70
Canadá — Dollar	26$20	26$70
Alemanha — Marco	7$55	7$85
Austria — Schilling	$05	$08
Argentina — Peso	1$08	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo	5$00	7$00
Espanha — Peseta	$39,2	$40,7
Holanda — Florim	7$65	7$95
Inglaterra — Libra	67$50	69$50
Itália — Lira	$04,4	$04,65
Bélgica — Franco	$55	$58
França — Franco	4$70	5$10
Suiça — Franco	6$50	6$70
Marrocos — Dirham	4$80	5$30
Dinamarca — Coroa	3$60	3$90
Noruega — Coroa	3$85	4$15
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Ouro:		
Inglaterra — Libra Isabel	290$00	310$00
Inglaterra — 1/2 Libra	260$00	280$00
Ouro fino — Barra	34$70	36$70

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO, 72
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
Tel. 321273

Necrologia

FUNERAIS

Isidro Plácido Godinho

ALFARELOS, 13 — Realizou-se, com grande acompanhamento, para o cemitério da Granja do Ulmeiro, o funeral do sr. Isidro Plácido Godinho, abastado proprietário e figura de relevo no concelho, que perdeu a vida quando, ao regressar de uma caçada, o automóvel, despistando-se, embateu numa árvore.

O sr. Plácido Godinho, que exerceu os cargos de vice-presidente da Camara Municipal da Granja e administrador do concelho de Soure, contava 51 anos, era casado com a sr.ª D. Maria Olinda Leal Mendes, pai dos srs. António Isidro, alferes miliciano, recentemente regressado do Ultramar, e José Mendes Plácido Godinho, estudante; irmão da sr.ª D. Maria Licínia Plácido Godinho Carranca, casada com o sr. dr. Emílio Fernandes Carranca, e sobrinho dos conhecidos ganadeiros dos campos do Mondego, Plácidos.

D. Emília da Costa Nunes Casimiro

Realizou-se ontem o funeral da sr.ª D. Emília da Costa Nunes Casimiro, de 56 anos, natural de Lisboa, casada com o sr. Joaquim Marques Casimiro, comerciante, filha do sr. Manuel Nunes Junior e de D. Deolinda da Costa Nunes, já falecidos, e irmã da sr.ª D. Maria da Costa Nunes Duarte, casada com o sr. Humberto R. Duarte e da sr.ª D. Elvira da Costa Nunes.

O funeral que saiu da igreja de Fátima para o cemitério do Lumiar foi muito concorrido pois a extinta era muito estimada de quantos a conheciam.

MISSA

Eng.º Clément Julien Dumoulin

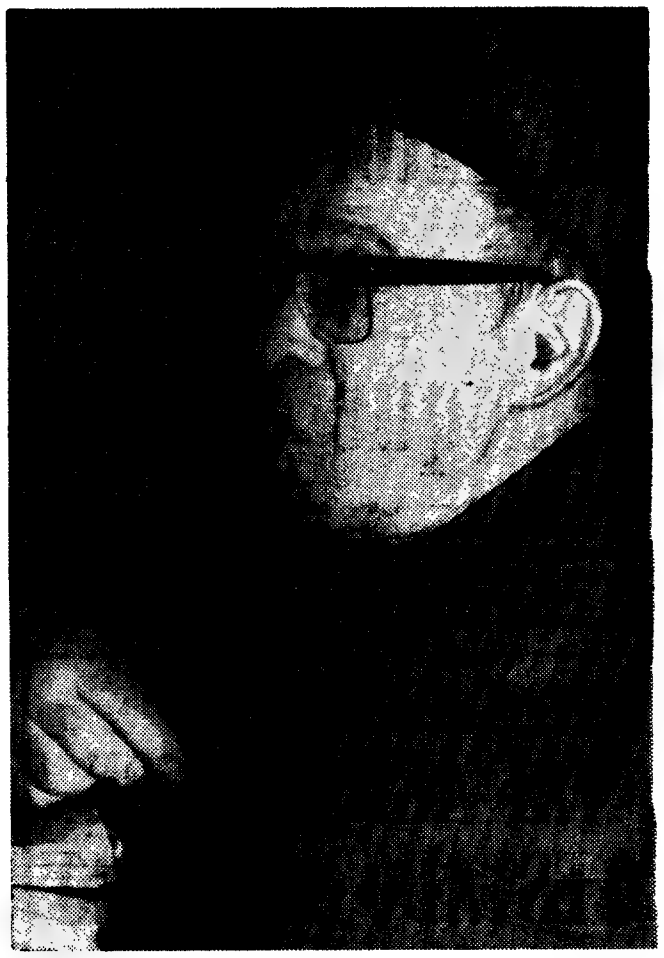
Yvonne Dumoulin, seus filhos e netos participam que em 14 de Janeiro de 1970, às 18,30, será rezada, na Igreja de S. Luís dos Franceses, uma missa por alma de seu saudoso marido, pai e avô, eng.º Clément Julien Dumoulin.

Agradece-se a comparência a este piedoso acto.

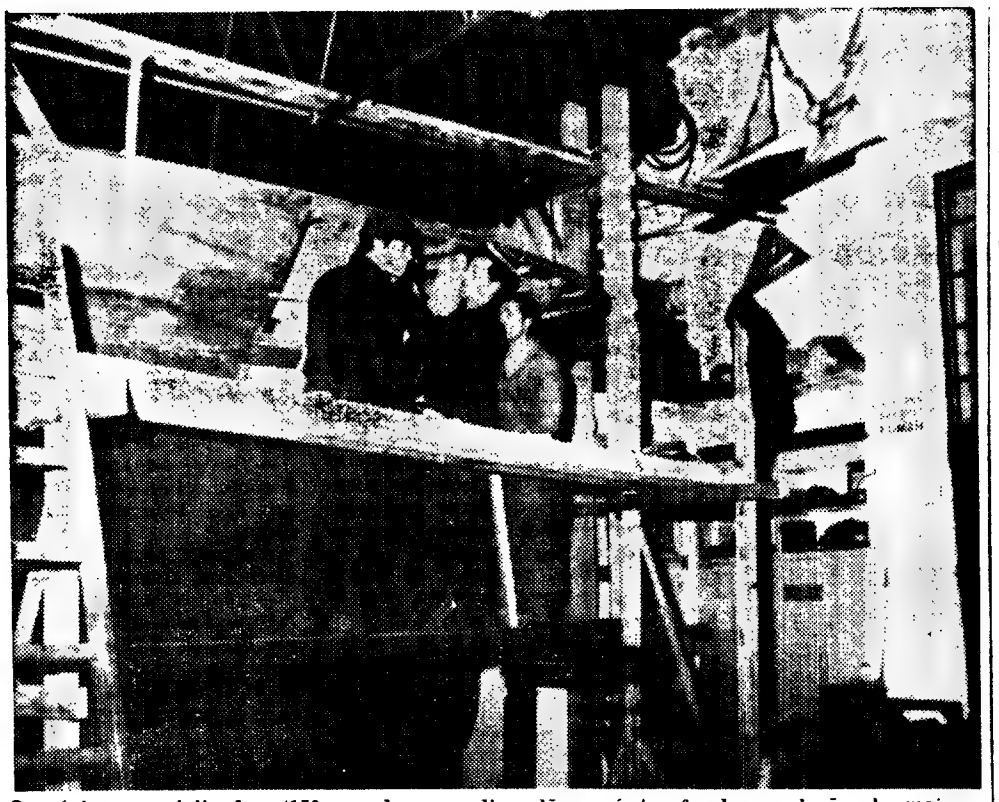
O PERFIL DAS PROAS — 1

MESTRE BRITES ANDA PELO MUNDO EM MILHARES DE BARCOS

JOÃO DOS SANTOS BRITES: eis aqui um homem (72 anos) que nos surge arrancado da época das naus da aventura portuguesa. Exactamente. Até porque temos ali o rio muito próximo, o mar ao longe, um sabor a sal na atmosfera. E, mais do que isso tudo, barcos em construção. Em Pedrouços, na marginal, no resguardo de um edifício que se parece muito com um armazém. A sensação de estarmos num outro tempo esbate-se um tanto por sabermos que mestre Brites se dedica ùnicamente à construção de barcos de desporto e de recreio. Mas, mesmo assim, apetece estar ali, junto das proas que um dia se farão ao mar...



«Há quarenta anos que construo barcos. Se soubesse que, quando comecei, triunfaria na arte, teria posto um número em cada unidade. E, hoje, diria: este é o barco número tal...»



Operários especializados (150 escudos por dia) dão-se á tarefa da conclusão de mais um casco

— *Meu pai era muito pobre. Trabalhava como um mouro, mas era muito pobre e os filhos não paravam de nascer. Vieram ao mundo dezassete.*

E mestre Brites, encostado a um «snipe», diz ainda que o pai, mal apanhava um filho com dez anos, o punha imediatamente a trabalhar na arte. Assim acontecera com ele: acabada a instrução primária, viu-se de repente com a ferramenta na mão.

— *E fiquei com o vício.*

Um brilho irónico nos olhos argutos:

— *Mas já o transmiti. Transmiti-o ao meu filho. Esse que ali está. Três gerações parindo barcos.*

Quem manda construir um iate exige segredo

Nós já o sabíamos: quem manda construir um iate exige segredo.

— *Lá por coisas, sabe? Às vezes, é um industrial. Outras vezes, é um banqueiro. E assim por diante. Chega aqui um tipo, sempre de automóvel, e diz o que quer. Depois, no fim da conversa, lá vem o pedidozinho: não dizer o nome de quem encomendou o barco. E eu não vou contra isso. Ninguém nesta casa vai contra isso. Faça-me todas as perguntas, mas não queira saber o nome dos meus clientes. É que não lhos digo e serei desagradável.*

— Sim...?

— *Sim. Tem de compreender... O senhor tem de compreender este segredo. Olhe, outro dia, veio cá um cavalheiro cheio de dinheiro e encomendou um iate. Já está construído. Pronto a sair. Pediu-nos o cavalheiro que nunca disséssemos o seu nome.*

Sabedor e discreto, mestre Brites contempla o iate:

— *Só lhe falta o nome.*

O maior construtor de «snipes» do globo

Mestre Brites, que estamos apresentando ao leitor num mínimo de palavras, é o maior construtor (individual) de «snipes» do mundo. Ele o diz — e nós acreditamos. Aliás, o feito, com todas as palavras, vem (parece) numa enciclopédia da especialidade.

— *Isso causa-me orgulho. Até muito orgulho. Mas, acredite, se eu soubesse que, durante quarenta anos, triunfaria na arte, teria numerado todos os barcos que saíram deste estaleiro: «snipes», «stars», lusitos, dragões, «finns», lanchas, iates, veleiros, «moths», «sharps» — sei lá o que mais... Então, sim, então poderia ter um número nos meus lábios.*

O trabalho, porém, nem sempre foi um mar de rosas. Mestre Brites teve de ser muito habilidoso para que os negócios suportassem as ondas de um País de fraca maré industrial. E, até, de uma certa concorrência inesperada...

— *Pois não houve um cavalheiro que, satisfeito com o meu trabalho, me roubou quatro dos meus melhores operários...?*

Foi mestre Brites quem construiu o «star» que permitiu aos irmãos Quina uma vitória olímpica: uma medalha de prata.

— *E muitos outros barcos me têm deixado famoso por esse mundo fora... Há, sim, há muito barquinho saído daqui que é o orgulho de muito estrangeiro. Por vezes ponho-me a pensar assim: onde andará aquele iate? e aquele «snipe»? e aquele dragão tão esbelto? E todos os mares se confundem na minha cabeça...*

À frente dos seus trinta operários (carpinteiros, serralheiros, torneiros, pintores, vencendo, cada um, o salário médio de 150$00 por dia), mestre Brites não se prende muito a ideias saudosistas. O trabalho é o trabalho — e, assim, o estaleiro produz por ano cerca de vinte embarcações. E não há tempo a perder: um «snipe» (25 contos) exige três semanas, um «star» (100 contos) leva um mês e meio, um iate (várias centenas de contos) tem muito que se lhe diga...

— *Há sempre mãos trabalhando o mogno (mogno de África, das Filipinas, das Honduras), o carvalho, os contraplacados... E o plástico, pois o plástico invadiu a construção naval.*

Reportagem de PEDRO ALVIM

No decurso do tempo, já têm saído dos estaleiros de mestre Brites embarcações cujo peso oscila entre os 70 quilos e as 40 toneladas.

— *Olhe que isto é de homem!*

— Qual é o barco que pesa 70 quilos?

— *O «moth».*

— Já algum barco seu naufragou?

— *Nunca*

Plástico, fibras sintéticas, tintas de cobre e... taredo!

...E as velas são de *dacron, terylen* e algodão do Egipto. As primeiras, sem poros, captam maravilhosamente a força do vento. E os mastros são de contraplacado, e constituídos por várias peças, reagindo, com tensões diversas, quando submetidos a qualquer pressão. (Mas há também mastros de alumínio anodizado, os quais «duram uma vida inteira».) E as roldanas e cabrestantes, que antigamente eram de ferro, são agora de alumínio pesado, aço inoxidável ou, então, de *tufnol*, que é um plástico ultra-resistente. E os revestimentos são de fibra de vidro. E há, ainda, a *esperovite*, material 12 vezes menos denso do que a água, utilizado na chamada construção de «sandwich», e que permite uma estabilidade espantosa, eliminando, praticamente, o naufrágio...

— Mais algum material?

Brites diz que sim. E aponta, como termo da conversa, as tintas á base de cobre, aplicadas nos cascos, quando estes não são de plástico, pois que também os há desta matéria.

— *É essencial a tinta á base de cobre. Aliás, muito conhecida. Chama-se zarcão e aplica-se com alcatrão. Evita que o* taredo *ataque e roa o barco...*

— O *taredo*?

— *Pois. É um parasita animal tão ruim como o caruncho da madeira seca. Vive na água, o* taredo. *Casco que não esteja bem protegido, apodrece num ai Jesus... O bichinho infiltra-se na madeira e come sem piedade o que Brites fez com paciência.*

O filho de mestre Brites (José) segue uma carreira que já vem do avô. Ei-lo perante o desenho de um barco a construir. «Os desenhos pagam direitos de autor»

A LEZÍRIA INUNDADA

Há catorze estradas cortadas e o lugar de Reguengo do Alviela tem que abastecer-se de barco

SANTARÉM, 13 — Apesar da pequena descida que as escalas hidrométricas acusaram nas últimas horas, o Tejo continua com «cheia grande». Há catorze estradas interrompidas, entre elas a importante ligação Santarém-Lisboa, desviada agora pelo Entroncamento Espanhol, e a povoação de Reguengo do Alviela entrou na segunda semana de isolamento. Transformada em ilha, os seus habitantes vão abastecer-se de barco ao Pombalinho. Entretanto, a vila de Almeirim tem uma única estrada aberta — para Alpiarça.

A descida nas escalas hidrométricas é mínima, embora possa significar o termo da «cheia grande» nos dias mais próximos. Em Vila Velha do Ródão liam-se hoje os seguintes valores: 3 horas — 15,50 m; 6 horas — 15,38 m; 9 horas — 15,15 m.

(sucessivamente, 7,97 m, 7,97 m e 7,93 m).

Toda a região ribatejana se debate já com graves problemas de lavoura. A crise é grande: há vilas e aldeias quase isoladas, campos submersos, sementeiras perdidas (trigo, fava, cevada, etc.), milhares de trabalhadores inactivos não se sabe por quanto tempo. A situação — deficitária — causa muitas preocupações á economia agrícola.

Vida parada

Várias estradas da lezíria, sobretudo as que se situam

- **Pequena descida do Tejo**
- **Vigilância na linha do Norte**
- **De Almeirim só se vai a Alpiarça**

Diminuição idêntica do nível do Tejo na Barquinha (8,40 m ás 3 horas, depois 8,32 m ás 6; e, finalmente, 8,25 m ás 9) e situação mais estacionária em Santarém perto do Tejo, estão parcialmente submersas. Eis uma lista actualizada: Santarém--Lisboa, Santarém - Ponte do

(Continua na 16.ª página)

Desolação no Ribatejo: o rio leva «cheia grande» e nem o espectáculo das lavadeiras ameniza este flagrante de mais um Inverno

CHUVA E MENOS FRIO

VAI AGRAVAR-SE O ESTADO DO TEMPO

Segundo o Boletim Meteorológico para a Agricultura, é a seguinte a antevisão das condições meteorológicas médias no Continente nos próximos dias: De 13 a 15: *Céu geralmente muito nublado, períodos de chuva, aguaceiros e possibilidade de trovoadas; vento moderado do quadrante oeste, soprando por vezes com rajadas fortes.*

De 16 a 19: a norte do rio Tejo: *céu muito nublado alternando com abertas, vento moderado do quadrante oeste, aguaceiros;* a sul do rio Tejo: *céu geralmente pouco nublado, vento fraco.*

De 20 a 25: *Agravamento do estado do tempo, com céu muito nublado ou encoberto, vento geralmente moderado do quadrante sul, períodos de chuva, aguaceiros e possibilidade de trovoadas, principalmente nas regiões do sul.*

Em todo o período, temperatura média do ar superior aos valores normais na época.

Adelaide e Marta, as mais cotadas pretendentes á

QUEM SERÁ A

Oito raparigas de cor para desempenhar (no um pequeno papel da ad

Oito raparigas de cor estiveram ontem no palco do Teatro Maria Matos a ser observadas por Igrejas Caeiro num pequeno «test» teatral. Objectivo: descobrir a figurante que vai surgir na pele de «Núbia», numa das cenas de «A Relíquia», de Eça de Queiroz, que Luís de Sttau Monteiro e Artur Ramos adaptaram e teatralizaram.

— *Fará apenas mímica* — esclarece Igrejas Caeiro. A acção decorre num bordel, no Oriente... «Querem fazer o favor de começar o desfile?»

MAIS ALÉM

Cristina Lizete de Campos Chaves (24 anos, de Luanda) é empregada de escritório de uma firma de construção civil onde ganha 2200 escudos por mês.

— *Não vou ao Teatro. Não vou ao Cinema. Raramente saio.* (Diz isto com ar pesaroso para explicar que não tem nenhum artista que considere seu favorito).

— *Ora, respondi ao anuncio porque gostava de ir mais além.*

E conta:

— *Ensaiei teatro com Varela Silva, já posei para fotografias publicitárias e fui a principal intérprete do filme «Via Macau». Mas queria fazer teatro a sério, lá isso queria...*

Confidencialmente:

— *Não é pelo dinheiro, não. Esse seria para as minhas bugigangas. O que me agradava era mesmo pisar um palco.*

Cristina (1 e 67 de altura por 56 quilos de peso) é solteira e não quer que lhe falem em namorados.

PRECAUÇÃO

— *Não sou nada fotogénica, por isso não tenho esperança, nenhuma de fazer o papel* — garante-nos Olívia Barbosa (guineense, solteira, de 22 anos, no continente desde 1967).

Trabalha no Ministério do Ultramar (Gabinete de Planeamento e Integração Económica) e a respeito de Teatro...

— *... a respeito de Teatro, nada! Nunca vi. Não percebo patavina. Mas gosto de todos os actores: não quero, ainda antes de principiar a carreira, desgostar um futuro colega...*

É PARA BEIJAR?

Ana Isalia Pedro (20 anos, de Luanda) trabalha num lar, na Rua de Entrecampos.

— *Gostei sempre de Teatro e como estou em Lisboa há seis anos vejo muito a Televisão.*

É a mais pequena das concorrentes: menos de 1 e 50.

— *Não conheço a peça mas sei que tinha de beijar o Mário Pereira. Não é isso?*

MARIDO «DESPORTIVO»

Maria Amélia José Dinis afiança que tem 27 anos e, ao mesmo tempo, pede para a tratarmos por Zézinha.

— *Porque esse é meu nome artístico.*

Numa algaraviada desabafa:

— *Eu nasceu no Brasil. Depois fui no Lourenço Marques. Há 5 anos velo no Lisboa. Casada com artista. Marido não está cá, porque é desportivo.*

— Como?

— *Desportivo, pois. Anda no fora. Fez contrata um ano: já vai para dois e ele não escreve.*

— Porquê?

— *Desportivo. Vida de artista no estrangeiro é assim: nem dá tempo para escrever.*

Maria (Zézinha) Amélia puxa de um cartão de sócia do Clube Ferroviário de Portugal e mostra-nos a credencial.

— *Você leu? Só canto e danço. Brasileiro. Palhaços. Ritmo. Faz imitação de fado.*

Os dentes de ouro lançam chispas.

COMUNICADO

SALDOS E LIQUIDAÇÕES

As Direcções dos Grémios dos Comerciantes de:

— Artigos de Vestuário de Senhora e Luvaria de Lisboa
— Artigos de Viagem e Peles de Adorno de Lisboa
— Camisaria e Malhas de Lisboa
— Sapataria de Lisboa
e de
— Tecidos de Lisboa,

comunicam que, por acordo estabelecido entre elas, foi fixado de 1 a 28 de Fevereiro próximo o período destinado à realização de saldos e liquidações.

Lisboa, 12 de Janeiro de 1970 **AS DIRECÇÕES**

«ASPECTOS SOCIAIS DA INFORMAÇÃO»

Num volume, intitulado «Aspectos Sociais da Informação», acaba de ser publicada a conferência proferida pelo dr. César Moreira Baptista, secretário de Estado da Informação e Turismo, no Instituto de Altos Estudos Militares, em 15 de Maio do ano passado.

No volume incluem-se ainda algumas perguntas (com as respectivas respostas) formuladas ao conferencista durante o colóquio que se seguiu ao seu discurso.

dentes á estreia teatral no «Maria Matos»

A «NÚBIA»?

cor candidataram-se (no Teatro Maria Matos) a adaptação de «A Relíquia»

Reportagem de NEVES DE SOUSA
Fotos de SALVADOR RIBEIRO

— *Já fui provar á Têvê, dia 10 de Outubro.*

— Como veio aqui parar?

Maria (Zézinha) Amélia explica:

— *Eu vi no telefonia.*

Fala pelos cotovelos:

— *Eu gosto muito de telefonia. Vem o ritmo e a gente éh! éh! éh!*

— *Comecei a ser artista há 6 meses e já cantei prá Sacor e prá Casa do Alentejo. Agora já num pára mais...*

E acrescenta: «*se quiser tomar nota...*»

— Diga, diga...

— *Já fiz parte de um daqueles programas em que a TV vai buscar músicas antigas. Mas gosto mais de teatro. E esta semana tem de ser: tenho de entrar para um deles. Um qualquer. É o mundo que eu gosto. Não suporto estar em casa. É demais para as minhas posses...*

Madalena (Milene) mora na Rebolleira, pesa 63 quilos, tem um e 72 de altura.

A VOZ

A menina que se segue? — interroga Igrejas Caeiro.

Jenny Branca Falcão (24 anos, nascida no Congo Belga) estudou no Colégio do Sagrado Coração de Maria e trabalha na firma Filmes Castelo Lopes.

— *Já li «A Relíquia» há cinco anos. E acho que era capaz de desempenhar o papel da «Núbia»*

Fala pouco. É bonita.

— *Sim, há actores que gosto de ver: Mário Pereira, João Perry, e aquele que tem uma voz muito «gira». É o Raul de Carvalho ou o Rui de Carvalho, não me lembro bem.*

O SEU MUNDO

Foi sob o nome de Millene que Maria Madalena de Almeida Claro teve a primeira passagem pelos palcos.

— *Entrei na revista «Zero, Zero, Zé:» ordem para para pagar e fazia a mulher da limpeza em «Como vencer na vida sem fazer força».*

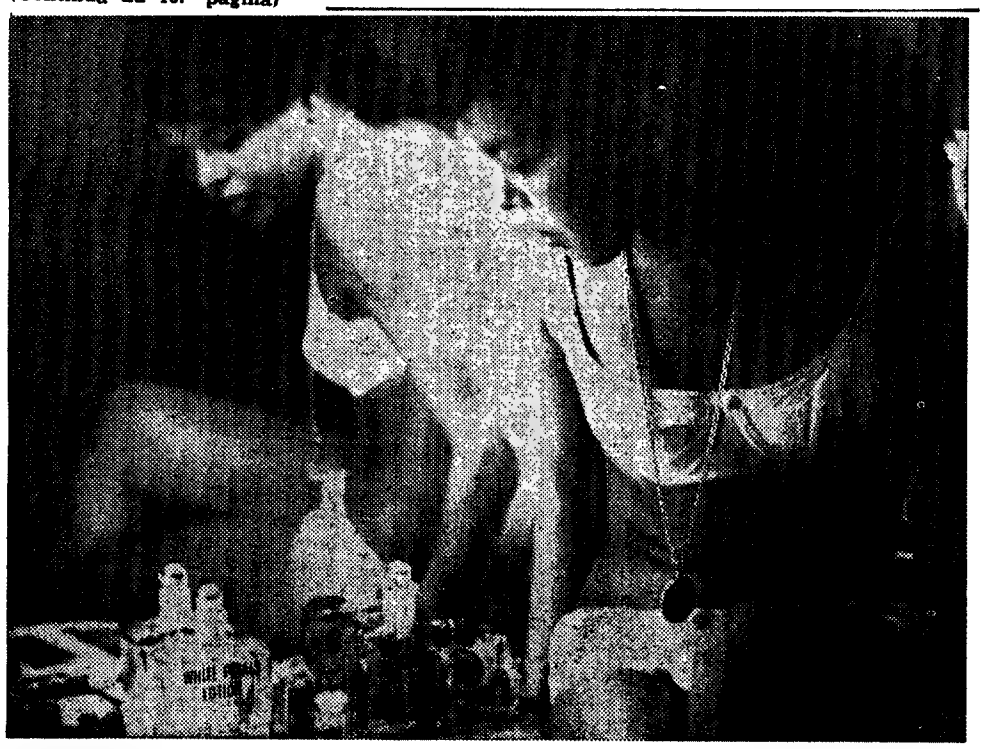
Maria Madalena (25 anos, de Cabo Verde) foi com o namorado ao «Maria Matos».

— *Não sabia bem o que vinha fazer* — desculpa-se.

ADELAIDE?

Adelaide Susana Aghatt (20 anos, de Luanda, solteira

(Continua na 16.ª página)



EM CIMA: Cristina está há seis anos na grande cidade. AO LADO: as oito candidatas.

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

O maior sortido de ouro, pratas e jóias a preços de concorrência.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

Passou à fase de arbitragem o diferendo entre o Grémio e o Sindicato dos Bancários

Já na fase de arbitragem, as negociações para revisão do contrato colectivo do trabalho dos bancários, que ontem se reuniram em assembleia geral extraordinária, convocada pelo respectivo sindicato.

A assembleia, efectuada no salão de A Voz do Operário, compareceram cerca de três mil bancários, manifestando invulgar espírito associativo. A direcção do sindicato que já anteriormente havia informado os seus aderentes do caminho difícil das negociações, voltou, ontem, a fazê-lo, demonstrando ser seu propósito enquadrar-se no espírito e letra da lei vigente. Quanto ao Grémio, segundo foi informado, o mesmo não acontece, pois tem desrespeitado prazos, com «intuitos dilatórios».

Malograda em 9 de Dezembro uma tentativa de conciliação, no dia 27 do mesmo mês as direcções sindicais (Lisboa, Porto e Coimbra) recorreram á arbitragem, tendo identificado como seu árbitro, o sr. dr. Mário Fernandes de Campos Pinto, antigo professor da cadeira de Direito Corporativo da Faculdade de Economia da Universidade do Porto. Por sua vez, o Grémio comunicou por ofício, que caso o sindicato persistisse na arbitragem, seria seu árbitro o sr. prof. Pessoa Jorge.

No primeiro ponto da ordem do dia — informações aos consócios — a direcção deu conta do andamento do trabalho por equipas. Os problemas da habitação e da criação da Casa do Bancário; dos serviços clínicos, da criação da Casa de Saude do Bancário foram focados, respectivamente, pelos directores srs. António Penilo e Manuel Inácio. Por seu turno, a directora D. Maria da Conceição Teixeira deu a conhecer a posição do Sindicato junto da secção do crédito da Corporação do Crédito e Seguros, onde tomam assento, por parte dos bancários, os srs. Coelho dos Santos, presidente da assembleia geral do Porto; António Carapinha, da direcção de Coimbra; Joaquim Marques, do Porto; Daniel Cabrita, de Lisboa, e dr. Andrade de Sousa, da assembleia geral, também de Lisboa.

Quando se entrou na informação relativa ao Contrato Colectivo de Trabalho — a parte mais importante — procurou-se demonstrar que o único desejo da direcção do Sindicato foi seguir a lei vigente. Quanto ao Grémio disse-se que lançou mão, primeiro do silêncio, depois do subterfúgio, sempre, porém, fora dos prazos legais e, da exacta interpretação da lei. A Corporação de Crédito e Seguros foi severamente criticada, não em palavras azedas, mas pura e simplesmente através de uma conduta que, segundo os textos apresentados, se mostrava grandemente parcial na interpretação dos textos legais. Foi afirmado, ainda, que a Corporação de Crédio e Seguros, para se eximir a preceitos legais bem esclarecidos no decreto n.º 29 212, enviou ao ministro das Corporações um ofício pondo reserva quanto á forma como os sindicatos interpretavam a lei, nomeadamente no que se refere a prazos, pedindo ao titular da pasta um parecer. Este notificou a secção de Crédito da Corporação de Crédito e Seguros de que os prazos indicados pelo Sindicato eram correctos. Apesar disso, o Grémio solicitou outro período para estudo da proposta apresentada pelo Sindicato, afirmando que só aceitaria a arbitragem se os trâmites requeridos nos diplomas vigentes fossem cumpridos pelo organismo sindical.

Deste modo, ficou claro que o Sindicato não desiste da sua posição e fará tudo para que o órgão arbitral se constitua imediatamente, iniciando os trabalhos.

Aguarda-se, agora, que o diferendo entre o Sindicato e o Grémio dos bancários se resolva dentro do prazo de sessenta dias (prorrogáveis, a título excepcional, por mais trinta) concedidos pela lei.

Já no final, um associado apresentou á mesa uma moção pedindo que fosse exarado na acta um voto de louvor ao «Diário de Lisboa», pela «forma isenta e esclarecida» como tem acompanhado os problemas dos bancários, no decorrer do diferendo. Esta proposta, aprovada por unânimidade, foi posteriormente tornada extensiva a outros jornais.

OS BANCÁRIOS DO PORTO TAMBÉM ESTÃO EM DESACORDO

PORTO, 13 — Com larga concorrência, a assembleia geral do Sindicato dos Bancários, reunida na Delegação da F. N. N. A., tratou de problemas resultantes do contrato colectivo de trabalho, especialmente os que se relacionam com o regime de trabalho extraordinário neste distrito.

Presidiu o sr. Joaquim Coelho dos Santos, presidente da assembleia geral, que, ao abrir a sessão, reivindicou o direito á crítica, afirmando que quando se critica uma personalidade elevada não se atenta contra a dignidade da mesma, mas se fazem, antes, os reparos que, necessàriamente, se impõem.

No uso da palavra, o presidente da direcção, sr. Joaquim Marques, fez uma longa exposição sobre as iniciativas, em princípio, dos três sindicatos do Porto, de Lisboa e de Coimbra, em Abril ultimo, para uma acção conjunta a favor da revisão do contrato colectivo de trabalho, e, depois, a partir do fim de Maio, dos mesmos sindicatos perante o Grémio Nacional dos Bancos, solicitando-lhe a abertura de negociações com vista á revisão daquele contrato. Explicou como o Grémio foi protelando as negociações, ao longo dos meses, mesmo depois de ser promulgado o Decreto-Lei n.º 49 212, que limitou o prazo em que se torna obrigatório uma resposta do Grémio, sob o risco de passar-se a apelar para a entidade superior.

O director sr. Júlio Ribeiro procedeu á leitura da correspondência trocada entre o Sindicato e a Corporação de Crédito e Seguros, a propósito da legalidade ou ilegalidade da escolha do sindicato para o representar no conselho da Corporação o presidente da assembleia geral — legalidade que foi afirmada pelo sindicato e negada pela Corporação.

Desacordo com o Grémio

Prosseguindo, o sr. Joaquim Marques foi relatando o prosseguimento das acções sindicais, com vista a se conseguir a revisão do contrato colectivo de trabalho. Declarou que a referida Corporação continuava a não resolver o problema que lhe fora proposto pelos sindicatos; e, por isso, o mesmo não funciona. Daí — disse — resultou que a Câmara Corporativa foi formada sem os representantes da Corporação, apenas escolhidos á última hora, quando aquela Câmara entrou em funcionamento.

Depois de outras considerações sobre o importante problema em debate, o orador relatou algumas das intervenções do sr. Coelho dos Santos junto da Corporação, como, por exemplo, a denúncia das grandes diferenças de vencimento na mesma categoria de funcionários, a qual, por vezes, é, de um banco para outro, de 3000$00.

O presidente da direcção descreveu, minuciosamente, as negociações encetadas, já no âmbito da Corporação, para a revisão do contrato, dizendo que, como o Grémio continuasse a não corresponder ás solicitações dos sindicatos, estes recorreram, em 13 de Dezembro, á arbitragem. Assim se fez — acrescentou — e houve, á margem do pedido de arbitragem pelos Sindicatos, negociações particulares, mas verificou-se, pelas mesmas, que o Grémio não estava resolvido a negociações.

Dado o adiantado da hora, o presidente da mesa interrompeu os trabalhos, que prosseguirão no dia 23.

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

Actualidade internacional

O PC italiano preconiza uma coligação das forças democráticas e de esquerda

ROMA, 13 — (R.) — O Partido Comunista italiano declarou a sua resoluta oposição ás actuais propostas para a formação de um novo Governo de centro-esquerda no qual participariam quatro partidos.

Num comunicado emitido pela comissão executiva do Partido, a chefia comunista reiterou o seu desejo para a formação de uma nova maioria governamental, «baseada na colaboração de todas as forças esquerdistas e democráticas».

Observadores políticos disseram que o apelo estava de acordo com a estratégia há muito conhecida dos comunistas de procurarem a desintegração da aliança centro-esquerda dos democratas-cristãos, socialistas e republicanos.

Os comunistas têm-se especialmente oposto á formação de uma coligação de quatro partidos, incluindo os democratas-sociais, que são militantemente anticomunistas e prefeririam uma coligação de democratas-cristãos e socialistas da esquerda, a qual se podia esperar fosse mais simpática para com eles.

Muitos estrategas comunistas encaram uma coligação de dois partidos como o primeiro passo para a participação dos comunistas num futuro Governo de coligação esquerdista, incluindo tanto socialistas da esquerda como democratas-cristãos.

A comunicação comunista, emitida no sábado, afirma que uma coligação de quatro partidos favoreceria as direitas. Atacava os democratas-cristãos e os democratas-sociais, da direita, por tentarem explorar os atentados bombistas do mês passado em Milão e Roma, a fim de tentarem formar um bloco político autoritário.

«O país necessita de um Governo orientado pelas esquerdas, capaz de corresponder á expectativa da classe trabalhadora e da opinião pública democrática.»

O comunicado enumerava os princípios políticos que um futuro Governo deveria adoptar se quisesse satisfazer essas expectativas.

Incluiam: Eliminação da «intriga reaccionária» na aparelhagem do Estado e garantia da lealdade da Polícia e do Exército aos princípios democráticos.

A anulação de todas as «leis anticonstitucionais do código fascista» e ordens á Polícia para acabar com uma vaga de acusações legais contra a classe trabalhadora.

A realização de eleições administrativas e regionais na Primavera para pôr em operação um novo sistema de Governo descentralizado regional.

Aprovação rápida pelo Parlamento de leis estendendo os direitos democráticos á classe trabalhadora.

Quanto á política externa, os comunistas pediam a libertação da Itália «dos elos políticos e militares que, por intermédio da N. A.T.O., impõem a presença de bases estrangeiras e a interferência de serviços imperialistas no nosso território nacional».

DOIS JOVENS espanhóis propõem-se dar a volta ao seu país num carro preparado para enfrentar todos os obstáculos. Aqui os vemos ao sabor da corrente do rio Ebro

MOSCOVO INSISTE NA CONFERÊNCIA SOBRE SEGURANÇA EUROPEIA

MOSCOVO, 13 — (R.) — A União Soviética anunciou hoje que chegou o momento para a realização de uma conferência sobre a segurança europeia, a qual deve ser efectuada «sem demoras injustificadas.»

Os países do Pacto de Varsóvia tinham proposto a reunião da conferência para o primeiro semestre deste ano mas algumas potências ocidentais acharam demasiado cedo visto a reunião necessitar de uma preparação cuidada.

Atribuída à falta de alimentos a queda de Biafra

As últimas horas relatadas por funcionários da Cruz Vermelha Internacional

PARIS, 13 — (R.) — Três funcionários da Cruz Vermelha Internacional, que partiram de Biafra no sábado de manhã, chegaram ontem á noite a esta cidade e descreveram aos jornalistas as ultimas horas que passaram no território biafrense.

«Os biafrenses despediram-se de nós delicadamente e desejaram-nos boa sorte, acrescentando que rezariam por nós», revelou um norueguês que trabalhava num centro médico a dois quilómetros de Uli e que era acompanhado por uma mulher também norueguesa e por um holandês.

Os noruegueses, que quiseram manter o anonimato, atribuiram a queda de Biafra á falta de alimentos e disseram ter tratado feridos que não comiam há cinco dias.

Tirando os alimentos que obtinham através das organizações humanitárias internacionais, os biafrenses pouca comida tinham.

SETE MILHÕES DE REFUGIADOS

Ao perguntarem-lhe o que pensa que vai acontecer em Biafra agora, o funcionário da Cruz Vermelha respondeu: «Penso que será o caos. Esperamos que as tropas nigerianas se comportem devidamente, mas é inevitável que nos primeiros dias se registem algumas mortes».

O funcionário holandês que acompanhava o casal, Joop Gehriss, disse que quando partiu de Biafra, no sábado, os biafrenses não sabiam o que fazer. «Limitavam-se a ficar sentados e a entoar hinos religiosos», disse aos jornalistas o mesmo funcionário.

Gehriss, que trabalhava num centro de reabilitação onde os biafrenses fabricavam pernas e braços artificiais, calcula que haja actualmente em Biafra sete milhões de refugiados.

«Sentimo-nos muito mal quando tivemos de partir. Sentiamo-nos cobardes, pois estávamos convencidos de que ao abandoná-los iamos contribuir para lhes tirar a coragem.»

APENAS A 2 KM DE ULI

Gehriss acrescentou ter visto num centro de treino soldados biafrenses que, durante uma semana, só tinham comido uma refeição sólida e mesmo essa fora constituída por bananas.

Os soldados, quando tinham dinheiro, compravam por vezes comida onde a podiam arranjar.

Nenhum dos três funcionários da Cruz Vermelha esteve directamente envolvido na guerra durante a sua permanência em Biafra, mas disseram ter ouvido distintamente nos ultimos tempos o bombardeamento contra Uli, que ficava apenas a dois quilómetros de distância.

Interrogado sobre o paradeiro de Ojukwu, Gehriss disse que a ultima vez que o viu foi na passada quinta-feira á noite.

Os três foram evacuados por ordem da Cruz Vermelha e disseram que o unico pessoal europeu que ainda ficou em Biafra era constituído por sete ou oito franceses, na sua maioria médicos, que se recusaram a abandonar 250 crianças doentes que tinham á sua guarda, pois não havia lugar para elas nos aviões.

Argelinos estariam a combater ao lado dos nigerianos

PARIS, 13. — (F. P.) — Elementos argelinos estariam a combater ao lado dos nigerianos na guerra de Biafra, segundo europeus evacuados de Uli no sábado e que chegaram ontem a Paris.

O dr. Jacob Stovner, médico norueguês que acaba de passar um mês num hospital de Biafra, declarou a várias dezenas de jornalistas que se precipitaram para o aeródromo, que durante as ultimas semanas «não se falava de outra coisa: a presença de tropas argelinas ao lado das negerianas».

«Segundo os relatos da população e dos fugitivos do Exército biafrense, estes argelinos, cujo numero se ignora, estavam na linha avançada do ataque, tendo participado de maneira decisiva na ultima ofensiva que precipitou a queda de Biafra», acrescentou ele.

O dr. Stovner, que parecia enfraquecido pelos ultimos acontecimentos, prosseguiu:

«Na quarta-feira passada, as tropas biafrenses fizeram 40 prisioneiros argelinos a curta distância do meu sector. Pareceu-me ter visto dois desses prisioneiros».

Países comunistas contribuiram para a derrota de Biafra

— afirmou um observador polaco

VARSÓVIA, 13 — (R.) — Um antigo observador militar polaco na Nigéria afirmou a noite passada nesta capital, numa entrevista que concedeu á Televisão, que auxilio político, moral e material de países comunistas ao Governo federal nigeriano contribuira para a derrota dos separatistas de Biafra na guerra civil naquela nação africana.

O coronel Alfons Olkiewicz, que passou quase um ano na Nigéria com uma comissão de observadores internacionais, disse que depois de países comunistas se manifestarem a favor do Governo federal, as autoridades de Lagos tiveram acesso a auxilio que não dispunham antes.

Declarou que o objectivo dos separatistas de Biafra não era a autodeterminação, mas uma guerra de agressão e de anexação.

Condenou também centros ocidentais por ajudarem Biafra sob a capa de acção humanitária.

As observações do coronel Olkiewicz foram a primeira reacção publica em Varsóvia á situação na Nigéria. Jornais polacos têm-se abstido até agora de fazer comentários, embora publiquem com relevo notícias de agências noticiosas ocidentais acerca do desmoronamento da resistência.

PREPARA-SE NOVA DEPURAÇÃO NA CHECOSLOVÁQUIA

— JULGAM OBSERVADORES

VIENA, 13 — (F. P.) — Estaria em preparação na Checoslováquia uma nova depuração visando principalmente as esferas intelectuais e estudantis. Esta a conclusão a que chegam os observadores perante um comunicado do Ministério do Interior checoslovaco anunciando a descoberta de uma «organização de inspiração trotskysta que conspirava contra o Estado».

Segundo o comunicado, este movimento clandestino formava «células», beneficiava de «auxilio estrangeiro» e não recuaria quanto ao emprego da violência. Estes pormenores parecem corresponder á descrição do «Partido Socialista Revolucionário», grupo ilegal fundado a favor dos primeiros meses da «Primavera de Praga», feita em 12 de Dezembro ultimo no «Rude Pravo», órgão central do Partido Comunista checoslovaco.

Segundo o «Rude Pravo», os padrinhos ideológicos do movimento teriam sido, principalmente, o austríaco Ernst Fischer, o checoslovaco Pavel Igrid, o alemão Rudi Dutschke, o americano Herbert Marcuse, o francês Jean-Paul Sartre, bem como o anarco-sindicalismo e o trotskysmo francês.

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

Comunica-nos a C. P. que no dia 15 do corrente é inaugurado um novo serviço combinado de transporte de mercadorias, incluindo pequenos volumes, a cargo da Empresa Geral de Transportes, servindo os domicílios de Albufeira, Poço de Boliqueime e Boliqueime em ligação á estação de Albufeira. Desta forma, a partir da referida data, todas as estações de caminho-de-ferro passam a despachar mercadorias, incluindo pequenos volumes, para os domicílios das referidas localidades.

Por seu turno, nos domicílios das mesmas localidades aceitam-se a despacho, a partir daquela data, igualmente mercadorias, incluindo pequenos volumes, para qualquer estação de caminho-de-ferro ou para qualquer localidade servida pela camionagem combinada.

No seu próprio interesse não deixe de utilizar este serviço combinado.

SISMO NO BRASIL

BELÉM (Brasil), 13 — (R.) — Um violento sismo registou-se durante cerca de 10 segundos, ás primeiras horas de ontem, nesta cidade brasileira, acompanhado por um ruído tremendo.

MANIFESTAÇÃO CONTRA AGNEW NA AUSTRÁLIA

CANBERRA, 13 — (R.) — O vice-presidente dos Estados Unidos Spiro T. Agnew, chegou hoje a Canberra para uma visita de 43 horas á Austrália e deparou imediatamente com cerca de 60 manifestantes que o vaiavam.

A manifestação começou quando o vice-presidente chegou ao monumento aos mortos da guerra a fim de desempenhar a primeira função oficial da sua visita: depôr uma coroa de flores.

A polícia prendeu quatro manifestantes, entre os quais uma jovem de mini-saia.

Quando Spiro Agnew saiu do carro foi assediado por váris manifestantes

No entanto, a Polícia tinha tomado rigorosas precauções para atenuar os efeitos das manifestações que já se previam.

Spiro Agnew jantará hoje com o primeiro-ministro John Gorton e com a mulher e amanhã travará discussões de carácter formal com membros do Governo.

Além da coroa de flores, Agnew não realizará mais nenhum acto publico e na quinta-feira de manhã partirá para a Nova Zelandia.

TUDO PREPARADO PARA COMEÇAR A PONTE AÉREA PARA BIAFRA

LONDRES, 13 — (R.) — O mundo inteiro aguarda apenas um sinal do Governo nigeriano para iniciar uma maciça ponte aérea para Biafra, transportando alimentos e remédios a fim de salvar milhares de pessoas ameaçadas pela fome e pela doença após dois anos e meio de guerra e privações.

A Organização de Auxílio das Igrejas, J.C.A., que engloba 33 organizações religiosas de 21 países, ofereceu uma frota de 17 aviões de transporte, segundo revelou um informador em Oslo.

Em Genebra a Cruz Vermelha Internacional prometeu colocar á disposição da Cruz Vermelha da Nigéria o máximo auxílio e os Estados Unidos anunciaram um donativo especial de dez milhões de dólares, o qual será canalizado através das organizações humanitárias internacionais.

ENVIADO DO PAPA

Clyde Ferguson, o coordenador do auxílio americano ás vítimas da guerra, que até agora totalizou 70 milhões de dólares, encontra-se já em Genebra para conferenciar com as organizações internacionais de auxílio.

Em Roma um informador do Vaticano disse que o Papa tinha decidido enviar o presidente da Caritas Internacional para Lagos a fim de orientar pessoalmente o auxílio a Biafra.

O Conselho Mundial das Igrejas dirigiu um apelo aos seus membros para que contribuam o mais rápidamente possível com dois milhões de dólares.

TREZE MIL TONELADAS DE ALIMENTOS ARMAZENADOS

No aeroporto britânico de Lyneham um avião hércules da R.A.F., carregado com nove toneladas de medicamentos, aguarda autorização do Governo de Lagos para partir.

Uma equipa médica do Exército, composta por 35 elementos que podem ser largados de pára-quedas em qualquer ponto, encontra-se igualmente pronta, podendo partir poucos minutos depois de receber a luz verde.

O primeiro-ministro Wilson, falando ontem á noite na Televisão, salientou que não existe falta de alimentos na Nigéria; o problema consiste em transportá-los até ás regiões do interior de Biafra onde fazem falta. Segundo disse, a Cruz Vermelha nigeriana dispõe de cerca de treze mil toneladas de alimentos armazenados.

«Biafra não se rendeu»?

NOVA YORK, 13. — (F. P.) — Num comunicado publicado, ontem, á noite, a representação de Biafra em Nova York afirma que Biafra não se rendeu».

O General Effiong, prossegue o comunicado, ofereceu, simplesmente «fazer recuar as tropas biafrenses se a Nigéria cessasse os combates, e lançou um apelo aos governos estrangeiros para que façam pressão junto da Nigéria no sentido de que esta ponha fim á guerra e se disponha a discutir um acordo de armistício razoável».

AVIÃO COM REFUGIADOS ATINGIDO

LIBREVILLE (Gabão), 13 — (A. N. I.) — Foi atingido por intenso fogo de metralhadora dos nigerianos um avião que descolara do aeródromo de Uga com refugiados biafrenses — afirmam os pilotos de dois aviões da Cruz Vermelha farncesa que ontem á noite sobrevoaram Biafra.

A tripulação do avião atingido — um DC-6 — anunciou pela rádio que dois passageiros ficaram gravemente feridos e que alguns outros sofreram ferimentos ligeiros.

Apesar dos estragos sofridos — acrescentam os pilotos — o DC-6 conseguiu descolar de Uga, apenas com dois dos seus quatro motores em funcionamento, e regressou a São Tomé.

CHEGARAM A SÃO TOMÉ 45 REFUGIADOS

SÃO TOMÉ, 13 — (L.) — Dois aviões de organizações humanitárias internacionais que participam no auxílio ás populações de Biafra deslocaram-se ontem á zona invadida partindo de São Tomé, e para ali transportaram carregamentos de medicamentos e alimentação.

O primeiro avião descolou de São Tomé ás 19 e 5 T.M.G., tendo aos comandos o comandante Jonsson, um veterano da ponte aérea. A bordo seguia o padre Thomaz Cunnigan, da Caritas Internacional, que foi apreciar a situação.

Ás 19 e 30 partiu novo avião carregado de alimentos.

Entretanto, cerca das 20 horas, partiu para a Europa um avião com 41 pessoas evacuadas de Biafra, na maioria médicos e enfermeiros. No mesmo avião seguiu também Elaine Plezer Okonwo, esposa de um estadista biafrense actualmente no Governo, acompanhada de dois filhos.

Ás 21 e 15 aterrou algures em Biafra o avião do comandante Jonsson e, cerca de uma hora depois, chegava a São Tomé a notícia de que este avião ia regressar com refugiados biafrenses, alguns dos quais feridos.

Foram tomadas imediatamente providências. O avião aterrou ás 23 e 22 T.M.G. Desembarcaram 45 refugiados, dois dos quais, feridos, foram imediatamente transportados para o Hospital Central. Os outros foram imediatamente instalados.

O avião apresenta vestigios de ter sido atingido por balas.

NEGOCIAÇÕES ENTRE A CEE E A ESPANHA

BRUXELAS, 13. — (F. P.) — O ministro dos Negócios Estrangeiros espanhol, Gregório Lopez Bravo, teve ontem uma reunião de trabalho com membros da comissão europeia, em que se procedeu á «troca de impressões acerca das negociações de um acordo preferencial entre a C. E. E. e a Espanha».

A reunião decorreu em «ambiente muito cordial», segundo indica um comunicado da C.E.E.

Importância do petróleo na secessão biafrense

PARIS, 13 — (F. P.) — Dois anos e meio de guerra privaram a Nigéria de fazer este ano uma entrada espectacular no mercado mundial dos petróleos onde poderia ocupar um lugar privilegiado entre os grandes produtores do «Ouro Negro».

Com efeito, foi precisamente no momento em que a Nigéria conseguiu aproveitar de modo intensivo os recursos do seu subsolo, produzindo já 17 milhões de toneladas de petróleo bruto, que estalou o conflito secessionista. Muitos observadores interpretaram a guerra civil como uma simples luta de influência entre vários grupos petroleiros, até porque a maior parte das jazidas de hidrocarbonetos se situam no território de Biafra.

A economia nigeriana, sem a guerra, teria podido começar a beneficiar a partir de 1971 ou 1972 dos lucros correspondentes a uma produção anual da ordem dos 50 a 60 milhões de toneladas de petróleo bruto. Em vez disso, em 1968, a produção caiu a cerca de 6 milhões de toneladas, ou seja, uma quebra de 59 por cento.

No seu essencial, as riquezas petrolíferas da Nigéria são exploradas por uma associação que reune os dois grandes grupos internacionais British Petroleum e Royal Dutch-Schell. A França tinha um prometedor programa de pesquisas, que parou completamente em 1968. Presentemente, e apesar de todos os efeitos da guerra, a Nigéria ocupa o terceiro lugar entre os países produtores africanos, depois da Líbia e da Argélia e antes do Gabão.

Helicóptero abatido no Vietnam

SAIGÃO, 13. — (A. N. I.) — Guerrilheiros comunistas abateram e destruíram um helicóptero norte-americano durante um combate travado ontem no extremo norte do delta do Mekong, a 40 quilómetros do sudoeste de Saigão — anunciou um informador militar dos E. U. A.

Na luta, os comunistas sofreram três mortos e os norte-americanos um morto e sete feridos.

UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA

S. A. R. L.

Capital: 450 000 000$00

Elevação do capital a 450 000 000$00

Avisam-se os senhores Accionistas que subscreveram acções correspondentes á elevação do capital de 363 000 a 450 000 contos, efectuada em Junho de 1968, de que a 2.ª prestação do capital então subscrito ou seja, o correspondente a 50$00 (50% por cada nova acção, deverá ter lugar de 13 a 30 de Abril do corrente ano.

As prestações que não forem satisfeitas no período indicado ficam sujeitas ao regime previsto na disposição estatutária aplicável.

A operação será feita contra a apresentação dos respectivos documentos provisórios, em troca dos quais, após a cobrança da prestação, serão entregues aos senhores Accionistas os correspondentes títulos definitivos, mediante assinatura da declaração de recebimento dos mesmos no documento provisório.

O serviço será feito no Banco e localidade em que inicialmente tiver sido efectuada a subscrição.

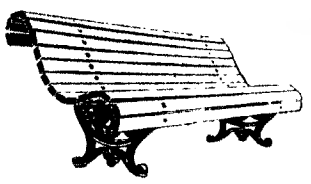
Porto, 9 de Janeiro de 1970

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇAO

BANCO FONSECAS & BURNAY 1967

JOMA 8FB-2

as máquinas de pensar decidem?



Metálicas, dinâmicas, electrónicas, exactas - exactamente: exactas - as máquinas de pensar *colaboram* com a nossa tradicional experiência bancária.
O actualíssimo computador electrónico que manejamos recebe e transmite - num tempo record - as decisões dos nossos funcionários especializados, que olham o seu caso com o mais humano e positivo dos interesses.
Assim, servido pela nossa *técnica moderna,* você dispõe, da nossa tradicional segurança e experiência, e, ainda dos mais modernos e eficientes métodos de trabalho.

BANCO FONSECAS & BURNAY

o banco para toda a gente

Abranda lentamente a invernia

(Continuação da pág. central)

Soeiro, Almeirim - Santarém, Almeirim-Benfica do Ribatejo; Alpiarça-Tapada, Chamusca-Golegã (no dique dos Vinte), Azinhaga-Golegã, Valada-Cruz do Campo, Valada-Cartaxo, Pombalinho-Mato de Miranda, Pombalinho-Valle de Figueira, Alcanhões - Ribeira de Santarém, Abrantes-Rio de Moinhos e Tramagal - Rossio de Abrantes.

Pode dizer-se, sem qualquer espécie de exagero, que a vida parou em grande parte da lezíria.

Vigilância na Linha do Norte

TORRES NOVAS, 13 — Com a pequena descida das águas verificada a partir das 18 horas de ontem, melhorou a situação no troço da linha do Norte entre Mato de Miranda e esta vila, onde anteontem chegou a haver certo alarme.

A enchente fez redobrar de atenção os serviços de vigilância da C. P., que continuam a seguir de perto esta situação considerada «inabitual». Em poucas horas a água tinha subido (em dois troços distintos, um de 100 e outro de 200 metros) até quase ás travessas da linha, comprometendo os circuitos de via e obrigando ao afrouxamento de várias composições.

Cinco mil hectares de campos submersos na Golegã

GOLEGÃ, 13 — Dado que o ano passado foi péssimo para a agricultura, deixando alguns pequenos lavradores em precárias condições, os agricultores desta região, tendo começado este ano com tempo muito favorável, encaminharam as suas explorações no sentido de semearem grandes áreas de trigo, convictos, até, de que já não haveria cheias no Tejo, por motivo das grandes barragens construídas recentemente em Espanha. Todavia, com esta cheia, que é das maiores dos últimos anos — o dique dos Vinte mantém ainda um metro acima do seu leito —, todas as sementeiras efectuadas se perderam, e não será possível efectuar outras novas.

A lavoura terá de recorrer á cultura de grandes áreas de milho. Mas, dado que a sua produção ocorre numa época de chuvas outonais e há dificuldade na secagem, bom seria que se providenciasse que aqui fosse montado um posto de secagem de milho, com secador contínuo de grande rendimento.

Menos quinze metros de praia na Caparica

Melhora a situação na Costa da Caparica, onde o mar provocou destruições graves na semana passada. O balanço dos últimos temporais obriga a que se refira, também, o desaparecimento de uns bons quinze metros de praia.

Afastado o perigo, receia-se, agora, as marés de 22 do corrente e as de 6 e 21 de Fevereiro, que coincidem com mudanças de Lua.

Os pescadores algarvios não saem para o mar há quinze dias

FARO, 13 — Mantém-se o mau tempo em todo o litoral algarvio, impedindo as frotas pesqueiras de fazer-se ao mar. O vento passou de sudoeste para oeste.

Imobilizados há duas semanas os pescadores vêem agravada a sua situação.

Entretanto o mar arremete contra o litoral, escavando perigosamente certas praias (Faro e Quarteira, por exemplo).

Outro tanto sucedeu ao molhe de protecção erguido ultimamente junto ao farol de Santa Maria, na entrada da barra de Faro-Olhão, cujos blocos foram deslocados pelas vagas. Quanto ao farol, em si, não corre de momento qualquer perigo.

Práticamente toda a faixa agrícola do litoral está alagado. Sementeiras (de fava, ervilhas e trigo) submersas, atraso geral noutras culturas valados de resguardo destruídos — o panorama é desolador.

Nas regiões de Castro Marim e Vila Real de Santo António a subida das águas do Guadiana provocou algumas destruições.

Com isto lucra apenas — se é que o verbo *lucrar* pode ser usado — o turismo: água em quantidade acelerou a floração das amendoeiras, que dentro de quinze dias deverão estar na máxima pujança.

Melhorou o tempo em Aveiro

AVEIRO, 13 — Subitamente o tempo melhorou em toda a região.

Chuviscos sem consequência são tudo o que resta do grande temporal, de ontem, ninguém isolou a praia da Vagueira e bloqueou algumas casas nesta cidade.

O Mondego baixou

COIMBRA, 13 — Segundo informação da P. V. T. desta cidade, a descida das águas do Mondego acentuou-se por forma a desimpedir as estradas interrompidas. Certos automobilistas evitam ainda, porém, transitar pela E. N. 111 — 1, entre a Estação Velha e a Cidreira, que a inundação deixou em mau estado.

Dos campos ribatejanos sobram as árvores (e nem todas). O resto ficou submerso pela água

ENCERRADOS À NAVEGAÇÃO TODOS OS PORTOS DO NORTE COM EXCEPÇÃO DE LEIXÕES

PORTO, 13. — Apesar de o mar ter «abatido» um pouco e se apresentar mais calmo do que nos dias anteriores, a situação nos portos do litoral nortenho mantém-se na mesma. Estão todos encerrados á navegação, com excepção do de Leixões, onde há movimento normal das embarcações.

Em terra o estado do tempo também melhorou consideràvelmente, embora o céu se encontre encoberto, com o sol a espreitar a espaços. O vento soprou com menos intensidade. Contudo, e apesão meteorológica para hoje as traineiras da praça de Matosinhos continuam nos seus ancoradouros e os mestres não sabem o que fazer na circunstancia. É que a previsão metereológica para hoje apresenta-se com o seu quê de alarmante (a pior dos últimos dias), obrigando os trabalhadores do mar á inactividade. O boletim fornecido pela Rádio Naval da Boa Nova é do seguinte teor: «céu muito nublado a encoberto, com períodos de muito nublado, a partir da tarde, alternando com boas abertas; vento moderado a muito fresco do quadrante Oeste, por vezes com rajadas fortes a muito fortes; períodos de chuva, passando a partir da tarde a regime de aguaceiros, por vezes com granizo e com possibilidade de trovoadas; visibilidade moderada, tornando-se geralmente boa; estado do mar: pequena vaga a grosso, ondulação moderada a forte de oeste».

No alto mar apenas se encontrava há vários dias o arrastão «Facho», de Matosinhos, o qual ao romper do dia deu entrada em Leixões com boa pescaria: cerca de 300 caixas com nove toneladas de peixe.

O Douro voltou a descer

Quanto ao rio Douro, parece para já estar posta de parte a hipótese de uma cheia. Aliás, não há motivo para alarme, uma vez que a barra do Douro se encontra relativamente larga e dá boa saída ao caudal do rio.

Na Régua, as águas desceram hoje, ás 9 horas, para 7,78 metros, com tendência para baixarem ainda mais. Mesmo assim, os pilotos da barra retiraram do cais de Gaia, onde se encontravam ancorados, os vapores portugueses «Minho» e «Litoral» e o inglês «Iberian», removendo-os para o cais do Cavaco, local mais abrigado e onde a corrente é menos violenta. Outro tanto sucedeu com embarcações mais pequenas, cujas amarras foram reforçadas.

Os moradores do Cais da Ribeira e de outras artérias marginais começaram já, como medida de precaução, a pôr em lugar seguro muitos dos seus haveres. Os comerciantes retiraram dos estabelecimentos o grosso das mercadorias.

Enquanto outras prestam provas, algumas candidatas aguardam a sua vez

QUEM SERÁ A «NÚBIA»?

(Continuação da pág central)

ra, sócia da Casa da Comédia e funcionária do Ministério das Finanças) gostava de ser actriz de cinema.

— *Ela é muito inteligente, tem muita personalidade, estuda imenso, trabalha e estuda imenso* — diz uma colega que a acompanhou ao «exame» perante Igrejas Caeiro. A noite, Adelaide anda no quarto ano de Comércio (Escola Ferreira Borges).

Nos intervalos (poucos) escreve versos.

— *Gostei imenso de «Amanhã digo-te por música». E aprecio Mário Pereira e Jacinto Ramos.*

Tem 1 e 62 de altura, pesa 55 quilos e apresenta-se de «bikini» com excelentes medidas: 96-68-94.

«*É uma das candidatas mais cotadas*» — diz-nos Igrejas Caeiro — «*porque a outra é a Marta*».

MARTA?

Marta. «*Marta Costa, não ponha mais nada. Tenho 35 anos, nasci em Moçambique, a minha família não sabe que eu vim aqui*».

Desembaraçada a falar mas muito cautelosa.

— *Sim, sou solteira. Se estudei Medicina? Para que interessa isso?*

Sempre acaba por dizer que dá aulas a alunas do segundo ciclo. E que se for escolhida vai fazer um grande esforço para conciliar todos os seus afazeres.

— *A peça que mais me impressionou? «O pecado de João Agonia». Um tema que está muito bem tratado e todos os espectadores acabam por aceitá-lo.*

Marta tem um «hobby»: construir pequenos móveis. Estantes, prateleiras, bares. «*Só para mim ou para as minhas amigas*». E acrescenta:

— *Gosto de Eça de Queiroz de uma maneira especial. Ainda hoje estive a ler o passo da «Relíquia» em que entra a «Núbia».*

Marta (*«entre 45 e 48 de peso, não sei bem»*) mede um e 55 de altura e despede-se com uma garantia:

— *Tenho muitas amizades mas nada de namoros. Agora só estou a pensar no Teatro. Era bom, não era?*

Igrejas Caeiro está na dúvida: Marta ou Adelaide? Adelaide ou Marta? Para estas, ainda existe a esperança de um bom julgamento por parte de Stitau Monteiro: a última palavra. Para as seis restantes o fim chegou antes do princípio.

ABONO DE FAMÍLIA DE FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS

O artigo 21.º do decreto-lei relativo ao Orçamento Geral do Estado para 1970 eleva para 9000$00 o nível de vencimentos e rendimentos dos funcionários públicos, a partir do qual estes deixam de ter direito a abono de família.

Deste modo, foi alterado o artigo 11.º do Decreto-Lei n.º 39 844, de 7 de Outubro de 1954, com a redacção dada pelo artigo 1.º do Decreto-Lei n.º 41 671, de 11 de Junho de 1958.

PARTIU PARA ROMA O PRIMAZ DE BRAGA

Partiu esta manhã, por via aérea, para Roma, o arcebispo primaz de Braga, D. Francisco Maria da Silva, que viaja acompanhado do seu secretário, o cónego Manuel Rodrigues de Azevedo. Aquele dignitário eclesiástico vai tratar, na Santa Sé, de problemas relacionados com o rito bracarense, frente ao novo ordinário da missa.

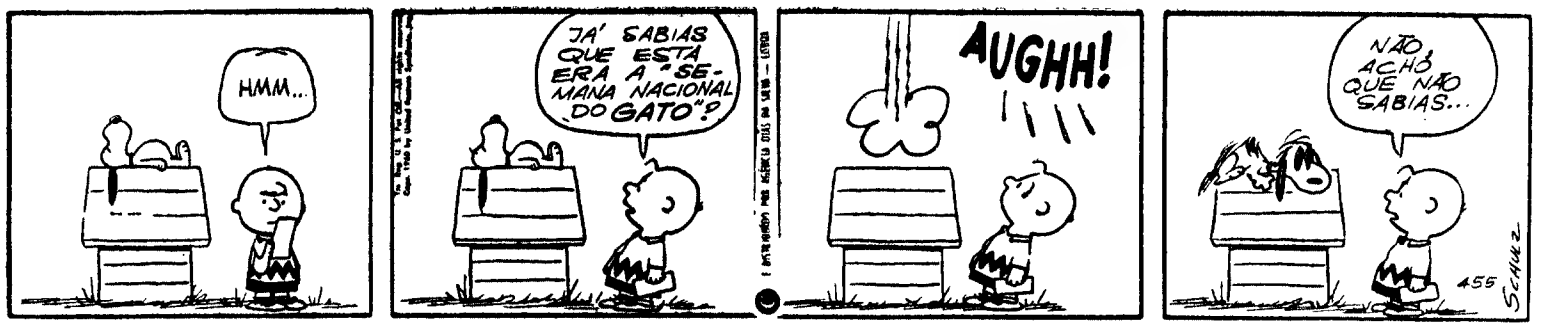
MOSCAVIDE

ANTÓNIO JOAQUIM CARDAL

FALECEU

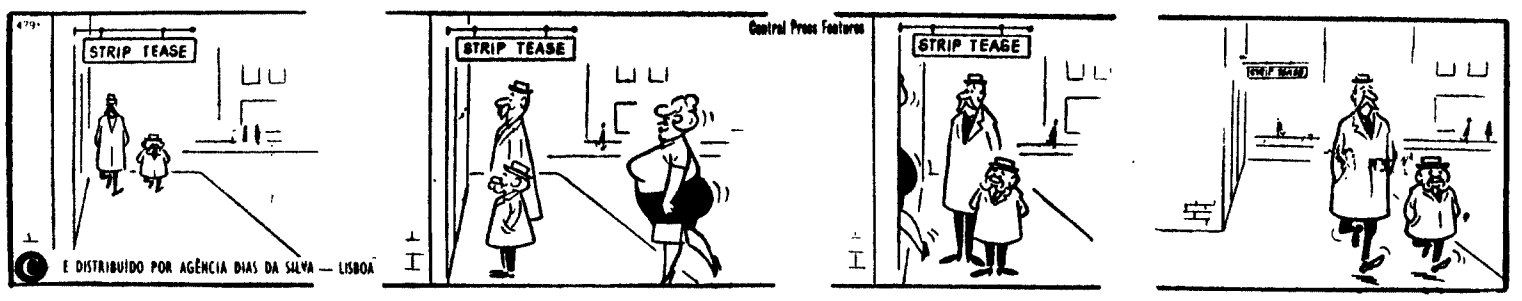
Maria dos Anjos, Beatriz dos Anjos Carrojo, Lucinda dos Anjos Pimenta, genros e netas, participam a todas as pessoas de suas relações o falecimento do seu muito querido marido, pai, sogro e avô, encontrando-se o corpo depositado na Igreja de Santo António de Moscavide.

Os Peanuts



Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 13 de Janeiro de 1940 publicava:

«**PARIS, 13 — Campinchi, em declaração à «Havas», fez a revista de 4 meses de guerra marítima. Sublinhou a importante parte que a Marinha francesa tem na obra comum interaliada para a liberdade de tráfego aliado e o desaparecimento do tráfego alemão. A Marinha francesa, em 4 meses, afundou 10 submarinos alemães, interceptou 622 000 toneladas de mercadorias de contrabando e fiscalizou 239 navios mercantes.**»

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

HOSPITAL JÚLIO DE MATOS

Serviço de Abastecimentos

Grupo IV — Concurso para fornecimento de alpargatas

Até ás 17,30 horas, do dia 23 do corrente, encontram-se patentes no Serviço de Abastecimentos deste Hospital, todos os dias úteis, das 10 ás 13 e das 14 ás 17,30 horas, excepto sábados em que o Serviço encerra ás 13,30, as condições para o concurso em referência.

Lisboa, Janeiro de 1970

O CHEFE DO SERVIÇO

Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

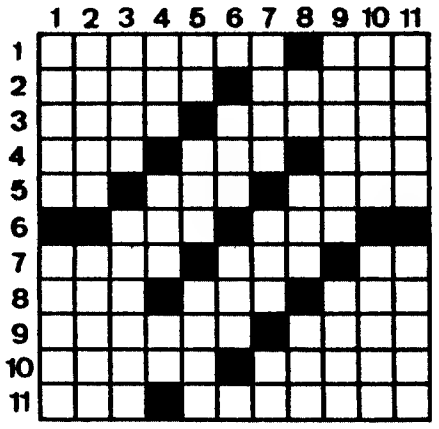
PROBLEMA N.º 5415

HORIZONTAIS: 1 — Retardam. Oceano. 2 — Rezava. Põe só. 3 — Invulgar. Pêlos compridos na parte inferior dos membros de algumas cavalgaduras. 4 — Mil quinhentos e um em romano. Igual. Mulher chinesa da classe baixa. 5 — Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Ninho. Acreditas. 6 — Freguesia do concelho de Esposende. Irmã da mãe. 7 — O mesmo que ópio (Ant.). Transpira. Apelido. 8 — óxido de cálcio. Piedosa. Colocar. 9 — Aplanem. Aquele que. 10 — Dois mil e trezentos em romano. Transpinara. 11 — Três iniciais que se encontram juntas em muitas passagens bíblicas com o significado de Ah! Oh! Apreender.

VERTICAIS: 1 — Repousa. Põe açamo a. 2 — Freguesia do concelho da Covilhã. Vitória (Fig.). 3 — Cidade do médio Eufrates que dominou os países sumerianos. Género de plantas ranunáceas do cabo da Boa Esperança. 4 — Princípio. Recusa. Símbolo químico do escândio. 5 — Biatráquio. Nome de vários papas. Erra. 6 — Aldeia indiana de que procede o termo ganicar. Consentimento. 7 — Dar mios. Pronome possessivo. Senhor. 8 — Senhor. Rema para trás. Pronome relativo. 9 — Habitara. Aguilhões. 10 — Oculte. Costumara. 11 — Lisos. Equipar.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito?



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5414

HORIZONTAIS: 1 — Safar. Paris. 2 — Amago. Erada. 3 — Luias. Notar. 4 — MAU. Aço. Ada. 5 — Onda. Sies. 6 — CORVO. 7 — Foto. Alno. 8 — Opa. MAU. Aer. 9 — Repõe. Raspa. 10 — Crava. Criar. 11 — Aoros. Acafé.

VERTICAIS: 1 — Salmo. Forca. 2 — Amuar. Opero. 3 — Falua. Tapar. 4 — Agá. Oco. OVO. 5 — Rosa. Meas. 6 — Carga. 7 — Pena. Urca. 8 — Aro. Soa. Arc. 9 — Retai. Lásio. 10 — Idade. Nepal. 11 — Saras. Orara.

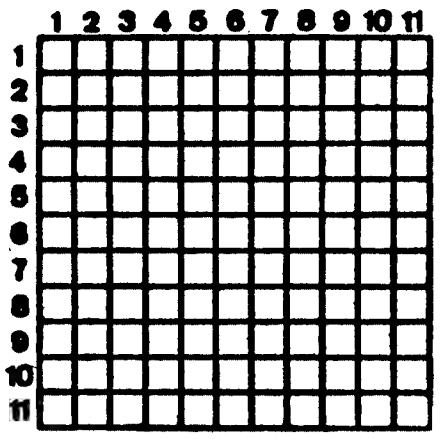
Provérbio: MAU CORIVO, MAU OVO.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9258

HORIZONTAIS: 1 — Cargo de ministro. Antiga medida de extensão, correspondente a 2,2 m. 2 — Sai frequentemente á rua. Tornar oco. 3 — Cólera. Igual. Para barlavento. 4 — Bordaríamos a fio de marca. 5 — Guarnecelis de asas. Transpirara. 6 — Saudáveis. Acreditei. 7 — Aqui Batráquio. Em partes iguais. Caminhar. 8 — Azáfama. Grande quantidade. Sapo do Amazonas. 9 — Ideia fixa. Içais. 10 — Lagoa do estado da Baía, Brasil. Estavas. 11 — Charruo. Perfume.

VERTICAIS: 1 — Feminino de primo. Freguesia do concelho e distrito de Aveiro. 2 — Famas (Fig.). Açucar. 3 — Messes. Uma das partes do mundo. 4 — Pronome pessoal. Remar para trás. Madeira (Abrev.). 5 — Percorreiro. 6 — Botequim. 7 — Traçara. 8 — Letra grega. Vento brando e aprazível. Ver. 9 — Ponde açamo a. Ilha situada no Pequeno Belt. 10 — Entusiasmo (Fig.). Caminhariam. 11 — Freguesia do concelho de Guimarães. Da Russia.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9257

HORIZONTAIS: 1 — Conca. Calam. 2 — Al. Unros. Ba. 3 — Migar. Maman. 4 — Avara. Arena. 5 — Saras. Merco. 6 — Sós. Ito. 7 — Tua. 8 — Traço. Tolida. 9 — Risos. Arais. 10 — AC. Casca. Ta. 11 — Solar. Altar.

VERTICAIS: 1 — Camas. Altnás. 2 — Olivas. Rica. 3 — Garotas. 4 — Guaras. Coco. 5 — Arras. Tosar. 6 — Pu. 7 — Comam. Ataca. 8 — Asareí. Oral. 9 — Mértola. 10 — Abanca. Dita. 11 — Marão. Casar.

CCN *companhia colonial de navegação*

PARTIDAS	DESTINOS
LINHA DE ÁFRICA	
«PORTO» a sair em 19 de Janeiro	Com escala por LEIXÕES, para: S. TOMÉ (se necessário), LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA (se necessário). Carrega de 13 a 17 de Janeiro.
«PÁTRIA» a sair em 28 de Janeiro às 12 horas	Com escala prévia por LEIXÕES para: FUNCHAL, S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA (se necessário). Carrega de 20 a 23 de Janeiro.
LINHA DA AMÉRICA CENTRAL	
«SANTA MARIA» a sair em 9 de Fevereiro às 18 h.	Com escala por VIGO e FUNCHAL, para: TENERIFE, LA GUAIRA CURAÇAU e PORT EVERGLADES (MIAMI).

Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LISBOA — Rua de S. Julião, 63 — Telefs. 36 96 21/8
PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Telef. 2 33 42

CRIADAS

Organismo oficial admite criadas com o salário mensal de 750$00 e 850$00 no caso de não terem vagas nas camaratas, com direito a alimentação, reforma e com perspectivas de melhoria.

Devem possuir a habilitação da 4.ª classe e idade compreendida entre os 18 e 34 anos.

Resposta ao n.º 403.

Na MOITA o «DIARIO DE LISBOA» é vendido por Sebastião Araújo Alegria, Rua Machados dos Santos, 8.

Compañia Trasatlantica Española, S. A.

MADRID

Viagem inaugural da moderna motonave

«CAMINO»

para

LA-GUAIRA e SANTO DOMINGO

Recebe carga geral, frigorífico e cortiça

Esperado em 27 do corrente

Os agentes gerais
LLORET & XAVIER, LDA.
Largo do Corpo Santo, 21, 1.º
Telef. 32 46 71/32 72 58 — LISBOA

GRANDE CONCURSO ELECTROLUX na sua CASA

SORTEIO FINAL 20 prémios

RESULTADOS DO SORTEIO FINAL

Realizado ontem, dia 12-1-70, pelas 19 horas, no Salão de Festas do Jornal O SÉCULO

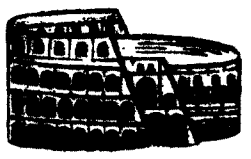
1.º PRÉMIO

UM AUTOMÓVEL DATSUN 1000 4 PORTAS

POSTAL N.º 1411
José Malheiro
Avenida Columbano Bordalo Pinheiro, n.º 92-2.º, Dt.º — LISBOA

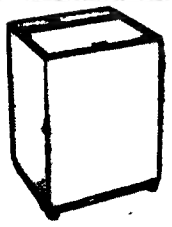
2.º PRÉMIO

Uma viagem a ROMA ou PARIS, para 2 pessoas, com a duração de uma semana (8 dias).



POSTAL N.º 1570
Maria Júlia Ferreira Nunes Esteves — Bairro Capitão Alves Roçadas, n.º 23-2.º — COVILHÃ

3.º PRÉMIO

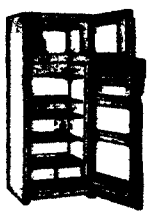


1 máquina de lavar roupa Electrolux, WH66, no valor de 5.000$00.

POSTAL N.º 820

Dr. Alexandre Cabral — Rua Frei Tomé de Jesus, 17-r/c., Dt.º — LISBOA

4.º PRÉMIO

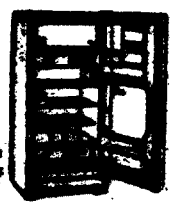


1 frigorífico Electrolux, RF88/16, no valor de 7.000$00.

POSTAL N.º 211

Companhia de Seguros Garantia — Rua Conselheiro Bivar, 67 — FARO

5.º PRÉMIO



1 frigorífico Electrolux, RF88, no valor de 4.000$00.

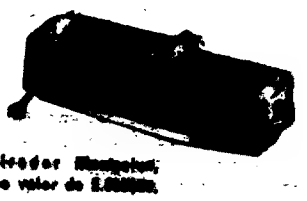
POSTAL N.º 328
António Costa — Bairro da Cadeia Central de Lisboa, casa S — Linhó — SINTRA

6.º PRÉMIO

1 máquina de costura «Austrotex», no valor de 4.000$00.

POSTAL N.º 366
Colégio S. José — Quinta Ramalhão — SINTRA

7.º PRÉMIO



1 aspirador Electrolux, 200, no valor de 3.000$00.

POSTAL N.º 1129
Pedro Correia Pimente — Rua Caldas Xavier, n.º 15 — FARO

8.º PRÉMIO

1 enceradora, Electrolux, E84, no valor de 5.000$00.

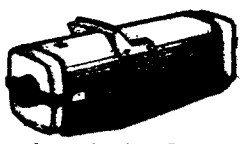
POSTAL N.º 1409
Maria da Conceição Cardoso — Rua Gonçalves Viana, n.º 11-r/c., Dt.º — LISBOA

9.º PRÉMIO

1 aspirador Electrolux, 200, no valor de 3.000$00.

POSTAL N.º 819
Manuel Coelho — Campo da Bola, lote 4-Norte — Rebelva — CARCAVELOS

10.º PRÉMIO



1 aspirador Electrolux, 207, no valor de 3.000$00.

POSTAL N.º 1985
Pedro Martins Palmares — Rua 5 de Outubro, n.º 394-2.º C — S. JOÃO DA MADEIRA

11.º PRÉMIO

10 ferros eléctricos, Electrolux, no valor de 350$00 cada um.

20.º PRÉMIO

POSTAL N.º 242
D. Maria Amélia Monteiro

POSTAL N.º 1671
D. Maria Esmeralda Nunes Silveira

POSTAL N.º 1385
D. Alda Neves Ubach Chaves Borges

POSTAL N.º 1457
D. Maria Celeste Figueiredo Lé de Matos

POSTAL N.º 1219
Nuno José Oliveira Santos

POSTAL N.º 1328
D. Maria Irene Soares de Albergaria Amaral e Sousa

POSTAL N.º 854
D. Alda Santos Bandeira Costa

POSTAL N.º 841
D. Delfina Roldão Gil

POSTAL N.º 1321
Ercília Nunes Cabral

POSTAL N.º 1043
José Gabriel Cardoso Vieira

Electrolux

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

O BOM GIGANTE

O episódio a exibir pelas 19 e 45 conta-nos a história de um velho jacaré acusado por um criador de porcos de lhe comer os seus melhores animais. E o camponês quer matar o velho Joe, amigo de Mark. O jacaré é inofensivo e só por um acaso Mark e a mãe descobrem os verdadeiros culpados...

TV SOCIAL

O programa da Junta de Acção Social, «TV Social», que a R. T. P. transmite na sua emissão de hoje, pelas 20 e 10, é preenchido pela exibição do documentário «Crónica de um Jornal», onde se analisa a actividade de um jornal diário e dos que nele trabalham.

NOITE DE CINEMA

«COCKTAIL DE SOGRAS»

Charles Brackett, argumentista talentoso e hábil que trabalhou com Billy Wilder, assina a história de «Cocktail de sogras» (The moting season), filme rodado em 1950, sob a direcção do realizador Mitchell Leisen.

John Lund e Gene Tierney desempenham, respectivamente, os papéis de milionário e moça pobre e Thelma Ritter interpreta a figura da mãe cozinheira.

*

«Quando uma sogra da alta roda se defronta com outra que é cozinheira surgem problemas para o casal...»

Gene Tierney, a menina pobre de «Cocktail de Sogras»

Grandes escritores tal como foram:

EÇA DE QUEIROZ

Repete-se, pelas 20 e 25, a evocação de Eça de Queiroz, por sua filha D. Maria de Eça de Queiroz de Castro, cujo depoimento foi recolhido por uma equipa da R. T. P., que se deslocou a Santa Cruz do Douro, á quinta que inspirou algumas das páginas mais belas de Eça de Queiroz: as de «A Cidade e as Serras».

POSTA-RESTANTE

Reabre a nossa Posta-Restante e respondemos a algumas das cartas e postais dos nossos amáveis correspondentes:

F. P. V. — Lisboa — Embora a R. T. P. tenha apresentado conjuntos do valor dum «Consortium», «Foundation» ou «Wallace Collection», não ignora os nossos de valor muito limitado, como o próprio ambiente artístico. Não é, pois, justo o seu queixume.

L. O. — Porto — Talvez possa ver, brevemente, o novel cançonetista Diamantino, que tanto parece admirar, num dos programas musicais.

canal da crítica

«JOGO DA VERDADE»: FALTA DE ENGODO PELA BALIZA...

Esta rubrica deve ser detentora de um máximo precioso: o da densidade. Nunca terá havido na Televisão tantas palavras por segundo quadrado...

Tamanha paixão quase mórbida atingiu ontem o paroxismo. E mais uma vez assistimos ao fenómeno estranho de as palavras afogarem as próprias palavras. A boa e sadia sugestão lá esteve: o elogio da vida, a legítima procura da felicidade, a denúncia das frustrações. Tudo isso lá esteve, mas envolvido nos cueiros pesados da filosofia quantas vezes cor-de-rosa a enfraquecer os domínios já conquistados da intenção, a ponto de esta quase se perder de vista.

As personagens não estão a conversar: estão a ler. Não há comunhão no diálogo: há duas bicas que jorram torrencialmente e alternadamente — mas não para o mesmo reservatório. Certas palavras, certas frases denunciam o desgosto da oralidade. Ninguém dirá, naturalmente: *«O conforto exacerba o egoismo»*. Muito menos uma pessoa dirá a outra: *«Tu dissuades-me sempre»*. E dou um doce a quem me disser que há naturalidade neste monólogo de Joana:

«Em Paris eu observava a gente nova. Às vezes surpreendia-me com o olhar pedante de uma matrona respeitável que observa a frio e sonha com um sistema pedagógico infalível. Toda aquela gente que vive em bandos que se fazem ou se desfazem devido á atracção de uma nova «boîte» que abriu, ou de um novo ritmo musical que entrou nos ouvidos ou nos nervos. Parecia um mar tenebroso batido por ventos de acaso...» etc., etc.

Não. Esta não é a melhor maneira de agarrar o público telespectador. Não porque considere a palavra inimiga da televisão (que tolice!) mas porque considera a linguagem *literária* imprópria para o consumo oral e quotidiano.

Aliás, tudo se conjugou para fazer deste episódio o mais infeliz dos quatro: a pobreza da interpretação (onde apenas se salvou a quase não-representação de Josefina Silva no apontamento inicial), a indigência da realização que nem sequer nos poupou aos rodriguinhos dos reflexos na água do lago, e até falhas técnicas comprometedoras do ritmo do episódio.

Ainda o melhor foi o cenário. Sim, o jardim do palácio de Queluz é um grande actor...

MOMENTO DESPORTIVO

Desta vez o futebol veio no fim. Está certo. O capitão deve ser o ultimo a abandonar o barco. Veio com o futebolista angolano Ingurila, do Benfica, o qual espera fixar-se. Antes, tiveramos andebol de sete, voleibol e basquetebol.

No basquetebol foi entrevistado o jovem Roberto Sa-ramago, do Nacional de Natação, componente da equipa junior portuguesa que disputou a Taça Latina, em Madrid. Quanto ao voleibol, ouvimos palavras de José Magalhães, treinador da equipa feminina do Benfica, que está satisfeito. A equipa perdeu em Viena, mas José Magalhães não perde o optimismo: *«O nosso desporto* — afirmou — *não anda nada bem. Há poucas equipas, não existe iniciação ao nível escolar. Mas tenho esperança, alguma coisa se há-de fazer...»*.

Oxalá. Que se faça — e depressa.

Ontem esteve de serviço no «Momento Desportivo» um apresentador que lenta, mas seguramente tem vindo a ganhar terreno. Rui Romano se chama. Os telespectadores conhecem-no através de rubricas como «Feira Literária», «Acção Social», «Portugal Além da Europa», etc., e da participação fortuita em reportagens dos telejornais.

A sua acção no «Momento» caracterizou-se por um ex-

(Continua na página seguinte)

II PROGRAMA

«O Barão» «Carta de Espanha» e «Estúdio C»

Cerca das 22 horas, exibe-se, mais um episódio da série de aventuras «O Barão».

«O Barão e Cordélia têm mais uma aventura, desta vez na Suíça».

Segue-se, pelas 22 e 50, a rubrica «Carta de Espanha», que nos dá notícias de um dos seus mais belos lugares: Xerez.

A terminar a emissão, há ainda a transmissão, em repetição, do «Estudio C», programa em que participa um dos melhores cançonetistas espanhois do momento: Julio Iglésias.

ESTUDANTES!
3.º CONCURSO ESCOLAR DE PINTURA E DESENHO
CISNE
RECEPÇÃO: ATÉ 31 MARÇO 70

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s. — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Cançonetas por Elza Soares; 16 e 15: Tradições, Costumes e Turismo dos Açores, pelo dr Carreiro da Costa «O Tema de Natal no Museu de Ponta Delgada»; 16 e 30: Roteiro Musical Português; 17: Ginástica de Pausa, pelo dr. Marques Pereira; 18 e 10: As Grandes Figuras do Mundo Português, pelo dr. Caldeira Pais; 18 e 40: Jovens Académicos; 19 e 45: Rádio Rural — Musica só musica; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Um solista... Uma orquestra; 20 e 40: 111.º Episódio do folhetim «Roça»; 21 e 05: Variedades; 21 e 40; Tempo de Jazz, por Raul Calado; 22 e 10: Espectáculo, Magazine, de Teatro, Cinema e Bailado; 22 e 30: Fados por Maria da Fé; 22 e 50: Musica, só musica; 23 e 05: Programa da noite; 24: Fecho

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16. Musica de Blacher, Bartok e Honegger; 17: Discos raros, Solos de violino por Jacques Thibaud — acompanhado ao piano por: Georges de Lausnay; Tasso Janopoulo; Horold Craxton; 17 e 30: Perspectivas da musica mexicana; — Ferial — diventimento sinfónico; Orquestra Sinfónica Nacional do México; 18 e 30: Rádio Educativa (Auditório Juvenil); 19: Horizonte Literário, por Amândio César e Mário António; 19 e 15: Dança e Ballet pelo dr. António Pinto Machado; 19 e 35: Musica de câmara mozartiana, op. 61 (Tschaikowsky), pela Orquestra «Cento Soli»;, dirigida pelo maestro Serge Baudo, com o violinista Pierre Nérine; 20. Diário Sonoro; Duas valsas de Tschaikowsky; Valsa Sentimental, pelo violinista Isaac Stern Ao piano Alexander Zakin; Valsa Scherzo. Oop. 34 pelo violinista David Oistrakh. Ao piano Vladimir Yampolski; 20 e 30: Noite de Teatro: «Similia Similibus», de Julio Dinis, adaptado por Leopoldo de Araujo 22 e 58: Fecho.

Programa MF 2 — 94,2 mc/s. — Às 23: Musica Portuguesa (Obras de Fernando Lopes Graça); Duas Sonatinas Recuperadas — Piano: Maria Elvira Barroso; Cinco Canções Populares Portuguesas — versões de concerto para canto e piano. Canto: Arminda Correia. Ao piano: o autor; Para uma criança que vai nascer — pela Academia de Instrumentistas de Câmara; Sonata n.º 2, para piano, pelo autor; 28 e 55: Canções Espanholas pelo soprano Margarita Gonzalez; 0 e 10: A sonata de Beethoven; Sonata n.º 3, op. 2, n.º 3, em dó maior, pelo pianista Wilhelm Backhaus; Sonata n.º 4, Op 7 em Mi Bemol Maior, pelo pianista Wilhelm Backhaus; 1: Fecho.

RÁDIO UNIVERSIDADE—451 m — 665 kc/s. — Às 19 e 10: Abertura; 19 e 15: A Universidade e o Desporto; 19 e 45: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s. — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 19 e 15: Momento Texentel; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 07: Musicalmente quase tudo; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Eles cantam para si; 21 e 03: Terça-feira á noite; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Musica tradicional e palestras religiosas; 23 e 22: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência—97,4 mc/s. — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso Programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 03: Banda Sonora; 2: Fecho

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s. — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 20: Rabbiolac; 19 e 35: Estudio 64; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 02: Orquestra; 21 e 15: Leitura 21 e 30: Musica para meditar; 21 e 45: Mundo Rádio; 22 e 03: O Santo; 22 e 15: Jazz; 22 e 30: Carrossel-3; 23 e 04: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA—233,2 m 1286 kc/s. — Às 16: Radiorama; 18 e 05: Claquete; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 25: Leitura do programa e boletim do S. C. R.; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Aguarela Mexicana; 21 e 15: Cartaz musical de Paris; 21 e 30: Vozes portuguesas; 21 e 45: Conjuntos vocais; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora, 2: Fecho

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s. — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 19 e 30 ás 22; **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 12 ás 14 e 30 e das 17 ás 19 e 30; **Rádio Voz de Lisboa** — Das 8 ás 10 e das 14 e 30 ás 17; **Rádio Graça** — Das 10 ás 12 e das 22 ás 2

PROGRAMA DE HOJE

I Programa — As 19 e 30: Telejornal, 19 e 45: Série Juvenil; 20 e 10: TV Social; 20 e 25: Grandes escritores tal como foram; 21 e 30: Telejornal; 22 e 05: Noite de Cinema; 23 e 55: Marcha do Mundo; 0 e 05: Fecho.

II Programa — As 21 e 30: Telejornal; 22: Série de Aventuras; 22 e 50: Despertar Jerezano; 23 e 10: Estudio C; 28 e 25: Fecho

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — I Programa — Às 14 e 40: Ciclo Preparatório TV; 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: TV Infantil; 20 e 5: Conheça o Portugal desconhecido; 20 e 25: Em Foco; 20 e 55: «Olho Vivo»; 21 e 30: Telejornal; 22 e 5: Noite de teatro; 28 e 20: Recital; 23 e 30: Marcha do Mundo; e Fecho.

II Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 22: Imagens da Poesia Europeia; 22 e 20: «O Maioral»; 23 e 40: Fecho.

TUDOR
pilhas para força motriz

Já pensou em comprar um andar? O seu capital será valorizado dia a dia.
Andares nos melhores locais desde 185 contos
Pagamentos até 25 anos.
CONSULTE-NOS
LARANJO, ALEGRE & GARCIA, LDA.
Praça da Alegria, 58-2.º Sala-E, LISBOA
Tels. 326718/327803/328567

ANDARES

Vendem-se os últimos que restam alugados, a renderem 7 e 8%, aos preços de 150 e 220 c., num dos melhores locais da Vila de Sacavém. Trata «A Diligente». Tel. 41364, Rua Carlos Mardel, n.º 2, 2.º.

Compre a melhor vista de mar
comprando APARTAMENTOS MOBILADOS ou moradias
a J. PIMENTA, S. A. R. L. em Cascais (Pampilheira)

A 1000 metros da praia e caminho de ferro, mercê duma situação privilegiada desfrutará duma vista panorâmica sobre o mar e Serra de Sintra.
Rendimento de 6 a 10 % garantido por escritura pública, durante 6 e até 18 anos, à escolha do cliente.

Visite o apartamento-tipo em exposição na Rua Regimento Infantaria, 19, n.º 30, em Cascais

J. PIMENTA, S. A. R. L.

LISBOA — Praça Marquês de Pombal, 15, 1.º — Telefs. 4 58 43 e 4 78 43
QUELUZ — Rua D. Maria I, 30 — Telefones 95 20 21/22
REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Telefone 93 36 70

canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

cesso de palavras, por uma incontinência que o não favoreceram. A experiência ensinar-lhe-á que falar demasiado não dá vantagem a ninguém. Sobretudo, há que perder a preocupação do falar bem que desemboca, em geral, no mau falar.

Citarei, apenas, para exemplificar, a pergunta feita a Roberto Saramago quando este reafirmou a superioridade das equipas opositoras. Se ele não achava que os praticantes não possuíam também qualidades *eugénicas* para a prática do basquetebol. *Eugénico*, isto é, o que favorece o aperfeiçoamento da reprodução humana...

E já agora, parece de toda a conveniência evitar palavras estrangeiras desnecessàriamente. «Set» para quê? Será legítimo continuar impunemente a apunhalar pelas costas a língua portuguesa, cimento precioso da nossa nacionalidade?

O «JAZZ» MARCOU PONTOS

Manuel Jorge Veloso: um homem corajoso? Sem duvida, mas a fortuna protege os audaciosos. Ei-lo a acompanhar, em hora de grande audiência, uma rubrica que por enquanto não goza do favor das massas em Portugal. Digo «por enquanto» porque tudo pode vir a modificar-se se redescobrirmos na nossa Pátria o gosto pela liberdade criadora e pelo convívio, e se a televisão portuguesa continuar a dar ao «jazz» a atenção que ele merece.

Manuel Jorge Veloso foi mais longe ao enfrentar certos pruridos ortodoxos: ele relatou a par e passo aquele extraordinário desafio musical; apurou o interesse do telespectador para os lances mais emocionantes; explicou o desenvolvimento das jogadas de melhor recorte jazzístico; seguiu as deambulações do Gordon Beck e do Daniel Humiava pelo terreno do jogo; sublinha como devia aquela inesquecível finta do contrabaixo; e nem esqueceu, nos justos louvores, o comportamento do realizador que nos proporcionou uma arbitragem merecedora de galardão de ouro se já houvesse uma F. I. F. A. para os realizadores de televisão.

O método ontem utilizado pelo apresentador de «TV Jazz» é de se manter. A palavra, tal como foi utilizada, não prejudica o interesse do jogo. Ao contrário de muitos outros relatores, Manuel Jorge Veloso só fala quando a partida se interrompe ou afrouxa. Dá, por outro lado, o contraponto indispensável do convívio. É como se tudo se passasse aqui, em nossa casa, os comentários e as trocas de impressões a cruzarem-se com os solos, o diálogo, a explosão do «Jazz».

Aconteceu ao serão a vitória do «Jazz» e a vitória da naturalidade. Vitória da TV.

MÁRIO CASTRIM

UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA
S. A. R. L.
Capital: 450 000 000$00
Sede: Rua Alexandre Herculano, 244 — Porto
JUROS DE OBRIGAÇÕES

Estão em pagamento os juros de obrigações das diversas séries emitidas por esta sociedade, a vencer em 1 de Janeiro de 1970, pelos valores líquidos de impostos por cada obrigação, a seguir indicados:

			Portador	Portador Registadas
7.ª Emissão	(4 1/2 %),	cupão n.º 51	1$44 (4)	1$93 (6)
8.ª »	(4%—1945),	» n.º 50	1$28 (4)	1$72 (1)
9.ª »	(3 3/4 %),	» n.º 47	1$20 (4)	1$61 (3)
10.ª »	(4%—1948),	» n.º 42	1$28 (4)	1$72 (1)
11.ª »	(5%—1951),	» n.º 37	1$60 (5)	2$15 (1)
12.ª »	(5%—1952),	» n.º 35	1$60 (5)	2$15 (1)
13.ª »	(5%—1954),	» n.º 31	1$60 (5)	2$15 (1)
14.ª »	(5%—1957),	» n.º 25	1$60 (5)	2$15 (1)
15.ª »	(5%—1958),	» n.º 22	1$60 (5)	2$15 (1)
16.ª »	(5%—1960),	» n.º 19	16$05 (0)	21$51 (0)
17.ª »	(5%—1963),	» n.º 13	16$05 (0)	21$51 (0)
18.ª »	(6%—1968),	» n.º 4	27$16 (0)	
19.ª »	(6%—1968),	» n.º 2	27$16 (0)	

O referido pagamento pode ser efectuado, contra a apresentação dos respectivos cupões e assinatura dos competentes recibos, em todos os dias úteis, excepto aos sábados,

no Banco Pinto & Sotto Mayor
no Banco Português do Atlantico
no Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa

O pagamento dos juros correspondentes ás obrigações ao portador registadas só pode ser feito no regime respectivo mediante a apresentação simultanea das declarações do modelo n.º 7 do Código do Imposto Complementar comprovativa do registo

Porto, 31 de Dezembro de 1969

O Engenheiro-Gerente
Pela UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA
a) *MAMEDE FIALHO*

A abertura da Avenida do Mar (da Figueira até Aveiro) seria a valorização turística da serra da Boa Viagem

FIGUEIRA DA FOZ, 13 — Há lugares, distantes da cidade, cujos habitantes se vêm privados daquilo que o progresso facilita aos citadinos.

A Murtinheira é uma povoação constituída por um amontoado de casas ao norte do concelho, a pequena distância da populosa freguesia de Quiaios, à qual pertence. Fica na encosta apendorada da serra da Boa Viagem; a um lado, à direita, areia a perder de vista e à esquerda as rochas altas recortadas sobre o mar.

O acesso ali torna-se difícil, através de um áspero carreiro, por entre fraguedos. Contudo, esse laborioso e ignorado povo, que com enorme esforço amanha as suas terras de onde sai o produto agrícola, merece que lhe abram uma porta para o mundo, e, também, que a projectada Avenida do Mar lhe rasgue a saída ampla — avenida que iria da Figueira até Aveiro ou mais além.

A passagem cómoda do Farol Novo para aquela povoação da Murtinheira e freguesia de Quiaios ofereceria aos turistas, já enlevados com a panorâmica da serra, outros motivos aliciantes.

E se, a par disso, se arranjarem poisos e miradouros nos rochedos, com recantos para repouso e «passerele» bem lançadas, pequenas ruas coleantes onde gerânios e as ornamentais piteiras não ficariam mal, assim se transformaria aquele local inóspito num recinto acolhedor que seria muito frequentado.

E aquela penedia batida pelo sol e pelas ondas do mar, logo que pelo dorso lhe abrissem a almejada avenida seria um belo e atraente cartaz de propaganda turística, da qual beneficiaria também a famosa praia da Figueira da Foz.

DE COIMBRA

As actividades da União Noelista

Como é tradicional, o bispo da diocese, D. Fr. Francisco Rendeiro, recebeu as senhoras da União Noelista, que lhe apresentaram cumprimentos e deram conhecimento das suas actividades durante o ano findo.

Depois de o prelado ter celebrado missa, na sua capela particular, á qual assistiram não só as neolistas mas as amigas do Lar e cadetes, houve uma sessão durante a qual a presidente, sr.ª dr.ª D. Teresa Mendes Pinto leu o relatório das actividades da U. N., e, por fim, entregou alfaias litúngicas para as igrejas pobres, e a importância de oito mil escudos, destinada a uma bolsa de estudo para seminarista.

O bispo agradeceu ás noelistas e desejou-lhes um novo ano próspero.

Concurso de presépios

A direcção da Fraternidade Nuno Álvares Pereira, do Corpo Nacional de Escutas, acompanhada pelo presidente, sr. dr. Brito Amaral, visitou o último presépio inscrito no concurso instituído por aquela organização escutista, para a respectiva classificação.

O último presépio foi o do agrupamento escuta de Santo António dos Olivais. Oportunamente serão dadas a conhecer as classificações, durante um serão.

Mais de vinte anos no inferno da loucura

Após vinte e dois anos de internamento no Bloco Psiquiátrico de Celas, dos Hospitais da Universidade, faleceu o sr. Manuel Gonçalves Neves, de 40 anos, natural de Murtal, freguesia de Pousaflores (Ancião). Internado desde os 18 anos, em grande parte esteve num quarto isolado, pois os seus ataques furiosos punham em perigo o outros doentes, os médicos e enfermeiros.

Espectáculos para hoje

CIRCO

CIRCO MARIANO — Instalado no Arnado, ás 21 e 30.

CINEMAS

GIL VICENTE — Às 21 e 30: «A batalha de El Alm-Alaneim» (12 anos).

AVENIDA — Às 21 e 30: «Golpe de ouro» (12 anos).

TIVOLI — Às 21 e 30: «Adoráveis conspiradores!» (17 anos).

SOUSA BASTOS — Às 21 e 30: «Os longos dias da vingança» (17 anos).

Farmácias de serviço

VILAÇA — Rua Ferreira Borges (tel. 22043).

NEVES MORGADO — Rua da Moeda (tel. 23738).

BAPTISTA — Praça da Republica (tel. 23747).

OLIVAIS — Rua Bernardo de Albuquerque (tel. 22804).

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

Tomaram posse os novos dirigentes das Misericórdias de Leiria e Viseu

LEIRIA, 13 — Foi muito concorrido o acto da posse, na Sala das Sessões do Hospital D. Manuel de Aguiar, dos novos componentes da mesa administrativa da Misericórdia, recentemente eleita para o triénio de 1970-1972. Presentes, também o chefe do distrito, deputados pelo círculo, presidente da Câmara e outras entidades.

Usaram da palavra o provedor cessante, sr. dr. Manuel Marcelino Marques; o sr. dr. Francisco Pereira Dias director clínico do hospital; o novo provedor, sr. eng.º Afonso de Lemos Proença e, por último, o chefe do distrito, sr. dr. José Damasceno de Campos.

Fazem parte da mesa, como vogais, os srs. José António Marques de Meneses, José António Moita Pereira, Daniel Rodrigue da Silva, rev. Jacinto de Sousa Gil, pároco da Sé e Carlos José Gomes Vieira, que assistiram à cerimónia, assim como o respectivo mordomo, rev. Manuel Rodrigues Pires.

A nova mesa manifestou a esperança de desenvolver a acção benemerente da Misericórdia, dotando-a das condições indispensáveis para melhor cumprir a sua humanitária missão

Em Viseu

VISEU, 13 — Foi conferida pelo vice-provedor, em exercício, da mesa da Misericórdia, sr. eng.º Cunha Matos, posse aos novos dirigentes, eleitos, da benemérita instituição, para o triénio 70-72.

O provedor é o sr. eng. Engrácio Carrilho, governador civil do distrito, reeleito, bem como o vice-provedor. No cargo de administrador do hospital foi confirmado o sr. dr. António Tav. de Pina, vice-presidente da Câmara Municipal. Os empossados foram cumprimentar o bispo da diocese e o chefe do distrito. Com este magistrado trocaram-se opiniões e sujestões sobre as mais imediatas necessidades e aspirações da Misericórdia, e da escola de enfermagem, casas de renda limitada, Laboratório de Análises Clínicas e continuação de trabalhos para modernização do hospital e do Asilo Viscondessa de São Caetano (Velhos).

FESTAS DE SANTO AMARO EM MARTIM AFONSO

SOBRAL DE MONTE AGRAÇO, 13 — Na povoação de Martim Afonso, deste concelho, decorrem, nos dias 18, 19 e 20, as tradicionais festas populares de Santo Amaro. Haverá bailes, até de madrugada, no salão de festas, propriedade da sr.ª D. Hermínia Baptista da Costa. Serão eleitas a «miss Martim Afonso» e duas damas de honor, que receberão vários prémios.

SALDOS DE ARTIGOS DECORAÇÃO, ESTOFOS, CARPETES e TAPETES
Artigos sem defeito
VENDAS A PARTIR DO DIA 15
GRANDIOSO LOTE
CARPETES, desde 100$00 TAPETES, desde 15$00 TERILENES, desde 10$00 TECIDOS desde 30$00
RAUL NETO, LDA. — Praça da Figueira, 18 - 2.º, c/ elevador (esquina Rua da Prata — Junto ao sinaleiro)

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

V. Setúbal-Benfica a 15 de Fevereiro para a «Taça de Portugal»

O sorteio dos jogos para a 5.ª eliminatória da Taça de Portugal, ontem efectuado, «disse», além do que lhe era obrigatório «dizer», que em Lisboa não há desafios na primeira mão, previstos para 15 de Fevereiro. A segunda mão está marcada para 22 de Março. Cinco semanas depois daquela...

«Disse» ainda o sorteio, que três dos «grandes» que sòmente agora passam a intervir na competição, defrontarão os «pequenos», dispostos estes entretanto por certo, a venderem caro o favoritismo concedido aos antagonistas. Mas... (há sempre um mas...) haverá um jogo de enorme cartel — o V. de Setubal-Benfica!

Na eliminatória em causa, serão apuradas onze equipas que, com os representantes de Angola, Moçambique Cabo Verde, Guiné e Madeira, disputarão a fase derradeira.

O sorteio forneceu os seguintes resultados:

Sporting de Braga-Montijo ou Alba, Salgueiros-Sporting, Famalicão-Belenenses, Tirsense-F. C. Porto, Sintrense-Spt. Lamego, Vit. Setúbal-Benfica, Sanjoanense ou Penafiel-Vit. Guimarães, Académica-Nazarenos, U. Tomar-C. U. F., Boavista-Varzim e Barreirense-Leixões.

A CUF IMPEDIU

COSTA PEREIRA NÃO PODE TREINAR O SPORTING DE BRAGA

● O Sp. de Braga vai tentar demover os dirigentes «cufistas» da decisão que tomaram.

Não tiveram êxito os propósitos do Sporting de Braga, de confiar a orientação técnica da sua equipa ao treinador Costa Pereira, apesar do acordo verificado para a efectivação do contrato.

Isto porque, quando Costa Pereira comunicou aos dirigentes da C. U. F. a sua intenção de dirigir a equipa bracarense (a sua apresentação aos jogadores estava prevista para hoje), foi por eles informado de que, em virtude do compromisso que o ligava ao clube «fabril» não ter sido rescindido, a C. U. F. o não autorizava a treinar a turma de Braga, continuando, assim, a satisfazer, integralmente, as responsabilidades contratuais assumidas.

Costa Pereira deu, imediatamente, conhecimento desta decisão, aos dirigentes do Sporting de Braga, que, em seguida, procuraram solucionar o problema da orientação técnica das suas equipas. Contactando José Águas, este não pode aceitar o convite. Entretanto e provisòriamente, a preparação dos futebolistas bracarenses deverá ser confiada ao guarda-redes «internacional» Armando.

Entretanto, esta manhã, o presidente do Sporting de Braga, sr. António de Oliveira, confirmou-nos a decisão tomada pela direcção do clube, de confiar a orientação da equipa ao futebolista Armando. E acrescentou:

— *Procurámos resolver o problema que nos surgiu, convidando outros treinadores que pudessem servir os nossos interesses. Nenhum deles, porém, pode aceitar esse convite. Pensámos também num técnico brasileiro, mas porque, certamente, a concretização do contrato ir-se-ia prolongar por bastante tempo, acabámos por colocar de parte a ideia. Agora, vamos fazer as diligências necessárias, para tentar demover os dirigentes da C. U. F., da decisão tomada e de forma a que Costa Pereira possa, efectivamente, tomar conta da preparação dos nossos jogadores. Vamos ver se seremos bem sucedidos.*

MÁRIO SILVA

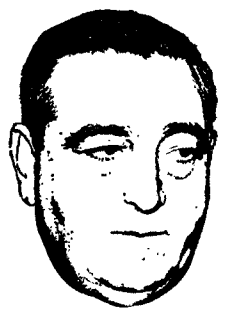
Ciclismo

MÁRIO SILVA EM DESACORDO COM O F. C. PORTO

O F. C. Porto não transige na sua decisão de pagar a Mário Silva apenas o ordenado mensal, de 3000$00 para que este continue ligado ao clube. O ciclista, porém, pretende determinada importância de «luvas», cremos que 15 contos, condição a que o F. C. Porto não acederá. Parece assente que o experimentado corredor vai deixar de representar o clube portuense. Se o ciclista não concordar com as condições propostas pelo clube e pretender transferir-se para outra equipa, será colocado na lista das transferências.

Andebol, um desporto para todos (4)

A ARBITRAGEM TAMBÉM É PROBLEMA



Por MATOS MOURA

Os árbitros, esses eternos incompreendidos e de quem depende, em grande parte, o progresso ou o retrocesso da modalidade e que só encontram espinhos na sua missão, deviam ser mais acarinhados e estimulados pelos dirigentes, publico, jogadores e treinadores.

A sua missão é demasiado complexa, para ser atacada de ânimo leve por quem quer que seja. O publico afecto aos jogadores a estes tudo desculpa, falhanços de grandes penalidades, remates isolados que são imperdoavelmente perdidos e até atitudes antidesportivas. Para com os árbitros estão sempre de «faca afiada». Ora, eu julgo que tem de haver uma melhor compreensão entre todos aqueles que fazem o espectáculo, publico, jogadores e treinadores no sentido de não dificultarem a sua missão que é tão espinhosa. JULGAR E DECIDIR em milésimos de segundo é muito difícil.

Ao árbitro exige-se: honestidade e imparcialidade, como não podia deixar de ser; uma boa preparação física e anímica, além de reflexos apuradíssimos; um conhecimento integral das regras, sua interpretação, e rapidez de decisão; qualidades psicológicas; benevolência com todos quando quase ninguém a tem para com ele; falar o mínimo porque as suas palavras são deturpadas com a maior facilidade. Tudo isto em troca de quê? Da sua carolice pelo desporto!

O nível da nossa arbitragem, infelizmente não é bom. Muito se tem de conseguir para o fazer elevar, mas não resta a menor duvida de que a arbitragem está nivelada com o padrão físico e técnico do nosso praticante e com a carência de aptidões da grande maioria dos nossos treinadores.

Como já referimos, a arbitragem está longe de ser sofrível e é preciso trabalhar-se muito para a prestigiar. A Comissão Central e os árbitros devem unir-se para conseguir tal fim, o que se conseguirá depois de um profundo estudo das regras e da sua interpretação quer teórica quer prática; uma preparação física racional; a discussão permanente em colóquios e palestras reuniões semanais para rectificação de possíveis erros um escalonamento de valores; um regulamento Comissão Central-Árbitros com definições de cada uma das partes (regalias e punições), reuniões na sede da Comissão Central e nos outros centros, nas Comissões Regionais entre treinadores e as suas equipas e os árbitros para um entendimento a bem do andebol.

Eu julgo que devia ser obrigatório, sempre que a equipa nacional se desloca ao estrangeiro, ir acompanhada de um árbitro, que fosse observar especialmente determinadas regras que ainda não são julgadas convenientemente. Estou a lembrar-me do choque de peito na zona dos 9 metros; do castigo dos 7 metros em que esta punição na maior parte das vezes, é muito benevolente em relação á falta cometida; a confusão ainda existente quando se fazem cortinas na zona dos 6 metros frente á baliza, em que apito soa demasiado cedo por falta que só prejudica o atacante, pois trocase a possibilidade de um golo por um livre. Devem procurar fazer-se respeitar sem atitudes draconianas ou demasiada displicência; deixar jogar e só apitar o mínimo para que o tempo de jogo tenha a maior duração possível; alhearam-se de tudo e só estarem com atenção ao que se passa no campo; uma maior sincronização entre os dois árbitros, pois as regras são bem explícitas neste caso; as equipas de árbitros devem ver o maior numero possível de jogos e fazerem entre si os comentários ao trabalho dos que estão a arbitrar, tornando assim possível rectificar os presumíveis erros daquela equipa, quando em execução.

O último Curso Internacional de Arbitragem, realizado em Madrid em Julho passado, trouxe uma maior acuidade á arbitragem e uns esclarecimentos que muito podem vir a beneficiá-los.

A fechar, um apelo: Senhores árbitros: compenetrem-se da vossa missão e ajudem com a vossa parte, que é fundamental, o progresso do nosso jogo.

A beleza espectacular do andebol está bem patente nesta imagem

A SELECÇÃO DE JUNIORES TREINA-SE AMANHÃ COM O SPORTING

Está previsto para amanhã mais um treino de conjunto da selecção nacional de juniores de futebol que defrontará a França a contar para a fase de qualificação do Campeonato da Europa da categoria.

Entretanto, pelo seleccionador nacional, dr. David Sequeira foram já indicados á U. E. F. A. os nomes dos vinte e quatro jogadores donde sairá o «onze» que defrontará os franceses e que são:

Telha e Gregório (Académica); Laranjeira, «Nando», Miranda e Pinhal (Sporting); Silva Morais, Fernando, Lino, Eurico e Samina (Benfica); Matos, Ludgero, Correia Dias, «Ratinho», Castro, Duarte e Germano (F. C. Porto); César e Carlos Cardoso (V. Setubal); Coentro Faria (Portimonense); João Cardoso (Sacavenense); Cacheira (Leixões) e Vítor Alves (Atlético).

O Benfica em Viarregio

A equipa de juniores do Benfica (reforçada com alguns séniores) deverá participar, á semelhança dos anos anteriores, no Torneio Internacional de Viarregio (Itália).

Em princípio, estarão presentes naquela competição, além do Benfica, equipas representativas do Milan, Inter, Roma, Atalanta, Vicenza, Fiorentina, Juventus e Turino e ainda do Duckla de Praga, C. S. K. A. de Sófia, Partizan de Belgrado e Bayern de Munique, esperando-se também a comparência de equipas romenas e gregas.

Pelos organizadores do torneio foi dirigido convite ao presidente do Benfica, dr. Borges Coutinho, para assistir á cerimónia inaugural do certame.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

«MUNDIAL» DO MÉXICO: ZONA QUENTE EM GUADALAJARA

«É o grupo mais difícil e é preciso estudar o caso muito bem antes de estabelecer uma linha de rumo» assim se pronunciou «Sir» Alf Ramsey, responsável pela selecção de Inglaterra, que foi designada no sorteio do Mundial para o grupo 3 juntamente com o Brasil, Checoslváquia e Roménia.

Na realidade, dos quatro grupos que o sorteio estabeleceu, este apresenta-se como aquele em que o despique é susceptível de ser mais renhido e empolgante, pois reune incontestávelmente as mais fortes potências futebolísticas e, por conseguinte, os mais sérios candidatos ao título mundial. A Inglaterra, que vai ao México defender o ceptro conquistado em 1966, apesar de tudo mostra-se disposta a fazer valer os seus créditos, como se depreende deste comentário de Alf Ramsey: «No Campeonato Mundial é necessário ganhar seis jogos e é sempre difícil obter seis vitórias quando se joga longe do nosso país». Mesmo reconhecendo a dura tarefa que espera a sua equipa, concluiu: «Mas é isso mesmo que estamos dispostos a fazer».

Bom aviso para os seus adversários. Que dirão a isto João Saldanha e as suas «feras»?... Pois muito bem: cremos que o Brasil, ansioso por reconquistar a hegemonia do futebol mundial e de guardar nas suas vitrinas o valioso e significativo troféu «Jules Rimet», terá uma palavra a dizer no decorrer da «poule» com sede na cidade de Guadalajara.

A Checoslováquia como a Roménia, desempenhará um papel muito influente naquele duelo e têm ambas muitas possibilidades de contrariar os planos britanico e brasileiro. Uma coisa é certa: todas as atenções irão incidir particularmente na actuação destas quatro equipas. Qualquer que venha a ser o vencedor deste grupo ele será, seguramente, um dos grandes candidatos ao título.

☆

No grupo 1, que disputará os seus jogos na capital asteca, México e Russia apresentam-se como as grandes figuras. Os mexicanos não só porque jogam em casa, o que representa factor de grande vulto, mas ainda pelos cuidados especiais dedicados á preparação da sua equipa, em vista das responsabilidades que impendem sobre os seus ombros. Os russos porque, pese algumas oscilações na pauta dos valores internacionais, nunca deixaram de estar entre as potências mais cotadas.

Uns e outros, porém, não podem menosprezar as reais capacidades do futebol belga, já que o conjunto de El Salvador parece ser o mais fraco deste grupo.

☆

A Itália coube como adversários o Uruguai, a Suécia e Israel, no grupo 2. Suecos e uruguaios serão, sem duvida, os grandes obstáculos a transpor pelos italianos na sua esforçada tentativa de qualificação nesta primeira fase do Mundial. A turma de Israel, pese o seu êxito na eliminatória com a Austrália, não deverá representar dificuldade para os restantes adversários. Pelo menos no plano lógico... Em todo o caso não pode deixar de levar-se em conta o problema com que se debate a selecção do Uruguai em dificuldade para pôr em prática um programa de preparação em profundidade em virtude do Peñarol e o Nacional, os seus principais clubes, apenas cederem os jogadores em 20 de Março, segundo revelou o director técnico Juan Eduardo Hohberg. Para já, pois, dois favoritos: Itália e Suécia, aos quais se poderá vir a juntar o Uruguai. O próprio Hohberg reconhece que a Itália será o seu mais temível adversário, porque «os italianos praticam um futebol moderno e forte».

☆

No Grupo 4, Alemanha Ocidental e Bulgária, são, sem duvida, os mais fortes candidatos, mas o Peru pode fornecer uma surpresa, pois os peruanos, dirigidos pelo antigo internacional brasileiro Didi, realizaram uma extraordinária campanha «Mundial», afirmando na fase preliminar deste real capacidade, mais pela homogeneidade do conjunto do que pela categoria individual dos seus jogadores. Neste grupo Marrocos parece destinado a um papel discreto.

☆

Em conclusão: O Grupo 3 pode fornecer a chave do enigma deste Campeonato Mundial.

O que pensam os brasileiros

RIO DE JANEIRO, 13 — (F. P.) — O Brasil terá de jogar no mais difícil dos quatro grupos, considera hoje a Imprensa brasileira nos comentários que dedica ao sorteio dos oitavos de final do Campeonato Mundial.

Os jornais brasileiros anunciaram ontem o resultado do sorteio com grandes títulos na primeira página. Continuando a depositar confiança na selecção «canarinho», os jornalistas especializados afirmam ser preferível defrontar os adversários mais difíceis nos oitavos de final.

O «Jornal dos Sports» manifesta o seu optimismo afirmando que se a tradição imperar, o Brasil pode já considerar-se campeão pois defrontará equipas da força daquelas de 1958 e de 1962, anos em que conquistou os dois primeiros títulos. Os jogadores brasileiros — prossegue o jornal — participarão nos oitavos de final sabendo que até agora só perderam uma vez em sete desafios contra os ingleses, tendo registado 4 vitórias e 4 derrotas em dez jogos contra os checoslovacos.

Segundo o «Jornal do Brasil», ninguém imaginaria que a Inglaterra, o Brasil e a Checoslováquia ficassem reunidos no mesmo grupo.

Todavia, — acrescenta o jornal — **«Antes de se lamentarem, os brasileiros deveriam lembrar-se que o descontentamento dos ingleses será maior pois não podiam esperar no seu grupo duas bombas como o Brasil e a Checoslováquia.»**

O «Jornal do Brasil» conclui dizendo que **«o Grupo Três é certamente o mais forte pois reune três equipas com aspirações aos quartos-de-final, das quais se classificarão apenas duas».**

Sob o título **«O Brasil no grupo mais difícil»** o jornal «Correio da Manhã», depois de lembrar que para além dos seus principais adversários a selecção brasileira irá defrontar a Roménia, capaz de lhe criar alguns problemas, observa que se o Brasil estiver bem preparado para estes difíceis jogos **«há que não ter receio». «A técnica individual** — conclui — **será no México tão importante como o jogo de conjunto. Quando se possui a técnica individual dos brasileiros não se pode nem se deve temer o resultado de qualquer competição».**

Os alemães confiantes

FRANCFORT (Alemanha Federal), 13 — (A. N. I.) — Setenta e nove por cento dos alemães federais crêem que o país ganhará o Campeonato Mundial de Futebol de 1970 — escreve o jornal de Francfort «Bild Zeitung».

Citando um inquérito á opinião publica promovido pelo Instituto Wickert de Tuebinga, o diário diz: **«A sorte do sorteio que colocou a equipa da Alemanha Federal num grupo comparativamente fácil tornou fortes as esperanças dos adeptos do futebol.»**

O inquérito do Instituto Wickert mostra ainda que 14 por cento das pessoas interrogadas não têm opinião sobre quem ganhará o Campeonato no México e apenas sete por cento descrê das possibilidades da equipa nacional.

Andebol

Escolhidos os jogadores para defrontar a Alemanha

Com os encontros de andebol que se realizaram no pavilhão do Académico, no Porto, entre equipas do Norte e do Sul, concluiu-se a primeira parte do plano elaborado pelo Conselho Técnico da Federação, com vista á escolha da equipa de «esperanças» que tomará parte na Taça Latina.

No primeiro jogo, a equipa do Norte, constituída por jogadores do Porto e Coimbra (1), deu excelente réplica ao conjunto sulista, só vindo a perder pela diferença mínima (24-23). No dia seguinte outra equipa nortenha — jogadores de Aveiro, Porto e Braga — perante um conjunto sulista, sem os jogadores do Belenenses, sossobrou nítidamente, não mostrando qualquer dos seus elementos, capacidade ao nível de possível selecção. Venceu o Sul por 28-17, com 12-6, ao intervalo, portanto, sem quaisquer dificuldades.

Ficou o Conselho Técnico federativo, com ideias definidas quanto aos jogadores a escolher, depois de ver em acção elementos de todas as Associações distritais, préviamente seleccionados por responsáveis da confiança do citado órgão que em reunião a efectuar esta semana indicará difinitivamente os jogadores que dentro de um plano a indicar, encetarão imediatamente a preparação para a referida Taça Latina.

Entretanto e dado que no próximo dia 25, estará no nosso país uma das equipas favoritas ao título de campeã do Mundo (a da Alemanha), para defrontar a equipa representativa de Portugal, em desafio a efectuar no Porto, o Conselho Técnico, indicou para esses jogos os elementos seguintes: Bessone, Brito, Paulo, Armando e Adão, do Sporting. Pintado e Carlos Vasconcelos, do Benfica. Borges, Melo e Leandro, do F. C. Porto. César, do Almada. J. Manuel, Mendes e Cascais, do Belenenses. Custódio do Vitória de Setubal.

Acontecimentos DE ONTEM

VOLEIBOL

Vitória do Técnico sobre o C. D. U. L. (3-0)

No encontro referente á 2.ª jornada do Campeonato de Lisboa de Voleibol, o Técnico venceu o CDUL por 3-0 (15/0, 15/12; 15/8).

O desafio foi arbitrado por Almeida Tavares e Alfredo Silva, e as equipas apresentaram as seguintes formações:

TÉCNICO — André Mendes, Cunha Pereira, Raul Carrejoso, Luís Briz, Costa Reis, João Carlos, José Coelho, António Correia e Pinto Coelho.

CDUL — Moniz Pereira, Nuno Pinto, Mena Reis, Pedro Roriz, José Albino, Barrão Pinto e Rui Andrade.

A equipa do Técnico cedo se adiantou no marcador e ao impor um ritmi de jogo bastante rápido não deixou ao adversário qualquer hipótese de conquistar um único «set».

Os «universitários» reagiram e conseguiram reduzir a diferença que os separava dos adversários actuando assim dentro das suas possibilidades mais incapazes de contrariar o maior fundo técnico dos «engenheiros».

O 49.º aniversário do Hóquei C. Portugal

Realiza-se no sábado num restaurante da capital o banquete de confraternização dos sócios do Hoquei Clube de Portugal e comemorativo do 49.º aniversário do clube.

BILHAR

Campeonato de Lisboa da 1.ª categoria

No encontro disputado ontem, na Associação Lisbonense dos Amadores de Bilhar, a contar para o campeonato de Lisboa da 1.ª categoria, a uma tabela, Raul Vidal (Sporting) venceu Américo Torres (Benfica) por 200-197.

Mário Ribeiro (Benfica) continua no comando da classificação, seguido de Mário Machado (Benfica).

ANDEBOL

Campeonato de Lisboa da 3.ª divisão

Na jornada que ontem á noite se disputou, no Pavilhão da Ajuda, a contar para o campeonato de Lisboa de andebol da 3.ª Divisão, apuraram-se os seguintes resultados: Sporting da Penha-Rio de Janeiro, 24-17; Atlético-Liga de Algés, 24-16 e Caramão-Faculdade de Ciências, 23-23.

INSTITUTO DE LÍNGUAS DE ALGÉS

Rua dos Bombeiros Voluntários, 29, 2.º — ALGÉS
Telefone 21 49 10

INGLÊS — FRANCÊS — ALEMÃO
PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS

ABERTURA DE NOVOS CURSOS

CARTAZ DOS CINEMAS

MUNDIAL

(Adultos) Tel. 538743

Às 15.15, 18.30 e 21.45

Nada fascina tanto como um crime misterioso e uma mulher provocante ..

QUE IMPORTA MORRER

TECHNICOLOR

Kirk Douglas e Sylva Koscina

Metro **Estação Picoas**

ODEON

(M. 17 anos) Tel. 326283

HOJE: 15.15, 18.15, p. red. e 21.30

Um sensacional filme de acção explosiva

DEUS PERDOA... EU NÃO!

com o famoso **Terence Hill**

A história de uma bárbara vingança entre pistoleiros

Tecnicolor Tecniscope

SÃO LUIZ

(M. 17 anos) Tel. 327172

FESTIVAL DE TEATRO PARISIENSE

Às 6.15 da tarde e 10 da noite

Nicole Courcel e Michel Auclair

na comédia de **Jean Claude Carrière**

L'AIDE MÉMOIRE

ALVALADE

(Adultos) Tel. 763080

Às 15.45 e 21.45

Technicolor

o regresso de **Ingrid Bergman** que com **Walter Matthau** forma o par mais sensacional do momento

A FLOR DO CACTO

a mais deliciosa comédia cinematográfica do ano!

LIDO

Praça D. João I — AMADORA

(M. 12 anos) Tel. 937593

Às 21.30 horas

O espectacular filme em 70 m/m e som estereofónico

GUERRA E PAZ

2.º episódio — NATACHA

Versão integral russa do melhor filme do ano

IMPERIAL

(Adultos) Tel. 45933

[illegible] 2. horas

DIAMANTES AO PEQUENO ALMOÇO

TIRO DE AVISO

LIZ

(Adultos) Tel. 48560

[illegible] 21 horas

BYE BYE, BARBARA

O ESTRANGEIRO

IMPÉRIO

(Adultos) Tel. 555134

Às 15.15 e 21.30

3.ª SEMANA

KATHARINE HEPBURN é

A LOUCA DE CHAILLOT

com **Danny Kaye, Giulieta Massina, Paul Henreid, Yul Brynner, Charles Boyer e Richard Chamberlain**

ESTÚDIO

(M. 17 anos) Tel. 555134

Às 15.30, 18.30 e 21.45

A obra-prima de MARCEL CARNÉ

TRÊS QUARTOS EM NOVA IORQUE

com Annie Girardot

POLITEAMA

(M. 17 anos) Tel. 326305

Às 15.15, 18.15 p. red. e 21.30

3.ª SEMANA

do filme de grande classe espectacular

A PELE DE UM MALANDRO

com o famoso ídolo CLINT EASTWOOD

TIVOLI

(M. 12 anos) Tel. 50595

Às 3 e 6.15 da tarde p. red. **e 9.30 da noite**

EM 4.ª SEMANA

UM FILME INCOMPARAVEL

em TODD-AO cor de Luxe com

BARBRA STREISAND

HELLO, DOLLY

UMA MARAVILHA

VOX

(Adultos) Tel. 720803

Às 15.15, 18.30 e 21.45

QUE IMPORTA MORRER

com **Kirk Douglas, Sylva Koscina e Eli Wallach**

num filme de amor, violência e imprevisto!

R. Bulhão Pato (à Av. Roma)

RESTELO

(M. 17 anos) Tel. 610375

Às 21.30 h

Alan Bates — Dirk Bogarde

em

O HOMEM DE KIEV

Um filme vibrante e emotivo

EUROPA

(M. 17 anos) Tel. 661016

Às 15.15 e 21.30

Para o público que só aprecia o melhor

A QUADRILHA SELVAGEM

Technicolor — 6.ª semana

com **William Holden e Ernest Borgnine**

EDEN

(M. 12 anos) Tel. 320768

Às 15.15, 18.30 e 21.45

4.ª SEMANA

Com todo o seu humor inconfundível CANTINFLAS em

D. QUIXOTE SEM MANCHA

SÃO JORGE

(M. 17 anos) Telefs. 54 53/4

HOJE: Às 15, 18.15 e 21.30

Em 2.ª SEMANA

de um êxito fora de série

007 AO SERVIÇO DE SUA MAJESTADE

com **George Lazenby — Diana Rigg — Telly Savalas**

CONDES

Tel. 522523-326710

(Adultos)

7.ª SEMANA

Às 15.15, 18.15 e 21.30

NATHALIE DELON

Renaud Verley

O amor e o sexo. Uma mulher e um jovem

A LIÇÃO PARTICULAR

ROMA

(Adultos) Tel. 727778

As 15.30 e 21.30

O ÚLTIMO FILME DE JAMES BOND

2.ª SEMANA

007 AO SERVIÇO DE SUA MAJESTADE

com **George Lazenby e Diana Rigg**

Panavision — Technicolor

ESTÚDIO 444

(Adultos) Tel. 779095

Às 15.30, 18.30 e 21.45

8.ª SEMANA

A espantosa comédia de PIETRO GERMI

DIVÓRCIO À ITALIANA

com **Marcello Mastroiani**

AVIS

(Adultos) Tel. 47163

Às 15.30 e 21.45

Um policial de grande nível

MUITO PARA VIVER... POUCO PARA MORRER

com **Cláudio Brook — Daniela Bianchi**

Technicolor — Techniscope

CASINO ESTORIL

Às [illegible] horas (M. 17 anos)

A PRIMAVERA EM ROMA DE MRS. STONE

com **Vivian Leigh e Warren Beatty**

CHIADO TERRASSE

(M. 12 anos) Às 21 horas

A ESTRELA DO SUL

DEVAGAR NÃO CORRA

MONUMENTAL

(M. 12 anos) Tel. 555131

Às 15, 18.15 e 21.30

EM 5. SEMANA

GOODBYE, MR. CHIPS

com **Peter O'Toole, Petula Clark e «Sir» Michael Redgrave**

QUINZENA DE FICÇÃO CIENTÍFICA

Amanhã — Adultos — 18.30 h.

VIAGEM FANTÁSTICA

de Richard Fleischer

com Stephen Boyd, Raquel Welch e Donald Pleasence

Dia 16:

FRANKENSTEIN CRIOU A MULHER

(Adultos)

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

VASCO SANTANA — Às 21 e 45: «As mãos de Abraão Zacut» (17 anos).

S. LUIZ — Às 18 e 15 e 22: «Teatro Parisiense» (17 anos).

MARIA MATOS — Às 21 e 45: «Tombo no Inferno» (17 anos).

VILLARET — Às 21 e ás 23: «O vison voador» (17 anos).

MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e ás 23: «Esperteza saloia» (17 anos).

LAURA ALVES — Às 21 e 45: «Forja» (17 anos).

VARIEDADES — Às 20 e 45 e ás 23: «Peço a palavra» (17 anos).

CINEMAS

OLÍMPIA — Às 21: «Zorro, o rebelde» (12 anos).

CINEARTE — Às 21: «A minha profissão é matar» (17 anos).

IDEAL — Às 21: «Brincadeiras deveras» (12 anos)

PARIS — Às 21: «Eu amo-te, eu amo-te».

ORIENTE—Às 21: «Ânsia de amar» (17 anos).

SALÃO LISBOA — Às 21: «A pele de espião» (17 anos)

ARCO IRIS — Às 21: «Céu vermelho» (12 anos).

LUMIAR — Às 21: «À margem da lei» (12 anos).

● Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «Os 2 filhos de Ringo» (12 anos)

OEIRAS — OEIRAS - CINE — Às 21: «Ringo, herói do Texas» (12 anos).

PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «Todos contra um» e «Divórcio á americana» (17 anos)

ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 2[illegible] e 30: «A Primavera em Roma de Mrs. Stone» (17 anos).

CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «O estranho retrato de Jessica» (17 anos)

● Outra Banda

ALMADA — INCRÍVEL — Às 21 e 15: «Os 7 homens do Texas» (12 anos)

BARREIRO — CINE-BARREIRENSE — Às 21: «Sinfonia para um inimigo» (17 anos)

COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTÍSTICA — Às 21: «Átila» e «Sem piedade»

● Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30. «Conspiração internacional» (17 anos)

AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Ódio por ódio» e «Capitão Simbad» (12 anos)

QUELUZ — QUELUZ CINE — Às 21 e 15: «O Salto» e «Como matar sua mulher» (17 anos).

MEM MARTINS — CINE-CHABY —Às 21 e 30: «Passaporte para a morte» (17 anos)

PEÇO A PALAVRA —a revista do êxito

Continua em pleno êxito a revista «Peço a Palavra!», que os empresários Giuseppe Bastos e Vasco Morgado apresentam, todas as noites ás 20 e 45 e ás 23 horas, e, aos domingos, também ás 16 horas, no Teatro Variedades.

A Companhia inclui alguns dos melhores artistas dos nosso teatro ligeiro: Aida Baptista, Carlos Coelho, Eloína, Spina, Max, Anita Guerreiro e Vítor Espadinha, a atracção nacional António Calvário, um grande friso de discípulas e um grande «ballet» internacional.

Trata-se, sem duvida, de uma revista que, além de possuir vários numeros e quadros de irresistível comicidade, tem, ainda, uma montagem surpreendente de luxo e bom gosto, com a assinatura do artista Pinto de Campos.

BILHETES PARA «A RELÍQUIA» NO MARIA MATOS

No Teatro Maria Matos, onde, durante toda esta semana, continuarão as representações (a preços populares) de «Tombo no Inferno», de Aquilino Ribeiro, prossegue a venda de bilhetes para os primeiros espectáculos de «A Relíquia», de Eça de Queiroz, a estrear em breve.

PREPARA-SE O CARNAVAL DE SETÚBAL

SETÚBAL, 13 — Prometem grande animação os tradicionais festejos carnavalescos a pomover nesta cidade. A comissão encarregada da respectiva organização instituiu prémios monetários para as cégadas, os carros, os grupos e as máscaras (adultos e infantis).

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno J

AJUDA — Mendes Gomes, Calçada da Ajuda, 222 (638256) ✲ **Topada, Lda.,** Calç. da Tapada, 83-A (634721).

ALCÂNTARA — Ester Nogueira, R. de Alcântara, 5-A (637563).

ALMIRANTE REIS — Antolin, Ld.ª, Av. Almirante Reis, 88-B-C (44178) ✲ **Magalhões,** Av Almirante Reis, 4-D a 4-F (49479).

ALVALADE — Líbia, Av. da Igreja, 4-B-C (711681) ✲ **Marbel,** Av. de Roma, 181-A (776235).

AMOREIRAS — Amoreiras, Praça das Águas Livres, 8-D (681515).

AREEIRO — Lusitana, Av. de Roma, 18-A (725443) ✲ **Chinde,** Rua Agostinho Lourenço, 6-B (710381).

ARROIOS — Fonseca — R Carvalho Araujo, 46-B-C (841708).

AVENIDAS NOVAS — Providência, Rua D. Filipa de Vilhena, 9-C (770324) ✲ **Sá da Bandeira,** R. Marquês Sá da Bandeira, 36-42 (41961-54672) ✲ **Oliveira Viegas,** R. Viriato, 29-A (48966-553601).

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO—Zira, Pr. das Casas Novas, Lote 66 (310172).

BAIXA — Formosinho, P. dos Restauradores, 18 (30927) ✲ **Normal,** R. da Prata, 220 (321842-325553).

BENFICA — Benfilux, Est. de Benfica, 44-A (782606) ✲ **Pogresso, Ld.ª,** Estrada A-da-Maia, 64-C (702226) ✲ **Macedo,** Est. do Poço do Chão, 69-C (703697).

CAMPO DE OURIQUE — Linaida — Rua Ferreira Borges, 30 (660955) ✲ **Findor** — Rua D. Maria Pia, 514 (687949).

CAMPOLIDE — Ronil, R. Rodrigo da Fonseca, 153 (683438) ✲ **Zenel,** R. A. 182, Bairro da Liberdade (651840) ✲ **Nova,** R. de Campolide, 297-C (687475).

CAMPO DE SANTANA — Peninsular, Campo dos Mártires da Pátria, 117-118 (553308).

ESTEFÂNIA — Délio, Rua Açores, 32 (52388).

ESTRELA E LAPA — Neves, Suc., R. da Bela Vista, á Lapa, 37 (661251).

GRAÇA — Higiénica, R. Heliodoro Salgado, 20-A (844361).

LUMIAR — Patuleia, Herdeiros, R. do Lumiar, 122-124 (790382) ✲ **Douro,** Al. das Linhas de Torres, 93-A-B (791181).

OLIVAIS — Simão — R. Cidade de Cabinda, 16-A (310581).

PALHAVÃ — Canto, Est. das Laranjeiras, 202-B (780841).

PEDROUÇOS — Higilux, R. de Pedrouços, 50-52 (610280).

PENHA DE FRANÇA — Dalton, Av. Mouzinho de Albuquerque, 7-A (843571) ✲ **Europa,** Av. General Roçadas, 27-A-B (Tel. 843880).

PICHELEIRA — Marluz, Calç. da Picheleira, 140-B-C (720703) e 728395).

PRÍNCIPE REAL — Gonçalves, Ld.ª, R. da Rosa, 76-178 (362687).

REGO — Berne, Av. de Berna, 44-A (773568)

SANTO AMARO — Botânica, R. da Junqueira, 38-40 (638132).

S. BENTO — Micael, R de S Bento, 380-382 (662162) ✲ **Açoreana,** Largo do Conde Barão, 2 (661830).

DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Madre de Deus, R. do Margem, 15-B (382470) ✲ **Cruz de Malta,** L. do Chafariz de Dentro, 36 (866126) ✲ **Zema,** Rua General Justiniano Padrel (á Calçada dos Barbadinhos, 21 (832580).

SÉ — Santa Luzia, Rua da Saudade, 2-B (869831).

MOSCAVIDE — Santa Brbara, Rua Francisco Marques Beato, 45-A (2511234)

● Linha de Cascais

ALGÉS — Combatentes, Av. Comb. G Guerra, 66 (2 3953

CAXIAS — Nova — Rua Bernardim Ribeiro, [illegible]-A (Tel 242839)

PAÇO DE ARCOS — Trindade de Brás — Rua Costa Pinto 86 (Tel. 2432034)

OEIRAS — Godinho — R. Cândido dos Reis, 98 (Tel 2430090)

PAREDE — Grincho, Av. da República, 87-C (247 204)

ESTORIL — Marques dos Santos, R. Ferreira, [illegible]-A 5 (260 6)

CASCAIS — Cordeiro, Av Comb. G Guerra, 40 (Tel 280 70) ✲ **Nova** — Est de Alvide (Fontainhas) (Tel 28'044)

● Linha de Sintra

AMADORA — Melo, P D João I, Lote 146, Bairro Janeiro (Telef. 932756) ✲ **Central** Av Cardoso Lopes 25 (932210) ✲ **Igreja,** P. da Igreja, 22-A (Tel. 937740) ✲ **Jardim,** Av Conde de Oeiras, loja X-1 Reboleira (Tel 938424)

DAMAIA — Damaia — P. Alexandre Gusmão, 9-A (Telef 970523).

QUELUZ — Gil, Av Miguel Bombarda, 28 (Tel 950117) ✲ **Simões Lopes,** Av Elias Garcia, 51 (Tel. 950123).

CACÉM — Central — R. Elias Garcia 55 (Tel. 2940034).

MEM MARTINS — Quimia — Est. Mem Martins, 285 (T 2910012).

S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel 980456)

SINTRA — Marrazes, L Afonso de Albuquerque (Tel. 980058).

VENDA NOVA — Nova, R. Elias Garcia, 10 (Tel 933920).

COLARES — Colares — Abreu (Tel. 299088).

● Outra Banda

ALCOCHETE — [illegible] António dos Santos Jorge [illegible] (Telef. (234100)

ALHOS VEDROS — Gusmão — R. [illegible] dos Reis [illegible] 24020)

ALMADA — Saleno, R. Capitão Leitão 85 (276565

BAIXA DA BANHEIRA — Aliança — Est Nacional [illegible] Telefone 224302)

BARREIRO — Higiénica Rua D. Manuel [illegible], 78 (2[illegible]730 [illegible])

COVA DA PIEDADE — Império — Rua [illegible] [illegible]nça, [illegible] (Te [illegible]74350

MOITA — Silva Rocha — P da Republica, 6 (Tel 239029)

MONTIJO — Higiene Rua José Joaquim Marques [illegible] 230370).

SESIMBRA — Lopes — R Cândido dos Reis, 67 (Tel 229028)

SETUBAL — Bocageano — R. do Romeu (Te [illegible]3425) **Bairros** — B Santos Nicolau [illegible] 3330).

SEIXAL — Godinho — [illegible] Igreja 5 (Tel 22 8[illegible]

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

ÁGUA GÁS E ELECTRICIDADE — Companhia das Aguas, 861353 ✲ Companhias Reunidas, 537011 ✲ Gazcidla, 538821 ✲ Gazcidla idem e terrados 382069.

BOMBEIROS — Sapadores 322222 Voluntários, 538524

POLICIA e G. N. R — Serviços de emergência, 115 ✲ Segurança Publica, 866141 ✲ Judiciária, 535380 ✲ Marítima, 326456 ✲ Internacional, 362721 ✲ Viação e Trânsito, 42205 ✲ G.N.R. (área rural) 36865

SAUDE — Cruz Vermelha, 865342 ✲ Enfermagem permanente, 766161 ✲ Enfermagem de urgência 43738 ✲ Hospital de Santa Maria, 775171 ✲ Hospital de S José, 860131 ✲ Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 ✲ Transfusões, soros e oxigenio, 538524 ✲ Centro de Intoxicações (informativo), 767777 761176 e 763450.

TRANSPORTES—Aeroporto, 720111 ✲ Caminhos-de-ferro, (C. P.), 869029 ✲ Caminhos - de - ferro (Estoril) 861121 ✲ Estação fluvial (T Paço), 325345 ✲ Estação marítima de Alcântara, 668195 ✲ Estação Marítima da Rocha, 672445 ✲ Estação fluvial (Belém), 638511.

BOM APETITE

VIRIATO

RESTAURANTE CERVEJARIA SNACK-BAR COZINHA PORTUGUESA

Rua Tomás Ribeiro, 55-57

(Aberto até ás 2 h.)

Telefone 530758

restaurante arameiro

LISBOA

(Restauradores)

Trav. St.º Antão, 21

RIA

PRÉMIO DO S. N. I.

CERVEJARIA E RESTAURANTE

CHOUPAL

SERVIÇO REQUINTADO
AMBIENTE SOSSEGADO

AR CONDICIONADO, MÚSICA GRAVADA
ABERTO ATÉ ÀS 3.30 DA MADRUGADA

RUA DO SALITRE, 9 (junto ao Parque Mayer)

Telef. 42963

RESTAURANTE

QUINTA DE S. VICENTE

Telheiras de Cima, 144

Telef 790211

JANTARES DANÇANTES AOS SÁBADOS

c/ conjunto privativo

AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR

(Maiores de 15 anos)

Diário de Lisboa DL
Propriedade da Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal Continental, o céu estava muito nublado ou encoberto; o vento era fraco ou moderado de Sudoeste e chovia em alguns locais.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máximo: Tavira, 16°,5; mínimo: Penhas da Saúde, —1°.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS — Coimbra, 11°; Faro, 15°; Funchal, 18°; Lisboa, 13°; Penhas Douradas, 4°; Portalegre, 10° e Porto, 12°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 13°,5; na água do mar: 14°.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Períodos de céu muito nublado; vento fraco a moderado do quadrante Sudoeste, podendo soprar com rajadas; aguaceiros e possibilidade de trovoadas.

Amanhã
Nascer ás 8 e 54
Ocaso ás 18 e 38

Amanhã Dia 22 Dia 30 Dia 6

MARÉS:

PREIA-MAR: **Dia 13** — 8 e 28 (3,9 m); 20 e 57 (3,6 m). **Dia 14** — 9 e 19 (3,7 m); 21 e 56 (3,4 m). **Dia 15** — 10 e 17 (3,5 m); 22 e 58 (3,3 m). BAIXA-MAR: **Dia 13** — 1 e 36 (1,2 m); 14 e 15 (1,2 m). **Dia 14** — 2 e 30 (1,4 m); 15 e 20 (1,4 m). **Dia 15** — 3 e 37 (1,5 m); 16 e 21 (1,6 m).

Prof. Caldeira Cabral no júri das Olimpíadas de horticultura a realizar em Viena

Efectua-se na Áustria, em 1974, uma exposição internacional de Horticultura denominada «Floralies Internationales de Viena 1974», WIG 74.

A fim de transformar esta olimpíada da horticultura num acontecimento de vanguarda, a comissão organizadora da WIG 74 convidou arquitectos-paisagistas e arquitectos de vários países a participar num concurso de ideias para a sua efectivação.

Convidado a participar do juri de classificação, parte amanhã para Viena o prof. paisagista F. Caldeira Cabral, catedrático de Arquitectura Paisagista do Instituto Superior de Agronomia.

O julgamento dos acusados da morte da senhora de Viseu

VISEU, 13. — O tribunal judicial desta comarca marcou para sexta-feira, ás 15 h. o julgamento, em audiência colectiva, dos dois incriminados no envenenamento lento, causador da morte, em fins de Junho ultimo, da sr.ª D. Maria Madalena Elói Borges, de 33 anos, de Coimbra.

São arguidos o viuvo sr. Horácio Guilherme Borges e sua amante, a cunhada Maria Salomé Elói.

Um aspecto da mesa da presidência, no momento em que o eng.º Carlos Alves se dirigia a delegados e observadores

Os salários aumentaram 100 e 200 por cento (nos anos 60) na indústria e agricultura portuguesas

— disse o eng.º Carlos Alves na abertura do Seminário da O.C.D.E.

O eng.º Carlos Alves, presidente da Associação Industrial Portuguesa, afirmou esta manhã, na sessão de abertura do Seminário Patronal Internacional Sobre a Planificação da mão-de-obra nas Empresas, instrumento de adaptação á mudança que «na década de 60, os salários industriais aumentaram na escala aproximada de 100 por cento, enquanto os salários no sector agrícola se elevaram em cerca de 200 por cento, em Portugal».

«O custo de mão-de-obra, ao afastar-se das médias tradicionais está a converter-se, para o empresário português, num problema que exige um decidido esforço de adaptação, em organização técnica e produtividade, que lhe permita manter preços competitivos» — acrescentou, dirigindo-se, em francês, á assembleia, com cerca de oitenta delegados e observadores de 22 países.

O eng.º Carlos Alves disse ainda que «só nos podemos felicitar por este facto na medida em que traduz, não só a melhoria das condições de vida dos trabalhadores, mas também a integração de Portugal nos processos de evolução económica dos países desenvolvidos».

O dr. Nogueira da Silva, subsecretário de Estado do Trabalho e Previdência presidiu á reunião a que assistiu igualmente o dr. Augusto Viana Rebelo, presidente da Corporação da Industria, limitando-se a desejar o bom êxito dos trabalhos, a felicitar a escolha dos temas para discussão e a regozijar-se por o «meeting» se efectuar em Portugal.

O sr. David Christian, chefe da divisão de Assuntos Sociais da O. C. D. E. apresentou então o sr. Martin Kluge, presidente do «Comité» da Confederação Alemã do Patronato para a Planificação do Pessoal e Automatização, neste caso concreto presidente do Seminário, que num improviso de sete minutos expôs os objectivos da reunião.

«*Representamos um bilião de pessoas satisfeitas, mas temos a opor-se-nos dois biliões de pessoas que sofrem de fome e de má habitação*», disse. «*Estamos aqui reunidos não por uma questão de bons sentimentos para com essas pessoas, para sermos bons para eles. Vamos aqui tratar da autodefesa do desenvolvimento*». E repetiu: «*É uma questão de autodefesa da sobrevivência e não uma questão de sentimentos humanitários*».

Kluge, falando inglês, com forte sotaque germanico, acentuou:

—«*Estamos a ser pressionados por uma geração de agressivos jovens que nos criticam por estarmos ávidos de acumulação. Nós duplicamos o nosso rendimento num tempo muito pequeno. E esses jovens, apoiados por filósofos, exigem que alcancemos mais rápidamente o progresso tecnológico. Temos que responder a todo o Mundo e não apenas continuarmos a preocupar-nos com o nosso mundo satisfeito. Não nos esqueçamos que aqueles que trabalham são sobretudo os principais consumidores.*»

Kluge referiu-se depois ás vantagens do plano na economia sobre a economia planificada como importante factor de progresso, citando o exemplo japonês.

Após esta sessão inaugural, um intervalo de meia hora antecedeu o primeiro período de trabalhos, que foi preenchido com a exposição de Lee Brummet, professor de contabilidade da Universidade de Michigan (E. U. A.) sobre «Experiência de planificação da mão-de-obra», ensaio de uma contabilidade de recursos humanos, tentado por uma empresa americana.

A seguir ao almoço o sr. Nils Schjander, secretário-geral do Instituto Norueguês de Administração do Pessoal falou sobre «Estado actual da planificação da mão-de-obra ao nível de empresa em determinado país» e J. P. Makielski, coordenador do planeamento da mão-de-obra da Bendix Corporation (E. U. A.) e Vucht Tijssen, director da Fundação para a Administração de Pessoal (Holanda) expuseram «Experiência de planificação da mão-de-obra», dois casos de empresas de dimensões diferentes.

A reunião será encerrada na próxima sexta-feira.

O DESTINO DE OJUKWU

(Continuação da 1.ª página)

dos esta noite de Paris a bordo do avião de carreira não puderam entrar no território do Gabão por falta de vistos e tiveram de seguir no mesmo aparelho para Lusaka.

ASILO POLÍTICO NA ZÂMBIA

LUSAKA, 13 — (F. P.) — Um informador do Ministério dos Negócios Estrangeiros confirmou hoje de manhã que o conselho de ministros concedeu asilo político ao general Ojukwu, acrescentando que este asilo «limitaria a liberdade de acção do «leader» biafrense, em virtude de este se ter comprometido a não desenvolver qualquer actividade política no território zambiano.»

O informador indicou que, por razões de segurança, o Governo zambiano desejava que o general Ojukwu tomasse um avião para a Europa logo que lhe fosse possível.

Os representantes do Governo têm-se recusado a indicar a hora da chegada á Zâmbia do «leader» biafrense que viaja a bordo de um «Fokker de L'Amitie». Calcula-se, no entanto, que seja esta tarde.

DESLUSTRAGEM A SECO

Garantia absoluta, igualmente em limpeza a seco com acabamentos por alfaiate. Bastará ligar a 323422, Rua da Prata, 156, s/fl. (unico no género).

CONCURSOS PARA PROFESSORES DE MEDICINA

Na reitoria da Universidade de Lisboa prosseguiram hoje as provas para professores agregados do 6.º e 7.º grupos da Faculdade de Medicina de Lisboa, a que se apresentam respectivamente os srs. doutores Sales Luís e Eduardo Girão do Amaral, que deram lições sobre um tema á sua escolha. Os concursos continuam amanhã, com as provas de prática clínica.

MUITO FUMO, POUCO FOGO

Os Sapadores Bombeiros e os Voluntários Lisbonenses apresentaram-se, esta manhã, com aparato, na Avenida da Liberdade para atacar o incêndio declarado na cozinha do Café Lisboa. Felizmente, o fumo era muito mas o fogo era pouco. Tudo somado, as águas das agulhetas causaram mais estragos do que as chamas. Mas os bombeiros tinham razão: mais vale prevenir que remediar...

VENDEDORES DE AUTOMÓVEIS

ADMITEM-SE PARA TRABALHAR MARCA DE GRANDE REPUTAÇÃO.
ESTANDO EMPREGADO GUARDA-SE SIGILO.

RESPOSTA ENVIANDO «CURRICULUM VITAE» A ESTE JORNAL, RUA LUZ SORIANO, 44 AO N.º 508.

Diário de Lisboa
juvenil
N.º 656
DOS JOVENS PARA TODOS

UM POEMA EM OUTONO

Por MÁRIO RUI CORDEIRO

Outono corre pelo silêncio
das praias desertas que ameaçam os poemas
ainda teremos tempo para regressar
ao lume das florestas que correm pela montanha
é como se uma criança se suicidasse
e os homens acordassem como acordam as árvores
digo isto porque sei como morrem os olhos
de quem caminha pela noite
sem mais nada nas mãos além dos dedos

não esquecemos os lugares onde o trigo cresce
nem o mar que respiramos é igual
ao mar que regressa nas mãos dos outros
também o silêncio nos torna tristes
e as manhãs que conhecemos não são
as manhãs que ainda agora a meio da tarde nos
[separam
por isso digo que não nos esperam

sim conhecemos outras nascentes outros rios
e os rios não são iguais nem parecidos
e cada mão tem a sua cor e cada rosto
tem os gestos que semeou
é como caminhar contra o sol
e não ter mais palavras para dizer
que fiquem ao menos algumas árvores
um pouco de vento e algumas sementes.

POEMA

Por MARIA JOÃO GASPAR

amar
é atravessar
quando surge o sinal ver-
[melho

Cavalgar o corcel do sonho
e tentar acender
uma lampada fundida

Acreditar no Sol
e nas gargalhadas de um
[palhaço

DOS CIGANOS QUE EU VI

Por PEDRO CASTRO

1.

eram um corpo ou uma árvore ou um mar trazendo
no rosto
o cansaço das tardes sem bússolas nem mapas
e uma vaga fome de raízes nos lábios.
nas costas carregavam uma aldeia habitada por
múmias
assim
diziam da possibilidade de um país com fronteiras
do tamanho de túmulos.

2.

ramo a ramo se-construiram o telhado da eira velha
e em cada parede ferida colocaram uma pedra e
uma rosa
depois
sentaram-se no chão reflectindo gravemente sobre
as mãos
enquanto as crianças construiam barcos verdes de
cortiça
que lançavam solenemente ao rio.

3.

já setembro trazia uma nova primavera no ventre
quando os nenúfares escutaram a canção antiga
do vinho sobre a mesa
no tempo dos dias doentes

CARTAS ABERTAS A QUEM AS QUISER LER

1 — uma flor que não sei
e onde veio pousou nos
eus olhos. cheirava a san-
ue e a terra molhada. uma
or como o rosto duma mu-
er sòzinha na noite. uma
iança descalça passou por
im. o vento fazia os telha-
s das casas e as chaminés
s fábricas oscilarem. os-
larem como canas-da-ín-
a em frente duma janela
ropeia.

— gosto de estar só e
ra estou só. a cadeira
de estou sentado está em-
ulhada em silêncio. sinto
ntade de gritar: gosto de
tar só, mas tenho medo
e me ouçam. chamar-me-
m maluco tonto idiota e
tros nomes idênticos. mas
ue importa isso quando ca-
inhamos sós no mar? as
sas estão longe e as árvo-
s dormem. as ruas acа-
m e as pessoas morrem
na a uma lentamente co-
o fotografias e ressuscitam
pois ao mesmo tempo e
itam em coro. meu irmão
tu da cidade não sei onde
. não gosto de estar só.

3 — o vendedor de espe-
os diz que fez um bom
gócio. vendeu todos os es-
lhos. diz também que não
há nada arrependido de
r seguido esta profissão
is espelhos são coisas que
timamente se estão a ven-
r muito bem.

4 — porque gritam essas mulheres? porque mataram aqueles homens? mãe quando chove na cidade as ruas têm um gosto a sangue. as ruas são de sangue mãe. de sangue e vinho. chove na cidade. quando parará de chover mãe? — perguntou uma criança cega que uma mãe levava ao colo. eu fechei os olhos.

5 — hoje chegou um poeta à cidade. visitou os monumentos. olhou as flores das ruas e tirou fotografias. deu esmola a um pobre. almoçou num restaurante e depois enquanto fazia a digestão fez três poemas sobre a fome. comprou o jornal da manhã e partiu dizendo boa-tarde a todos. sorria. foi então que descobri tudo. como pode um poeta que visita monumentos que tira fotografias que almoça em restaurantes que sorri escrever poemas sobre a fome? não. hoje não chegou nenhum poeta à cidade.

6 — rebentou mais uma guerra — disse meu pai. eu era criança e perguntei-lhe: que são guerras? porque nascemos? porque morremos? que são explosões? o que é aquilo? porque chora aquele homem? porque ri o outro? o que é a vida?

então meu pai desviou os olhos do jornal e disse-me: se não acabas com essas estupidas perguntas levas duas bofetadas.

7 — hoje quando saí à rua vi pessoas carros vasos sem flores cães magros portas fechadas etc. um amontoado de coisas que gritavam cada vez mais alto. depois anoiteceu. não me lembro de mais nada. devo ter fugido.

8 — o rio encheu bastante com as ultimas chuvas. durante a noite cobriu mais cinco casas.

9 — caminhei por ruas desconhecidas que não me levaram a qualquer lugar. esta cidade é triste como uma criança sem sol.

10 — é tarde dizem. alguém diz é cedo. dizemos todos ainda há tempo. ainda há tempo para quê? — pergunta uma criança que brinca aos automóveis. não lhe sabemos responder. e nós somos crianças grandes que sabemos tudo. as pequenas que não sabem nada ou sabem muito pouco brincam aos cavalos e escutam-nos às vezes.

11 — irmão vamos ao rio. há quem lhe chame rio tejo. nós chamamos-lhe sòmente rio. anda ao rio irmão.

12 — também tu sabes a força duma palavra perdida no silêncio. no silêncio que fica quando alguém subitamente se cala. quando alguém que conhecíamos por dentro pára antes de percorrido o ultimo rio. e só mais tarde sentimos a sua falta. e então choramos e então ninguém nos ouve e então sentimos que o sol é pouco que tudo é pouco quando habitamos verdadeiramente as nossas mãos.

13 — plantar as mãos. aceitar com elas o que a manhã nos traz. exigir o que não nos deram. plantar os olhos e ver para além das florestas. plantar a boca e dizer palavras. retirar delas as canções que ainda ninguém cantou. plantar hoje e colher amanhã.

14 — sim. nós sabemos o verdadeiro significado da palavra amor e amamos e se o que soubermos mais tarde tiver de ser chorado choraremos. sim. nós sabemos a verdadeira finalidade do mundo porque nós procuramos também sermos nós próprios e no fundo o importante é ser verdadeiro. sim é isso. o importante é saber onde começa a vida e o amor.

POEMA (PARA TI A CONSTRUÇÃO DA CIDADE)

Por MANUEL ANTÓNIO COSTA

prefiro falar-te das paredes que os olhos
[pintam pela primeira vez
e das presenças ceifando por momentos
uma seara inteira no choro duma criança
cansarmos as nossas mãos brancas sem saber como
inventarmos a cor das coisas que espreitam
[o nosso gesto

queres saber amor os corpos nas estações
e estes trapos que apenas te desenham na boca
[a direcção do vento

o conhecimento da cor dos teus olhos plenamente
na redonda melodia dos dedos em conflito
declarado às esquinas da cidade.

PANORAMA

■ A BIBLIOTECA NACIONAL, NO SEU NOVO EDIFÍCIO NO CAMPO GRANDE, PRIMA PELA AUSÊNCIA de leitores. Motivos? Talvez...

a) falta de interesse do publico pela leitura;

b) se bem que servida por razoável quantidade de meios de transporte, o novo edifício encontra-se um pouco «fora de mão»;

c) o horário de leitura: de 2.ª a 6.ª feira das 10 ás 21 horas e aos sábados das 10 ás 13 horas. Ora a maioria dos habitantes da cidade saem dos empregos ás 18 ou 19 horas. Se juntarmos o tempo para viagens, para jantar, reparamos que lhe fica muito pouco para ir á biblioteca.

E depois lá vêm as perguntas, como aquela que o Jacinto Baptista formulou há meses no «Diário Popular»: **«Que é dos leitores do meu país estranho onde estão eles que não vêm ler.»**

Veja-se agora o numero de leitores que a sala de leitura geral da nova biblioteca registou:

	Número de leitores		Volumes requisitados
MAIO	1338	.....	3607
JUNHO	1773	.....	5492
JULHO	1716	.....	5776
AGOSTO	1394	.....	5212
SETEMBRO	1371	.....	5236
OUTUBRO	1625	.....	5181

● EM MUITAS REGIÕES DA NOSSA PROVÍNCIA, NA SUA QUASE TOTALIDADE, AS CRIANÇAS NÃO ASSISTEM AOS PROGRAMAS INFANTIS, por razões que se prendem com o horário dos mesmos e com as condições em que se efectua o acesso ao televisor. Este, situado em lugares publicos (tabernas, cafés, colectividades populares, etc.), abre geralmente para a programação adulta, a partir do jantar. As crianças acompanham os familiares á televisão para assistir aos programas destinados a estes. Propõe-se uma intensa campanha (...) mas essa campanha será inutil e contraproducente se não se melhorar a qualidade da programação infantil e juvenil.

— O nosso comportamento colectivo em relação á infância e á juventude compara-se muito á nossa posição frente aos «Lusíadas»: temo-nos preocupado muito com a divisão de orações, em lugar de extrairmos a verdadeira riqueza que lá se contém... (MATILDE ROSA ARAÚJO).

Impõe-se portanto (...) que os programas infantis e juvenis tenham por finalidade explorar a riqueza espiritual do público a que se destina, com apresentação sugestiva e estéticamente válida. Para já não será demasiado pedir-se meia hora de programação infantil. A maioria dos participantes do colóquio votou pelo horário compreendido entre as 19.45 e as 20.15 horas.

— DIÁRIO DE LISBOA, reportagem do colóquio «A criança portuguesa e a televisão».

QUE É DOS LEITORES DO MEU PAÍS ESTRANHO ONDE ESTÃO ELES QUE NÃO OS VEJO

● NÃO VAMOS SER NÓS QUE VAMOS NEGAR O LUGAR QUE FRANK SINATRA irá ocupar — ou já ocupa — na História da música ligeira. Mas que não gostamos dele, isso podemos e queremos declarar. Por muitas e variadas razões, que seria moroso e, quiçá, desnecessário aqui registar.

Ultimamente Sinatra tem vindo a demonstrar um «gosto» pelo comercialismo fácil, pela canção que possa vir a ser absorvida pelo mais «vulgar» dos ouvintes, canções de gosto dúbio como é o caso de «Strangers in the night». E agora, mais recentemente, dedica-se a interpretar «arranjos» de obras consagradas de autores jovens e válidos.

É o caso de nos ter chegado ao ouvido uma «adaptação» em ritmo de «swing» — ou lá o que é — dum trecho dos «Simon and Garfunkel» — «Mrs. Robinson», considerada pelo «Em Órbita» como a melhor gravação do ano de 68 e **«o mais acabado retrato de uma pequena e média burguesia que é norte-americana como podia ser europeia e universal».**

É que custa muito ouvir o belo poema de Paul Simon na voz dum senhor que dá pelo nome de Frank Sinatra, que põe os corações das «meninas bem» da Costa do Sol aos saltos e que tem uma grande preferência pelo dinheiro ganho fácilmente.

É como se de repente — e se isso alguma vez fosse possível! — o António Mourão ou a Maria Pereira desatassem a cantar José Gomes Ferreira, ou qualquer outro poeta do nosso País que não lê poetas mas que já os vai ouvindo, noutras vozes, que não aquelas, é claro.

● ENTENDO QUE A MISSÃO DO PROFESSOR NÃO SE PODE LIMITAR A UMA presença nas aulas, em mondo logo tantas vezes falho de sentido. Ele deve ser também um elemento preponderante na formação dos jovens, um auditor atento para as suas observações, um permanente dialogante. Alguns professores universitários já tiveram oportunidade de provar que essa era a unica via construtiva, capaz de aplanar dificuldades e esclarecer situações.

— DEPUTADO CORREIA DA CUNHA, na Assembleia Nacional

MARIA MANUELA

Por JOSÉ FREIRE ANTUNES

maria manuela: habitaste este planeta
este fogo donde te escrevo — hoje li
cinco flores que murcharam agora vou
publicar a tua libertação
agora manuela vou cantar (me) (te) no
desespero
estrada negra ou os teus cabelos
eu sei que o alcatrão é dos carros
eu sei que lá não se plantam flores
mas porque é que lá estavas? porquê?
diz. foge, manuela. foge. olha o pousio.
depressa. liberdade. manuela...
(parêntesis) maria manuela não morreu
mataram-na. sim tu viste o corpo crescendo
terrível na estrada negra ou os teus cabelos
este é o meu cântico
maria manuela minha irmã

3 POEMAS

de João Clemente

o medo é uma vontade de partir na larga cons-
[ciência
modificar o leme dum barco de naufrágios
pensando na voz dos corpos que chegam e se vão
mas não ficar até que o tédio te devolva a raiz
[das ideias
percorre bem essa palavra desocupada e solidi-
[fica-a

★

a dor é coisa que pára nos ossos
faz devolver a cinza à terra
no entanto os poetas ainda cantam as flores na
[primavera
e esquecem-se dos corpos em putrefacção
é coisa que pára nos ossos
digo-te
mesmo que me possas estender a tua mão

★

a noite é longa como foi o dia
não diferem pela cor
o tempo pode ser o mesmo na fome ou na abun-
[dância
e as crianças fazem-nos chorar
pelas mãos e pelos olhos
até que rompa a semente dum outro tempo

ALGUMAS NOTAS INTERPRETATIVAS SOBRE A POESIA DE FRANCISCO JOSÉ CRAVEIRO SEGUIDAS DE CERTO ESCLARECIMENTO AO MESMO

Por GILBERTO SANCHO

Não raras vezes a descrição de um simples objecto apresenta riqueza poética que poderá ser interpretada conforme o contexto social onde este mesmo objecto funciona. Assim teremos uma poesia objectual (na ausência do objecto) onde a palavra na sequência dos versos, vai modelando mais ou menos precisamente a intenção do poeta. A palavra, por vezes, abandonada na frase passa a traduzir pela sua própria carga significativa ou expressiva a imagem necessária á composição do poema. Teremos assim uma poesia onde a ausência de flexibilidade terminológica vem criar um quadro poético essencialmente rígido e incisivo pois a palavra desnuda todo o resíduo significante porventura subjacente ao motivo inspirador. Será, portanto, a poesia-da-palavra sem mais ornamentos, onde as motivações surgem tal como são, tal como acontecem.

Vêm estas considerações a propósito dos poemas de Francisco José Craveiro que temos vindo a ler neste suplemento. Parece-me que realmente se trata de um poeta-pesquisador de uma nova forma de expressão. Pela leitura dos seus trabalhos ficamos com a noção de que assim é. Exceptuando dois poemas que me parecem menos conseguidos, todos os outros se integram numa busca daquele material, demasiado esquecido poèticamente, como meio revelador, na criação.

Os poemas acumulam toda a série de acontecimentos que estamos habituados a viver no dia-a-dia, que nos passam desapercebidos nesta turbulenta luta quotidiana — «à porta em cada andar está um / tapete mas as pessoas (quase) / nunca o utilizam.»

Os poemas que li foram: «Contar a história» Juvenil-586; «Fundo de poço», Juvenil-609 «Terramoto», Juvenil-613; «O Pobre», Juvenil-618; «O divã», Juvenil-640; «A escada», Juvenil-642; e ainda «4 Poemas» prémio Fósforo Ferrero 7.ª semana.

«Terramoto» e «Fundo de poço» são, em meu entender, os poemas mais fracos. Francisco J. Craveiro introduz aqui determinados elementos que vêm alterar a estrutura central dos poemas, criando alternância narrativa quando deveria ter mantido a rigidez total. Por exemplo em «Terramoto» os versos finais «...está o Mediterrâneo / ainda assim não é um / mar pequeno levará muito / tempo a secar», embora venham completar a ideia da sequência anterior (o mar seria o cemitério) fogem ao clima menos irónico mais «destruidor» dos versos anteriores. Nestes versos finais noto uma certa quebra de ritmo pois a imagem de imensidão vem alterar com a sua quietude de mar, a «cidade destruída», ou seja, o ambiente de «terramoto».

Em «Fundo de poço» os versos: «saíram todos a correr» e «um deles estava aflito / o morto devia-lhe um conto de réis», encontram-se, segundo penso, um tanto deslocados no poema. «Saíram todos a correr», surge como simples nota explicativa que será fàcilmente dispensada se tivermos em conta os versos que a antecedem e os que imediatamente se lhe seguem. «Um deles estava aflito / o morto devia-lhe um conto de réis», enquadra-se no mesmo espírito de intencionalidade do verso que anteriormente assinalei e será, portanto, dispensável dada a sua insuficiência expressiva para criar ou ambiente de tensão psicológica ou situação propícia ao desencadeamento de «humor negro» (se assim me posso exprimir). Contudo uma outra hipótese interpretativa poderá contradizer as minhas considerações anteriores.

Essa hipótese é a seguinte: tanto o verso «saíram todos a correr», como os versos «um deles estava aflito / o morto devia-lhe um conto de réis», estão perfeitamente enquadrados na estrutura do poema. As razões, dir-se-á, são as seguintes: «saíram todos a correr» não está isolado no poema pois o verso «cansaram-se e abalaram» vem confirmá-lo, formando assim antítese; «um deles estava aflito / o morto devia-lhe um conto de réis» encontra-se intrinsecamente ligado aos versos iniciais «apareceu a gritar / pedindo uma corda / parece que caíra / um homem no poço». Esta hipótese apresenta apenas fundamento lógico, pois a segui-la não encontro justificação para o verso final «o homem ainda estava no fundo do poço.» E porque não encontro justificação?

Penso que este verso final representa a essência do poema, ou seja, era só isto que o poeta queria dizer, mas para chegar a dizê-lo construiu toda a ambiência anterior. Nessa construção introduziu os termos que achou mais convenientes. Ora parecem-me infustificados os

Mais um aspecto quero salientar nesta poesia: o material utilizado. As próprias palavras, gestos, atitudes, reacções, daqueles que são criticados formam o material necessário. F. J. C. aproveita-se das próprias armas do inimigo para atacá-lo. Nasce assim uma poesia objectiva e incisiva. Depressa a entendemos na sua concreticidade, embora tais características passem despercebidas a muita gente e, principalmente, àqueles que se agarram ainda ao poder subjectivo dos poemas, ás imagens introvertidas que «tocam apenas a sensibilidade passiva» de cada um.

Quero ainda salientar que as referências iniciais a uma poesia objectual surgiram não como objectivo fundamental, mas como meio de comparação para estas simples notas interpretativas (2).

II

Li as observações que Francisco J. Craveiro fez ao meu trabalho sobre Samuel Beckett. Parece-me necessário esclarecer os meus propósitos nesse trabalho, pois julgo que não fui compreendido.

1 — Diz F. J. C. que o meu artigo carece de bases informativas, pois limito-me «...ao que quase todos os jornais já disseram...». Parece-me óbvio recordar que a informação que dou nesse artigo foi aquela que me pareceu mais justificável, pois, tanto Luís Francisco Rebelo como Redondo Júnior são dos poucos críticos e estudiosos de teatro com algum valor que possuímos entre nós (3); para mais eu não sou teatrólogo e, portanto, não iria levantar um trabalho exaustivo sobre a obra de Beckett. Acrescento que Samuel Beckett nasceu a 13 de Abril de 1906 (4).

2 — Em seguida F. J. C. diz: «...fazes uma série de perguntas, quanto a mim, não tendo nada a ver com o Beckett». Volto a recordar o que disse no meu artigo, «... para aqueles de bom entendimento, penso que estas referências finais terão algum sentido» (5).

3 — Para F.P.C. não causa grande admiração que nenhuns dos colaboradores do «Juvenil» se encontre capacitado para apresentar um trabalho sobre Beckett — Ionesco — Adamov, mesmo «esquemàticamente», como digo no meu artigo. As razões que apresenta são: «... não haja nenhum colaborador á altura de fazer um trabalho dessa natureza. É que, a fazer-se, deve ser bem feito — o que, antes de mais, exige uma cultura muito grande». Quanto a mim, só me entristece que existam pessoas capazes de não se admirarem com coisas destas. Num País como este, é inconcebível que um jovem fique passivamente á espera que o trabalho sobre Beckett — Ionesco — Adamov caia do céu muito certinho. Argumentar com a necessidade de «... uma cultura muito grande» é o mesmo que negar aos jovens todas as possibilidades de trabalho. Os jovens são incultos, e a culpa não é deles. Portanto, deixá-los assim, pois até se esquecem da força que representam.

4 — Diz F. J. C. em seguida: «Quanto á tua pergunta de termos «eternamente juvenis...» chamo-te a atenção para a primeira alínea do regulamento (para ti anacrónico) se são jovens que dão os primeiros passos, não se poderá exigir um nível excelente aos seus trabalhos». No meu artigo considerava anacrónica precisamente a primeira alínea do Regulamento» e não o «regu- importante atender este ponto. Para mim anacrónica é toda a coisa que está fora do tempo, que perdeu significado frente aos imperativos do presente, às exigências do futuro. Neste âmbito não existem jovens a dar os primeiros passos no campo artístico-literário. Existe, isso sim, um país onde os jovens pensam não possuir outra solução senão manterem este «remendo» que é o «Juvenil», pois bastaria abrirem-se mais variados, amplos e eficazes campos de acção para que andássemos todos bem direitos, sem nos vexarmos por nos considerarem «as criancinhas que dão os primeiros passinhos nas letras». Eu, por mim, também não pugno pela apresentação de trabalhos com «...um nível excelente...»

Contudo não justifico esta minha opinião com esse argumento «dos jovens que dão os primeiros passos». Justifico-o de maneira bastante diferente e até bem simples: dada a complexidade do fenómeno artístico, dada a variedade e riqueza de opiniões que uma simples leitura dum livro pode suscitar, penso que não podemos falar em termos de «...um nível excelente...» de trabalhos, mas sim em termos de raciocínio, aprendizagem pela experiência, trabalho individual ou de grupo e, acima de tudo, responsabilidade suficiente para sabermos autocriticarmo-nos e nessa medida podermos criticar os outros.

5 — «Admitindo que o Juvenil não tem evoluído — o que não acredito — não é daí que vem o maior mal ao mundo. Repara que evoluindo os colaboradores — não lês a recepção? — estes não ficam eternamente (agora é que é) a colaborar no Juvenil. Este é apenas um meio para divulgar os seus primeiros trabalhos. «Ora segundo a opinião de F. J. C. a não evolução do Juvenil não é facto de grande importância. Então se o Juvenil não evolui, como é que poderão evoluir os seus colaboradores na medida em que são estes que dão vida ao suplemento? Raramente leio a recepção e mesmo que a lesse semanalmente a minha opinião seria esta: o que evolui (=aumenta) são os colaboradores e não a colaboração. Portanto, o suplemento «evolui» quantitativamente, mas não qualitativamente. Se os colaboradores «... não ficam eternamente... a colaborar no Juvenil» e «Este é apenas um meio para divulgar os seus primeiros trabalhos», pergunto: para onde seguem esses colaboradores? Será que o «Juvenil» está integrado nalgum processo de formação dos jovens? Ou será que F. J. C. não reparou ainda que este suplemento se encontra completamente isolado, distante de qualquer base concreta de integração para os jovens? Se o «Juvenil» se limita a divulgar os primeiros trabalhos melhor seria que não existisse.

6 — «Ainda sobre o «desactualizado» regulamento, lerei com interesse os próximos números, a ver se sugeres um mais actualizado». Esta frase de F. J. C. vem confirmar que, realmente, não compreendeu o que eu queria dizer. Considero «desactualizado» e também reaccionário esse «Regulamento», pois não

(Continua na página seguinte)

O PRIMEIRO DISCO DE MÁRIO PIÇARRA

Por JOÃO CLEMENTE

É com muito agrado que desejo dizer alguma coisa sobre um disco, saído há pouco, de mais um novo que vem, com certeza, com a intenção de dar mais uma achega á nossa musica mais caseira.

Chama-se Mário Piçarra e apresenta-nos 4 canções com musica de sua autoria: «Pastoral», «Borboleta Preta», «Porque» e «Poema do Mar». Os poemas são, respectivamente, de José Gomes Ferreira, do próprio Mário Piçarra, de Sophia de M. Breyner e de Glória Sant'Ana.

Nota-se um abuso na repetição de certos versos em que não se enriquece nada a parte musical. São simples repetições que até causam enfado, como acontece no principio de «Borboleta Preta», que nos dá a ideia de que o disco tem falhas. No «Poema do Mar» aparecem versos como:

«o corpo é vestido de buzios
e algas
e deixa na areia um rasto
de prata»

ou a tão famigerada «noite escura». Verifica-se também o pouco cuidado com a gravação em geral e com a dicção em certas palavras. No entanto, posso considerar «Porque» uma das canções que mais me impressionaram ultimamente. A musica, o poema e interpretação são de uma simplicidade e verdade que nos apontam um caminho a seguir. Era só isto o que eu queria dizer.

P. S. — O Mário Piçarra não colaborou já no «Juvenil»?

A ALEGRIA DE DIOGENES

Por MANUEL BRAZ SARAIVA

1. quando o maná é suficiente

Pusera o despertador e agora estava pronto. Sentiu-se a molhar a cara. Ultrapassou a biblioteca (espalhada) e o velho tapete. Não sei se sorriu quando foi á janela e piscou os olhos; começava a vida. Diógenes estava novamente pronto. O quarto: pobre e sujo; indiferente. O pó, as beatas e todo o resto dependia dele. Ás segundas, a senhora Rosa cuidava da roupa suja. A roupa não era muita e a senhora Rosa era uma jóia de mulher que não sabia ler porque nunca ouvira falar em infancia. Além disso sempre soubera que a professora (que Deus a tenha no seu eterno descanso) punha as pernas manchadas para uma semana. Mas falava de Diógenes. Aos domingos cortava a barba crescida de sete dias e aparecia no unico café do sitio com a unica gravata antiga. E quando mostrava a camisa aos quadrados, os amigos riam alto e aprovavam de modo inequivoco o seu bom-gosto, ao mesmo tempo que lhe davam as palmadas sempre indispensáveis, que nós portugueses, e demais latinos, herdámos. Graças a Deus. Os amigos bebiam tinto em taças. Verdade, verdadinha, é que parecia mal beber-se vinho por copos, e um café não é uma tasca! Para borracheiras já bastava a taberna do ti Francisco da esquina que, todos os domingos ostentava, ritualmente, o grande ramo de loureiro como um troféu sacro. Tentavam todos falar em unissono, sem o conseguirem, ainda que alguns abanassem a cabeça como se dessem ouvidos. Depois, jogavam a sueca e cuspiam no chão restos de cigarro. No fim alguém pagava a despesa — o fiança acabara desde que ninguém pôs mais á vista nos Torreiros e a ti Maria fizera uma fita no largo e muitas juras — e iam todos felizes para casa acordar as mulheres já deitadas e chatear os filhos. Pelo Natal, e todos os anos, a tia amiga do Brasil mandava-lhe muitos beijinhos e o cartão lindo, que, depois, guardava sob o travesseiro, religiosamente. Diógenes não tinha filhos. Tão-pouco era casado. Quando era miudo detestava aqueles grandes pulos que a malta lá do sitio chamava bailes; entretinha-se com os tiros e com os rebuçados até estoirar o dinheirito que a avó lhe dera com um beijo e ficar com os olhos tristes ensonados (gostava muito do cheiro do carbureto, e isso, ultimamente, tornava-se uma mania). E como para engatar era necessário entrar a roda, e a Ermelinda nunca tomaria qualquer iniciativa, ficou solteiro. Provávelmente chegou a resignar-se. Nunca ninguém o soube.

2. as descobertas e os rumos

Um belo dia Diógenes olhou á sua volta e para além das casas caiadas. E pensou. Quis gritar, correr as quintas vizinhas até esquecer os pés enlameados e saciar a sede nova, a sobrepressão, no ribeiro cheio de agriões. E Diógenes chegou á conclusão que procurava porquês e «outras formas» que, nem a tasca nem o café da ti Maria respondiam. Nem sequer a pancada no final dos copos, que diziam necessária. Começou por desprezar as caras convencionais e isolou-se, macambuzio. Na aldeia já havia quem o chamasse louco e quem jurasse, por todos os santos e pelos filhos ausentes, tê-lo encontrado a falar sózinho, no caminho da fonte. Entretanto, os amigos do café deixaram de ver a camisa aos quadrados. Mas as taças continuavam. E os grandes arrotos também.

Naturalmente, sem ambiguidades ou puxar os cabelos, a ansiedade de Diógenes era um facto. A nova forma, o «outro lado» que procurava insistentemente e cuja força estivera submersa, levara-o á pintura. Diógenes buscava o «grande porquê» na arte. A arte que agora, ele, Diógenes, queria que inundasse o Universo; seria um trampolim para o «grande porquê», chegara a dizer a um dos raríssimos amigos que exitava em apelidá-lo de maluco, embora não o compreendesse. O Zé não queria saber dessa coisas de doidos, dessas «politicas» — «o qu'é preciso é a sueca no ti Francisco e ter a côngrua em dia», dizia, enquanto emborcava mais um tinto. Ele sabia que as duas mãos e os dez dedos, muito brancos, já não eram os mesmos, ainda que fossem. Porém, a vontade forte e a hiperteimosia sobremostravam-se. A luz alta entrava-lhe no corpo como uma nódoa bem tinta, bem negra, que lhe assava o braço sempre renovado. O traço era exacto e o sorriso tomava essência. Frequentemente sentia arrepios, interrogando-se se naquele pincel não estaria o neo-sorriso e a razão de confusas e estranhas meditações. Mas o destino tinha os seus caprichos, impossíveis de cotrariar. E dia após dia Diógenes experimentava, ainda pacientemente, a nova forma, outra essência, outro sorriso, que saíam inuteis. Diógenes achava-se irrealizado. Totalmente insaciável. E todas as noites mais uma tela deixava de ser. Os passos eram quotidianamente repetidos, como se um grande papel químico separasse as horas; o cavalete, as cores, o cesto dos papéis abarrotado.

Uma manhã, não muito distante, o sino da capela antiga soaria protestante e Diógenes desceria ao solo. O preto-preto abraçaria a aldeia e as casas seriam lineares, quase rindo, quase chorando, como manda a tradição. Então, Diógenes cairia muito no subconsciente, como todos os coitados. E o ramo de loureiro perduraria para todo o sempre.

Entretanto, pusera o despertador e agora estava pronto.

ALGUMAS NOTAS SOBRE A POESIA DE F. JOSÉ CRAVEIRO

(Continuação da pág. anterior)

foram os jovens quem o fizeram. Além disso, os jovens nem sequer têm voz activa na orientação de um suplemento que se diz ser deles para todos. Alguma vez F. J. C. foi convidado a participar nalguma reunião onde se debatessem problemas do «Juvenil»?; alguma vez lhe foi enviado ou circular, ou inquérito, ou simples pedido de opiniões para uma remodelação do suplemento? Penso que já é tempo de todos nós exigirmos participação activa naqueles locais que são nossos.

7 — «Pelo que escrevi compreenderás, certamente, que não vi grande interesse no teu artigo. Para dizer o que os outros dizem, lá estão os papagaios (servindo-me de uma expressão de Alice Vassalo Pereira)» — faço minhas as tuas palavras.

---

(1) Não cheguei a destrinçar os três conceitos que apresento: ironia ambígua — lúdico humorístico — tendência sádica. Para outro vez, e com mais material, tentarei exprimir-me melhor, até porque o poeta em si, não se definiu ainda.

(2) Este trabalho, tal como está, apresenta-se bastante incompleto, não passando de uma simples tentativa interpretativa, aliás compreensível, dadas as caracteristicas do material existente para análise.

(3) Seria útil F. J. C. ler a «Introdução» (principalmente págs. 15 a 20) do livro de Luís Francisco Rebelo «Imagens do Teatro Contemporâneo».

(4) Peço perdão por ter-me esquecido de indicar esta nota no meu artigo anterior. Tentarei publicar a «árvore genealógica» de Samuel Beckett, para, ao menos, dizer o que poucos jornais, talvez, disseram.

(5) Chamo a atenção de F. J. C. para uma nota publicada num dos últimos «Panorama».

GILBERTO SANCHO

DOCE NOVEMBRO

Por ISABEL MARIA ALVES

Sabes
As crianças continuam a correr
Na sequência
Da imaginação do cineasta
Eu
Também quero fazer um filme
E hei-de pôr crianças a correr
Como estas
E na languidez
Da imagem
Nem se hão-de ouvir os passos delas
E hão-de ver-se
Setecentos e trinta e duas
Bocas abertas
A rir risos de crianças
Como eu
E vou-te confiar um segredo:
O filme só há-de acabar
Quando o Sol derreter
Essas crianças
E secar
A nossa imaginação.

A BONECA DE LOIÇA

Por LUÍSA DE BRITO PIRES

Quando eu tinha três anos, a minha madrinha que era muito rica foi a Espanha e trouxe-me uma boneca de loiça muito bonita, com castanholas nas mãos e um vestido encarnado ás bolinhas brancas. Eu nunca brinquei com ela, pois a minha mãe guardou-a sempre na caixa e só quando eu fazia anos ou ia lá gente é que ela ma deixava mostrar. Quando o meu pai teve dinheiro para comprar uma televisão (porque até aí só ouvíamos os folhetins e os serões para trabalhadores) eu pedi á minha mãe, para pôr a boneca espanhola em cima da televisão, que eu prometia não mexer nela, nem para limpar o pó, e a minha mãe fez-me a vontade, pôs primeiro um pano bordado a ponto de cruz e depois a boneca por cima. Eu gostava muito que ela estivesse ali, porque os vizinhos, principalmente a filha da D. Hortense, a Tininha, que sempre teve inveja de mim, olhavam muito para a boneca de loiça e diziam que era muito bonita. Eu nunca pude mexer na boneca, porque a minha mãe, tinha-me sempre a vista em cima e se ma partisse, já a Tininha não a cobiçava. Quando entrei para o liceu, no segundo período pedi á minha mãe que me deixasse levar a boneca para as minhas amigas verem, porque eu fartara-me de falar nela lá na aula. Como tive bom num ponto de português, deixaram-me levar a boneca na caixinha para eu mostrar ás meninas da minha aula. Eu tive um grande desgosto, porque as minhas amigas disseram que a boneca era pirosa, para eu a mandar para o ferro-velho, que aquilo já não se usava. Eu saí do liceu muito triste e já não gostava da boneca, levava-a debaixo do braço, mas queria deitá-la fora. Ela ainda está em cima do televisor, mas eu agora só vejo o pano bordado a ponto de cruz.